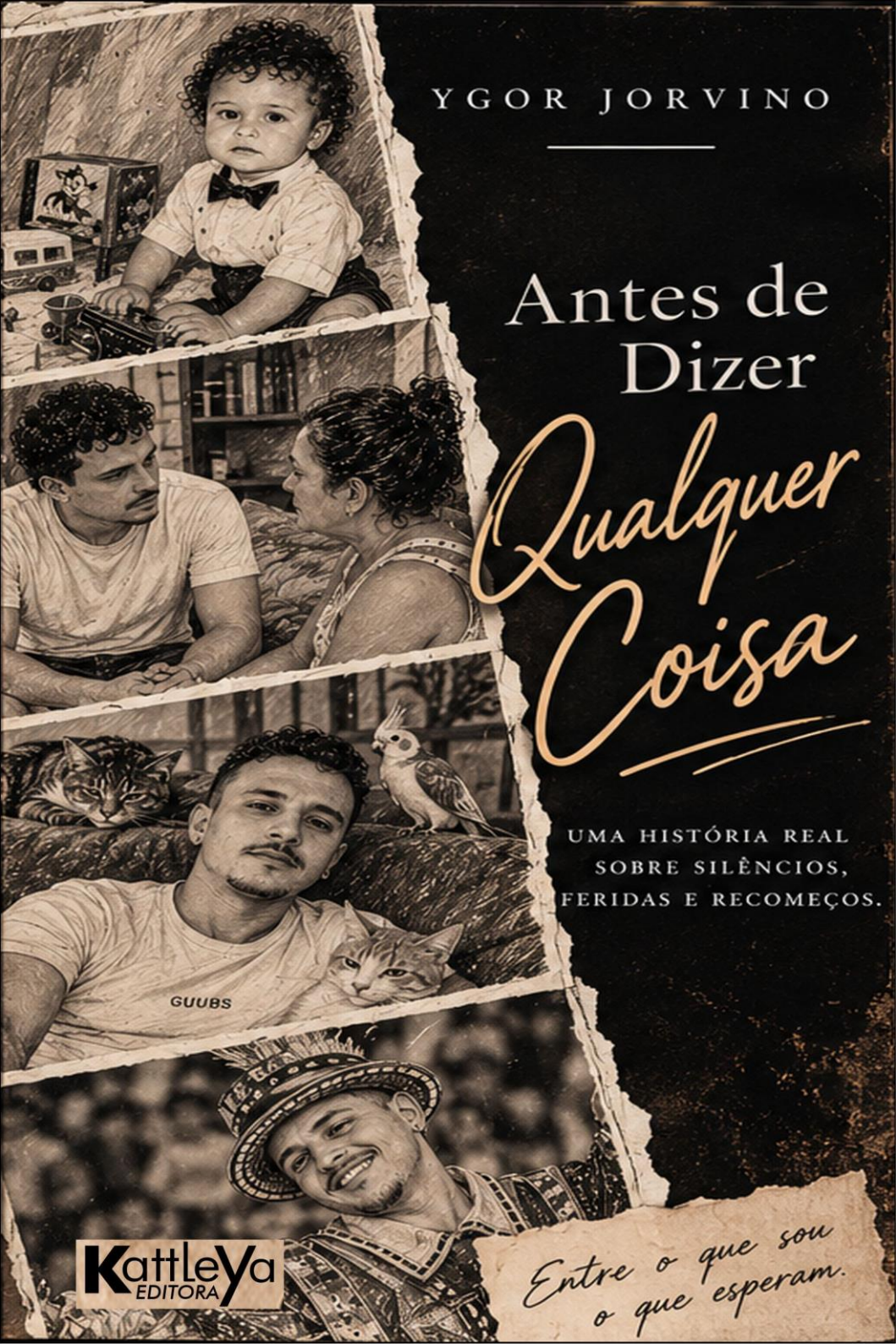

YGOR JORVINO
Antes de Dizer
Qualquer Coisa
UMA HISTÓRIA REAL SOBRE SILÊNCIOS, FERIDAS E RECOMEÇOS.
GUUBS
KattleYa EDITORA
Entre o que sou o que esperam.

ANTES DE DIZER QUALQUER COISA

DIREÇÃO EDITORIAL: Luciele Vieira da Silva
DIAGRAMAÇÃO: Fernanda da Silva Lopes
REVISÃO TEXTUAL: Aécio de Paula
CAPA: Editora Kattleya

O conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor, incluindo o padrão textual, o sistema de citação e referências bibliográficas.

Os direitos autorais desta obra pertencem exclusivamente ao autor. A obra é disponibilizada sob a licença **Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)**, conforme autorização expressa do autor. **Saiba mais:** https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt-br

Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05
Antares, Maceió - AL, 57048-230
Site: www.editorakattleya.com
E-mail: editorakattleya@gmail.com

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

J82a

Jorvino, Ygor

Antes de dizer qualquer coisa / Ygor Jorvino. – Maceió-AL: Kattleya, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-65-83366-42-9

1. Biografia. I. Jorvino, Ygor. II. Título.

CDD 920

Índice para catálogo sistemático

I. Biografia

Ygor Jorvino

ANTES DE DIZER QUALQUER COISA

Maceió-AL
2026
KattleYa EDITORA

Direção Editorial

Luciele Vieira da Silva

Comitê Científico Editorial

Dr. Edson Hely Silva
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Brasil)

Dra. Adlene Silva Arantes
Livre Docente pela Universidade de Pernambuco - UPE (Brasil)

Dr. Augusto César Acioly Paz Silva
Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)

Dr. João Paulino da Silva Neto
Universidade Federal de Roraima | UFRR (Brasil)

Dra. Ana Maria de Barros
Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Ana Maria Tavares Duarte
Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dr. Rodrigo Octavio D'Azevedo Carreiro
Universidade Federal de Pernambuco, campus Recife da UFPE, Brasil

Dra. Tânia Maria Goretti Donato Bazante
Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Kalline Flávia Silva de Lira
Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF | (Brasil)

Prof. Me. Laudemiro Ramos Torres Neto
Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)

Prof. Me. Denivan Costa de Lima
Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Dr. José Luís Romero Hernández
Universidade Nacional Autônoma do México | UNAM (México)

Me. Ruth Nitzia Botello Ortiz
Instituto Politécnico Nacional | IPN (México)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Genilda Alves da Silva.

À mulher que, mesmo diante de tantas dificuldades, encontrou forças para continuar.

Que enfrentou perdas, renúncias e caminhos que nem sempre escolheu, mas que, à sua maneira, nunca deixou de lutar pelos filhos.

Se hoje consigo olhar para minha história e encontrar palavras para contá-la, é porque, antes de tudo, existiu uma mulher que me deu a vida e fez o que pôde com aquilo que a vida lhe ofereceu.

Nem sempre soubemos compreender um ao outro. Houve momentos difíceis, palavras que machucaram e sentimentos que ficaram guardados. Mas também houve cuidado, presença e uma história que nenhuma dificuldade é capaz de apagar.

Mãe, este livro também carrega partes da sua vida.

Dedico estas páginas à senhora, com amor e reconhecimento por tudo o que enfrentou, por tudo o que vivemos e por tudo o que ainda estamos aprendendo a compreender.

À memória de meu irmão Ivan Florentino Alves; à minha irmã Ivone, que tantas vezes foi uma segunda mãe, ao meu pai José Carlos Jorvino da Silva; aos meus irmãos Ítalo, Ingrid e Guilherme; aos meus sobrinhos; a Maria Cícera, a meus tios(as); em especial, Aline Zeferino e Josenilton, Carlos André, Micaella Ferreira, Alais Waleria, Romério Santos, aos familiares, amigos e pessoas que, de

diferentes maneiras, caminharam comigo, me acolheram e fizeram parte da minha história.

"Nem tudo o que dói sabe falar."
— Ygor Jorvino

Todo comenzó aquí...

SUMÁRIO

PREFÁCIO..... 12

CAPÍTULO 1
Antes de Dizer Qualquer Coisa..... **14**

CAPÍTULO 2
O Silêncio Não Foi Escolha..... **22**

CAPÍTULO 3
Coisas que Acontecem Cedo Demais..... **34**

CAPÍTULO 4
Entre o Que Senti e o Que Me Tornei..... **46**

CAPÍTULO 5
Afeto Não É Abrigo..... **58**

CAPÍTULO 6
O Que Nunca Soube Onde Guardar..... **67**

CAPÍTULO 7
Entre o Que Sou e o Que Esperam..... **79**

CAPÍTULO 8
Falar Também Assusta..... **88**

CAPÍTULO 9
Quando Contei a Primeira Vez..... **102**

CAPÍTULO 10
Cuidar da Dor dos Outros..... **118**

CAPÍTULO 11
Recomeçar Também Dá Medo..... **127**

CAPÍTULO 12
Entre Amores e Despedidas..... **135**

CAPÍTULO 13
Entre os Que Partiram e os Que Ficaram..... **145**

CAPÍTULO 14
O Tempo Também Transforma..... **158**

CAPÍTULO 15
Um Dia de Cada Vez..... **169**

CAPÍTULO 16
Enquanto Escrevo, Meu Coração Dança..... **185**

CAPÍTULO 17
Entre a Vida e as Despedidas..... **202**

CAPÍTULO 18
O Que Ainda Preciso Dizer..... **213**

PREFÁCIO

Este livro não foi escrito de uma vez.

Ele foi sendo acumulado em silêncio, enquanto eu aprendia a seguir em frente sem entender exatamente o que carregava.

Escrevo porque algumas histórias não pedem explicação – pedem espaço.

E porque há dores que só se organizam quando encontram palavras, mesmo que ainda saiam com cuidado.

Aqui não existe intenção de ensinar, convencer ou expor.

O que existe é uma tentativa honesta de compreender o que ficou guardado por tempo demais. Algumas lembranças aparecem nítidas; outras, apenas como sensação. Respeitei ambas.

Alguns nomes, tempos e situações foram preservados.

Não por medo da verdade, mas por respeito aos limites – meus e dos outros. Nem tudo o que é real precisa ser dito de forma direta para ser verdadeiro.

Este livro fala de silêncio, mas também de escuta.

De aprender a cuidar da dor alheia enquanto a própria ainda buscava lugar. De existir sem saber se haveria acolhimento – e assim continuar.

Se você seguir adiante, não encontrará respostas prontas.

Talvez encontre perguntas que também são suas.

E, se em algum momento algo aqui tocar fundo, saiba:

Certas histórias não pertencem apenas a quem as escreve.

Elas pertencem a quem reconhece.

CAPÍTULO 1

Antes de Dizer Qualquer Coisa

Aprendi cedo a ficar em silêncio.

Não aquele silêncio tranquilo, mas o outro — o que a gente constrói para sobreviver. Ele se instala devagar, ocupa os cantos do corpo e, quando percebemos, já parece parte de quem somos.

Às vezes me pergunto em que momento comecei a guardar tantas coisas dentro de mim. Não consigo encontrar uma resposta exata. Talvez porque tudo tenha acontecido aos poucos, enquanto eu crescia, conhecia pessoas e tentava entender o mundo à minha volta.

Sempre fui uma pessoa curiosa. Gostava de aprender, de observar, de descobrir coisas novas. Mas, ao mesmo tempo, existia em mim uma preocupação constante com o que os outros poderiam pensar ou dizer. Antes de tomar determinadas decisões, eu já imaginava a reação das pessoas.

Era como se a opinião dos outros tivesse mais importância do que aquilo que eu realmente sentia.

E assim fui aprendendo a deixar minhas próprias vontades para depois.

Não sei quantas vezes deixei de falar alguma coisa por medo de ser interpretado de maneira errada. Quantas vezes concordei quando, na verdade, queria dizer não. Quantas vezes tentei me encaixar em situações nas quais eu mesmo não me sentia confortável.

O mais difícil é perceber que, depois de algum tempo, a gente começa a acreditar que essa é a maneira correta de viver.

Há noites em que me sento na beira da cama e fico ali, sem fazer nada. O dia termina, mas dentro de mim ainda

há peso. Não é barulho. É acúmulo. Como se tudo o que nunca foi dito escolhesse aquele momento para existir.

Nesses momentos, minha cabeça parece voltar a lugares que eu acreditava ter deixado para trás. Penso nas pessoas que passaram pela minha vida, nas decisões que tomei, nas palavras que ouvi e, principalmente, naquelas que nunca tive coragem de dizer.

Às vezes fico tentando entender por que determinadas situações ainda mexem tanto comigo.

O tempo passou. Eu cresci, amadureci, conheci pessoas, trabalhei, conquistei coisas que um dia pareciam distantes. Mas nem sempre crescer significa compreender tudo aquilo que aconteceu.

Existem sentimentos que continuam dentro da gente, mesmo quando a vida parece estar seguindo normalmente.

Meu corpo sempre funcionou.

Levanto, trabalho, falo quando é preciso, sustento pessoas em instantes em que elas acreditam estar desmoronando. Poucos sabem — e talvez isso seja irônico — que aprendi a ser forte observando a fragilidade dos outros.

O que ninguém vê é o esforço constante de parecer inteiro.

No meu trabalho, convivo com pessoas que estão vivendo momentos difíceis. Escuto histórias, acompanho despedidas, vejo lágrimas e tento encontrar palavras que possam trazer um pouco de conforto.

Aprendi a acolher, a respeitar a dor e a compreender que cada pessoa sente de uma maneira diferente.

Mas, em determinados momentos, me pergunto por que consigo encontrar palavras para confortar alguém e tenho tanta dificuldade de encontrar essas mesmas palavras quando se trata de mim.

Talvez porque seja mais fácil cuidar daquilo que conseguimos enxergar.

A dor dos outros chega até mim através de palavras, gestos e lágrimas. A minha, muitas vezes, permanece guardada em um lugar que nem eu sei explicar.

E não é porque eu não queira falar.

É porque, durante muito tempo, aprendi que precisava resolver tudo sozinho.

Existem partes de mim que nunca souberam onde ficar. Não porque fossem grandes demais, mas porque não havia espaço seguro. Algumas verdades exigem chão firme. Eu cresci aprendendo a andar em terrenos instáveis.

Quando penso na minha infância, percebo que muitas coisas poderiam ter sido diferentes. Não digo isso porque gostaria de apagar minha história. Afinal, tudo o que vivi, de alguma maneira, participou da construção de quem sou hoje.

Mas existem experiências que uma criança não deveria precisar compreender sozinha.

Naquela época, eu não tinha a maturidade que tenho agora. Não sabia identificar determinados sentimentos e muito menos explicar o que estava acontecendo dentro de mim.

Eu apenas vivia.

Brincava, estudava, observava as pessoas e tentava encontrar meu lugar.

Enquanto isso, algumas coisas iam ficando guardadas, sem que eu soubesse exatamente o que fazer com elas.

Por muito tempo confundi adaptação com identidade. Achei que viver era isso: ajustar-se, caber, não incomodar. O medo nunca foi exatamente de ser quem eu era — foi do que poderia acontecer se percebessem.

Talvez essa tenha sido uma das partes mais difíceis da minha caminhada.

Eu queria ser aceito. Queria estar perto das pessoas, fazer parte das conversas, dos encontros, dos momentos simples que tornam a vida mais leve.

Mas havia sempre alguma coisa me fazendo pensar duas vezes.

Será que estou agindo corretamente?

Será que vão gostar de mim?

Será que estou decepcionando alguém?

Durante anos, tentei ser aquilo que imaginava que esperavam de mim. E, nessa tentativa de agradar, fui deixando de prestar atenção no que eu próprio precisava.

Não percebia o quanto isso me cansava.

Afinal, ninguém consegue passar a vida inteira tentando corresponder às expectativas dos outros sem, em algum momento, sentir falta de si mesmo.

Há memórias que não voltam como imagens, mas como sensações. Um aperto no peito sem nome. Uma vigilância constante. Uma maturidade que chega cedo demais e não pede permissão.

Algumas lembranças aparecem quando menos espero.

Pode ser durante uma conversa, ao passar por determinado lugar ou simplesmente quando estou sozinho, pensando na vida.

Nem sempre consigo compreender por que elas voltam. Algumas são tão antigas que parecem pertencer a outra pessoa, a uma versão de mim que ficou distante.

Mas basta um pensamento para perceber que ainda estão aqui.

Durante muito tempo, achei que precisava esquecer determinadas coisas para conseguir seguir em frente. Hoje começo a entender que talvez não seja uma questão de esquecer, mas de encontrar uma maneira de conviver com aquilo que fez parte da minha história.

Não quero passar o restante da minha vida fugindo de mim mesmo.

Quero conseguir olhar para trás sem sentir que preciso esconder tudo aquilo que vivi.

Demorei anos para entender que nem todo silêncio é escolha.

Alguns são ensinados. Outros, impostos. E há aqueles que carregamos porque ainda não sabemos se o mundo aguenta ouvir.

Durante muito tempo, imaginei como seria se as pessoas conhecessem determinadas partes da minha história.

Será que compreenderiam?

Será que me olhariam de maneira diferente?

Será que conseguiriam enxergar a pessoa que sou hoje sem me definir apenas por aquilo que aconteceu no passado?

Não tenho respostas para todas essas perguntas.

Talvez nunca tenha.

Mas começo a perceber que o medo da reação dos outros não pode continuar decidindo tudo por mim.

Hoje, quando estou sozinho, percebo o quanto me custou chegar até aqui sem me perder completamente. Ainda assim, há partes minhas que permanecem à margem, esperando o momento certo — ou apenas um pouco menos de medo.

Olho para a minha trajetória e reconheço que enfrentei situações que, em determinados momentos, pareciam maiores do que eu.

Houve dias difíceis, escolhas que me fizeram sofrer e períodos em que me senti perdido. Mas também existiram pessoas importantes, amizades verdadeiras, momentos felizes e conquistas que merecem ser lembradas.

Minha vida não foi feita apenas de tristeza.

E faço questão de reconhecer isso.

Porque, apesar de tudo, eu também sorri, amei, fiz planos, realizei sonhos e encontrei motivos para continuar.

Ainda estou aprendendo a valorizar essas partes da minha história sem precisar negar as outras.

Não escrevo porque sei tudo sobre mim.

Escrevo porque já não consigo fingir que não sei nada.

Durante anos, algumas palavras ficaram presas dentro de mim. Outras chegaram a existir em pensamento, mas nunca tive coragem suficiente para pronunciá-las.

Agora, enquanto escrevo, percebo que contar uma história também exige enfrentar aquilo que tentamos evitar.

Não sei como será para as pessoas que conheço encontrarem determinadas partes de mim nestas páginas.

Talvez algumas se surpreendam. Outras talvez compreendam sentimentos que nunca conseguiram perceber.

Mas espero que, antes de qualquer julgamento, consigam enxergar que existe uma pessoa por trás de cada palavra.

Uma pessoa que também teve medo, que errou, que tentou acertar e que, acima de tudo, desejou ser compreendida.

Talvez este livro seja apenas isso:

uma tentativa tardia de organizar o que ficou espalhado dentro de mim por tempo demais.

E, quem sabe, aprender a existir sem pedir desculpas.

CAPÍTULO 2

O Silêncio Não Foi Escolha

Eu não aprendi a ficar calado.

Eu fui ficando.

Aquele ambiente, o lugar, o medo. Eu só ficava olhando. Na minha cabeça surgiam pensamentos que me deixavam confuso. Eu não sabia exatamente o que se passava — e, ao mesmo tempo, sabia. Ou talvez tivesse medo demais para admitir.

Quando tento voltar àquela época, percebo que algumas lembranças continuam muito presentes. Outras aparecem de maneira confusa, como se minha mente ainda estivesse tentando compreender aquilo que aconteceu.

Eu era apenas uma criança.

Tinha minhas curiosidades, minhas brincadeiras, minhas vontades. Ainda estava descobrindo o mundo e aprendendo a confiar nas pessoas que faziam parte dele.

Naquela idade, a gente não imagina que determinadas experiências podem acompanhar nossa vida por tantos anos.

Tudo parece acontecer no momento presente. Não pensamos no amanhã, nas consequências ou nas marcas que algumas situações podem deixar.

Eu era pequeno demais para entender tudo.

Então fui deixando as coisas acontecerem. Era como ganhar doce de um adulto: algo que parecia gentil, quase inofensivo. A mente do outro me fazia relaxar, mesmo estando nervoso, inseguro. Eu não conseguia dizer não. Antes mesmo de tentar, eu era interrompido pelas palavras.

Hoje, olhando para trás, percebo o quanto era difícil compreender aquela mistura de sentimentos.

Existia o medo, mas também a confusão. Eu não sabia como reagir, o que dizer ou a quem procurar.

Uma criança nem sempre consegue identificar quando alguma coisa está errada, principalmente quando a situação envolve alguém que parece saber exatamente o que está fazendo.

Às vezes, o silêncio não acontece porque não existe vontade de falar.

Ele acontece porque faltam palavras.

Porque não sabemos como começar.

Porque temos medo de que ninguém compreenda.

E, principalmente, porque ainda não temos maturidade suficiente para entender a dimensão daquilo que estamos vivendo.

Durante muito tempo, carreguei perguntas que não conseguia responder.

Por que aquilo aconteceu?

Por que eu não consegui reagir?

Por que sentia tanto medo?

Hoje consigo olhar para aquela criança com uma compreensão que não tinha na época. Sei que ela não possuía os mesmos recursos que um adulto tem para reconhecer uma situação, procurar ajuda ou se proteger.

Mas chegar a essa compreensão levou tempo.

Quando passo por aquela casa, lembro de tudo o que vivi ali. São memórias que não se apagam.

Elas não avisam quando vão voltar — simplesmente vêm à tona. Sei que não fui o primeiro e nem serei o último. Mas cada vivência é única. E cada silêncio pesa de um jeito diferente.

É estranho perceber como determinados lugares continuam existindo normalmente, enquanto, para algumas pessoas, carregam significados que ninguém consegue enxergar.

Para quem passa, pode ser apenas uma casa.

Uma construção como tantas outras.

Mas, para mim, existe uma história naquele lugar.

Uma história que durante muitos anos permaneceu guardada, mesmo quando eu tentava pensar em outras coisas.

O tempo passou, a vida mudou e eu também mudei. Ainda assim, algumas lembranças parecem não acompanhar essa passagem do tempo.

Elas permanecem.

Não necessariamente todos os dias, nem da mesma maneira. Mas estão ali, fazendo parte de uma história que eu não escolhi viver.

Por muito tempo me calei. Fui crescendo e me tornando uma pessoa séria. Não ria muito. Com o tempo, passei a ter consciência das coisas, mas o que havia acontecido antes já não podia ser desfeito. E o medo continuava ali. Eu não sabia a quem procurar, com quem conversar, nem o que pensariam de mim se eu contasse.

Acredito que uma das maiores dificuldades era imaginar como as pessoas reagiriam.

Eu não sabia se acreditariam em mim, se fariam perguntas que eu não conseguiria responder ou se simplesmente não saberiam o que dizer.

Também tinha medo de que, depois de contar, alguma coisa mudasse na maneira como me enxergavam.

Então guardava.

E, quanto mais tempo passava, mais difícil parecia encontrar coragem para falar.

Às vezes, eu pensava que talvez já tivesse passado tempo demais. Que seria melhor deixar tudo como estava e continuar vivendo.

Mas existem coisas que não desaparecem simplesmente porque decidimos não falar sobre elas.

Sempre fui aquela criança esperta. Gostava de brincar, sair com os amigos, estudar. Era curioso, aprendia só de observar. Mas cresci carregando um vazio dentro de mim. Sentia falta da minha paternidade, e sempre que a tinha por perto, parecia que eu estava recebendo o melhor presente do mundo.

A presença do meu pai tinha um significado muito grande para mim.

Não era preciso acontecer alguma coisa extraordinária. Às vezes, o simples fato de estar perto já era suficiente para me deixar feliz.

Eu queria aproveitar aqueles momentos, sentir aquela presença, ter a sensação de que também possuía aquele cuidado.

Quando somos crianças, nem sempre sabemos explicar o tamanho da falta que alguém faz.

Apenas sentimos.

E eu sentia.

Talvez por isso determinados momentos fossem tão importantes. Porque, de alguma maneira, preenchiam um espaço que permanecia vazio em outras ocasiões.

Ao mesmo tempo, eu continuava sendo uma criança cheia de interesses. Gostava de observar como as coisas funcionavam, aprender com as pessoas e descobrir habilidades novas.

Existia em mim uma vontade muito grande de conhecer o mundo.

E é importante lembrar disso.

Porque minha infância não foi feita somente de momentos difíceis. Também existiram brincadeiras, amizades, descobertas e lembranças que guardo com carinho.

Eu não quero que tudo aquilo que vivi de doloroso apague as coisas boas que também fizeram parte da minha história.

O tempo passava. As pessoas — assim como eu — foram crescendo. Conheci novos amigos, compartilhei momentos bons e ruins. Construí amizades que levo comigo até hoje. Mas nunca contei tudo o que vivi na infância. Minha infância não foi barulhenta.

Foi vigiada.

Eu observava muito.

Prestava atenção nas palavras, nos comportamentos e na maneira como as pessoas reagiam a determinadas situações.

Em muitos momentos, parecia mais fácil escutar do que falar.

Enquanto meus amigos viviam suas próprias descobertas, eu também tentava compreender sentimentos que não sabia dividir com ninguém.

Isso não significa que eu estivesse triste o tempo inteiro.

Eu participava das brincadeiras, conversava, estudava e vivia momentos felizes.

Mas havia uma diferença entre aquilo que as pessoas conheciam sobre mim e o que eu realmente carregava.

Era como se existissem duas partes da minha vida.

Aquela que todos conseguiam enxergar.

E aquela que permanecia guardada.

Ninguém percebeu que eu só precisava de perguntas simples:

"Tá tudo bem?"
"Posso te ajudar em algo?"
"Quer conversar?"

Eu sentia vontade de falar, mas o medo sempre foi maior. O silêncio tomava conta de mim e me fazia desistir toda vez que eu pensava em abrir a boca.

Às vezes, imagino como teria sido se alguém tivesse percebido que alguma coisa não estava bem.

Não precisava ser uma conversa longa, nem uma pergunta difícil.

Talvez bastasse alguém demonstrar que estava disposto a me ouvir, sem pressa e sem julgamentos.

Mas também reconheço que eu havia aprendido a esconder muito bem aquilo que sentia.

Nem sempre demonstrava.

Nem sempre chorava.

E, quando alguma coisa me incomodava, muitas vezes preferia ficar sozinho até conseguir me recompor.

Hoje compreendo que nem toda criança consegue pedir ajuda da maneira que os adultos esperam.

Às vezes, ela demonstra através do comportamento, do silêncio, do medo ou de mudanças que passam despercebidas.

Eu queria falar.

Mas não sabia como.

Com o passar do tempo, comecei a notar olhares diferentes. Pessoas se afastando. E eu só queria entender o que estava acontecendo. O que havia de errado comigo. O que eu tinha feito para aquilo acontecer.

Eu tentava encontrar respostas dentro de mim.

Relembrava situações, pensava nas minhas atitudes e me perguntava se havia feito alguma coisa que pudesse explicar determinados comportamentos.

Era difícil compreender o afastamento das pessoas quando eu mesmo ainda estava tentando entender quem era.

Em muitos momentos, desejava apenas ser tratado com naturalidade.

Queria participar, conversar, rir e me sentir parte dos lugares em que estava.

Mas a insegurança fazia com que eu questionasse até aquilo que deveria ser simples.

E, aos poucos, fui aprendendo a me preocupar demais com a maneira como era visto.

Eu me via em um mundo cheio de incertezas.

Um choro sem lágrimas, porque eu não conseguia colocar nada para fora. Não sabia expressar o que se

passava dentro de mim. Em alguns momentos, me repudiava. Em outros, só queria fugir — esquecer de tudo e de todos.

Existiam momentos em que eu desejava começar de novo.

Não necessariamente mudar de lugar, mas encontrar uma maneira de viver sem carregar tantas perguntas.

Eu queria compreender meus sentimentos sem ter medo deles.

Queria olhar para mim mesmo e enxergar alguém que merecia ser feliz.

Mas nem sempre conseguia.

Quando passamos muito tempo tentando esconder determinadas partes da nossa história, podemos acabar acreditando que existe alguma coisa errada conosco.

E essa sensação pode acompanhar diferentes fases da vida.

Hoje sei que aquela criança não precisava sentir vergonha pelo que viveu.

Ela precisava de proteção, de acolhimento e de alguém que a ajudasse a compreender que não era responsável por aquilo que lhe aconteceu.

Eu me preocupava mais com os outros do que comigo mesmo.

No fundo, eu só queria um ombro.

Um abraço apertado que me permitisse, finalmente, deixar escorrer as lágrimas que ficaram presas por anos, sem encontrar caminho pelo meu rosto.

Talvez essa tenha sido uma das necessidades que mais demorei para reconhecer.

Eu queria ser ouvido.

Não queria que alguém resolvesse toda a minha vida, encontrasse explicações para cada sentimento ou dissesse exatamente o que deveria fazer.

Queria apenas sentir que poderia falar sem precisar me defender.

Que alguém conseguiria me escutar até o fim.

Que eu não precisaria esconder o choro ou fingir que estava tudo bem.

Durante muito tempo, associei a ideia de ser forte à capacidade de suportar as coisas em silêncio.

Achava que precisava continuar, independentemente do que estivesse sentindo.

E continuei.

Mas hoje percebo que ser forte também pode significar reconhecer quando alguma coisa machuca.

Pode significar pedir ajuda.

Pode significar aceitar que nem sempre conseguimos enfrentar tudo sozinhos.

Eu não precisava de respostas naquela época.

Precisava de alguém que percebesse.

Mas ninguém percebeu.

E eu segui crescendo assim: aprendendo a engolir o choro, a organizar a dor em silêncio, a cuidar do mundo enquanto o meu permanecia desorganizado por dentro.

Com o passar dos anos, fui assumindo responsabilidades, conhecendo pessoas e construindo minha própria caminhada.

A vida exigia que eu continuasse.

E eu continuava.

Havia compromissos, sonhos, planos e pessoas importantes que faziam parte dos meus dias.

Mas crescer não apagou automaticamente aquilo que eu havia vivido.

Em determinados momentos, ainda encontrava dificuldade para falar sobre meus sentimentos. Preferia resolver as coisas sozinho, mesmo quando precisava de apoio.

Não era falta de confiança em todas as pessoas.

Era um costume que havia se formado ao longo de muitos anos.

Eu havia aprendido a guardar.

E desaprender isso não seria tão simples.

Há marcas que não aparecem no corpo.

Elas se instalam no jeito de olhar, no cuidado excessivo, na dificuldade de pedir ajuda.

Hoje, quando penso naquela criança, gostaria que ela soubesse que não precisava compreender tudo sozinha.

Que o medo que sentia não diminuía seu valor.

Que aquilo que aconteceu não deveria definir quem ela seria pelo restante da vida.

Talvez eu ainda esteja aprendendo a dizer essas coisas para mim mesmo.

Porque escrever sobre o passado também significa encontrar partes nossas que ficaram esperando por muito tempo.

E nem sempre é fácil olhar para elas.

Existem lembranças que ainda não consigo colocar em palavras. Outras precisam ser contadas aos poucos,

respeitando o tempo que levei para conseguir compreendê-las.

Não quero transformar minha história em uma sequência de tristezas.

Quero contar como vivi, como cresci e como, apesar de tantas dúvidas, continuei procurando meu lugar no mundo.

Talvez algumas pessoas nunca compreendam completamente o que senti.

Mas espero que, ao ler estas páginas, consigam perceber que por trás de uma criança calada pode existir uma história que ninguém conhece.

E que, muitas vezes, aquilo que parece ser apenas timidez, seriedade ou distância pode esconder uma necessidade muito maior de acolhimento.

O silêncio não foi escolha.

Algumas coisas acontecem quando a gente ainda não sabe se defender.

Elas não pedem licença, não explicam, não esperam a idade certa.

Apenas ficam.

E é sobre isso que preciso falar agora.

CAPÍTULO 3

Coisas que Acontecem Cedo Demais

Demorei anos para entender o que aconteceu.

Na época, eu só sentia.

Não sabia como agir, como parar, o que dizer. As coisas simplesmente iam acontecendo, e eu me deixava levar. Quando percebi, já não havia como voltar. Eu era pequeno demais para compreender, mas grande o suficiente para sentir medo.

Por muito tempo, pensei que o silêncio fosse escolha. Hoje entendo que ele foi proteção — e também falha. Fui mais uma vítima. E não é fácil para uma vítima falar. O medo pesa mais que as palavras, e o silêncio acaba se tornando a única resposta possível.

No começo, nada parecia errado. Era assim que as coisas se apresentavam: simples, comuns, sem aviso. Só depois o corpo começou a estranhar. Só depois veio a confusão.

Hoje, com um olhar adulto, encontro ecos do que vivi em lugares, pessoas, em certos fins de tarde que escurecem rápido demais. Mesmo agora, ainda me vejo em algumas cenas: no anoitecer, na calada da noite, naquele tempo em que eu não sabia me defender.

Às vezes, ao sair com amigos, em festas ou ambientes comuns, percebo olhares que despertam algo antigo em mim. É imediato. O corpo reconhece antes da razão. Os gatilhos surgem, o medo volta à tona, e quando me dou conta já estou de novo lá, revisitando a infância que nunca foi segura.

Talvez eu ainda não tenha superado tudo. Mas hoje consigo falar. Consigo colocar em palavras. Consigo dividir com alguém. É um trabalho diário, lento, feito com cuidado.

Há experiências que não esperam a gente crescer.

Elas simplesmente acontecem.

Meu corpo aprendeu coisas antes de mim. Eu ainda não sabia o nome do que vivia, mas já sentia quando algo não estava no lugar. Tudo parecia normal — mesmo sabendo que não era. Quando começou a incomodar, vieram a confusão, a tristeza, o repúdio por mim mesmo. Vieram as perguntas sem resposta.

Por muito tempo, temi o futuro. Temi quem eu me tornaria. E esses pensamentos, em alguma medida, ainda me acompanham. O mundo continua não sendo tão seguro quanto deveria. Ainda há pessoas más. Ainda há silêncios impostos.

Sei que não sou o único. Existem muitos outros como eu — com nomes diferentes, histórias parecidas — tentando sobreviver em silêncio, querendo pedir ajuda, mas sem saber como.

Não foi fácil chegar até aqui. Houve momentos em que pensei em desistir de tudo, inclusive de mim. Achei que talvez minha ausência fosse mais leve para quem estava ao meu redor.

Mas hoje consigo discernir melhor o que vivi.

Entendo que eu não estava errado.

Eu só precisava de alguém.

De um adulto.

De um “eu estou aqui”.

Talvez este capítulo exista para isso:

para dizer o que não foi dito, para quebrar um pouco do silêncio, e para lembrar que nada do que aconteceu foi culpa minha.

Aprender a Funcionar

"Meu corpo continuou vivendo, mesmo quando eu não entendia como"

O corpo seguia. Eu acordava, estudava, conversava, sorria quando era preciso. Por dentro, eu ainda estava tentando entender o que tinha acontecido comigo.

Havia dias em que eu apenas acordava. Não encontrava forças, nem ânimo para continuar vivendo. Então vinham os pensamentos, as vozes dentro da minha cabeça: o que eu fiz? Por que eu fiz? Preciso me pertencer, preciso me caber.

Ao mesmo tempo em que eu não encontrava forças para seguir, eu fui conhecendo pessoas que carrego comigo até hoje. Elas foram peças fundamentais. Fizeram-me entender que eu não estaria só, que aquilo tudo podia ser apenas uma fase — ainda que, na época, não parecesse.

Entre dias de tristeza, de incertezas e inseguranças, fui amadurecendo cedo demais. O silêncio sempre fez morada em mim, consequência direta das vivências que chegaram antes mesmo da adolescência.

Sempre fui aquela criança curiosa, aprendia observando. Isso me levava a lugares, tempos e espaços onde muitas crianças da minha idade não chegavam.

Em casa, ajudava em tudo. Criado por uma mãe solteira, fui educado por ela como filho e como responsabilidade. Sentava para estudar, ajudava nos afazeres, aprendia a cozinhar. A responsabilidade veio cedo

— e, de algum modo, eu gostava. Fazia tudo sorrindo, sentindo que era útil, que cabia.

Na escola, prestava atenção a cada palavra dos professores. Em casa, reescrevia o que havia aprendido. Mas também havia os dias em que eu largava a bolsa num canto, tirava os sapatos e corria para a rua. Brincava com os amigos até o corpo cansar. Também tive o privilégio de aproveitar tardes de brincadeiras, daquelas em que a gente nem percebia o tempo passar. As ruas ficavam lotadas de crianças, os risos se espalhavam pelas calçadas e os campos eram improvisados. Um tempo que hoje quase não se vê.

Algumas amizades atravessaram os anos. Outras foram se afastando, pouco a pouco.

Eu dizia não saber o motivo — mas, no fundo, sabia. Os olhares entregavam. Eu não me vitimizava. Eu só queria pertencer.

Por isso, estava sempre atento. Era difícil baixar a guarda.

Confundia cuidado com invasão.

Vivia em constante tensão.

Meu corpo reagia antes de mim. Às vezes eu não sabia o porquê; só sabia que algo dentro de mim nunca descansava.

Eu funcionava. Mas não sabia se aquilo ainda era vida.

Os olhares me feriam. Bastava um deles para eu entender o julgamento. Era como se me empurrassem para longe, como se eu não tivesse lugar. E assim comecei a viver no automático.

Não sei exatamente quando isso aconteceu — só sei que, quando os caminhos se abriam, eu já estava ali, antes mesmo de alguém me chamar.

A solidão foi se tornando constante. A ausência do apoio paterno doía de um jeito silencioso. No colégio, via os amigos sendo buscados pelos pais. E eu voltava com minha mãe — ou sozinho.

Houve momentos em que eu sentia que estava me afastando de mim mesmo, sem perceber exatamente quando isso havia começado.

Não sabia quem eu era, para onde ia, o que queria.

E houve momentos em que não quis viver.

Foram fases, eu dizia a mim mesmo.

Mas algumas fases deixam marcas que não passam com o tempo.

Onde Guardei o Medo

Algumas fases deixam marcas que não passam com o tempo. Naquela época, eu ainda não sabia disso. Achava que crescer faria tudo desaparecer. Que, em algum momento, eu acordaria e aquela sensação teria ido embora. Que o medo pertencia à infância e que, conforme os anos passassem, eu finalmente deixaria aquela versão de mim para trás.

Mas algumas coisas não ficam no passado só porque o tempo passou.

Elas encontram outros lugares para morar.

O meu medo, por exemplo, não desapareceu.

Ele mudou de lugar.

Foi para os meus silêncios, para os meus pensamentos, para a maneira como eu observava as pessoas antes de me aproximar. Foi para os meus cuidados excessivos, para a necessidade de entender tudo antes que alguma coisa pudesse me machucar novamente.

Eu não sabia explicar.

Só sabia sentir.

E talvez seja essa a parte mais difícil de contar sobre uma infância marcada por algo que uma criança nunca deveria precisar entender: o medo não aparece apenas quando alguma coisa acontece.

Às vezes, ele permanece depois.

Permanece quando ninguém mais está fazendo nada.

Permanece quando a casa está quieta.

Quando a rua está cheia.

Quando você está cercado de pessoas.

Quando, aparentemente, está tudo bem.

Eu aprendi a viver assim.

Com uma parte de mim sempre olhando para trás.

Sempre procurando sinais.

Sempre tentando perceber antes.

Como se, de alguma maneira, eu pudesse evitar que algo ruim acontecesse novamente.

Eu não chamava aquilo de trauma.

Não sabia o que era trauma.

Eu chamava de cuidado.

Chamava de jeito de ser.

Chamava de maturidade.

Dizia para mim mesmo que eu apenas era observador demais, responsável demais, preocupado demais.

Hoje sei que algumas dessas coisas eram formas que encontrei para sobreviver ao que eu ainda não conseguia compreender.

Eu tinha guardado o medo em lugares que ninguém conseguia ver.

E talvez nem eu.

Por muito tempo, guardei o medo dentro de mim.

Não demonstrava quando estava triste. Fingir que estava tudo bem parecia mais fácil. Às vezes eu mentia. Às vezes fugia de situações e de pessoas. Eu encontrava maneiras de não precisar explicar aquilo que nem eu conseguia explicar.

E havia uma pergunta que voltava muitas vezes:

Por que determinados olhares eram dirigidos a mim?

Eu era uma criança tão insegura que, aos poucos, comecei a sentir como se tudo estivesse voltado para mim. Como se eu estivesse sempre sendo observado. Como se houvesse alguma coisa errada comigo.

E, quando a gente é criança, nem sempre consegue separar o que os outros fazem daquilo que acredita ser.

Então eu me colocava contra a parede.

Contra os outros.

E, principalmente, contra mim mesmo.

Naquela época, eu era apenas uma criança.

Eu não tinha entendimento de quase nada.

Embora, muitas vezes, achasse que tinha.

Lembro de chegar em algumas rodinhas de amigos acreditando que pertencia àquele lugar. Mas, algumas vezes, bastava eu aparecer para os cochichos começarem. Pessoas saíam, se afastavam ou simplesmente diziam que já estavam indo embora.

"A gente já tá indo."
"A brincadeira acabou."

E eu ficava.

Tentando encontrar uma explicação que nunca vinha.

"Por que será?"
"O que eu fiz de errado?"
"Por que eu sou assim?"

Eu só queria pertencer.

Queria que olhassem para mim e enxergassem uma pessoa normal, assim como enxergavam os outros meninos.

Eu era apenas uma criança querendo brincar.

E, mesmo sem entender o motivo, comecei a acreditar que talvez houvesse alguma coisa em mim que fazia as pessoas se afastarem.

Alguns adultos pareciam saber de alguma coisa.

Mas como poderiam saber?

Eu nunca tinha contado.

Ainda assim, essa dúvida aparecia na minha cabeça:

"Será que sabem o que eu passei?"

E então vinha a confusão.

Eu andava assustado. Sempre atento a tudo e a todos.

Era um menino esperto e, reconheço, consideravelmente encrenqueiro. Às vezes mal-humorado. Queria as coisas do meu jeito. Estava me tornando uma criança que eu mesmo não gostava de ser.

Eu só queria entender por quê.

E, muitas vezes, pedia a Deus que me libertasse. Que me fizesse ser igual aos outros meninos. Que tirasse de mim aquilo que eu não sabia explicar.

Comecei também a me observar.

A olhar para mim no espelho.

Eu me achava bonito. Pelo menos era isso que as pessoas diziam.

Eu era uma criança bochechuda, magrinha, de cabelos cacheados e pele queimada do sol.

Por alguns minutos, eu conseguia apenas me olhar.

Talvez porque, diante do espelho, não houvesse ninguém para me julgar.

No banheiro, isso se repetia.

Eu entrava para tomar banho e, pouco a pouco, demorava cada vez mais.

Ficava diante do espelho.

Depois entrava no chuveiro.

Às vezes permanecia ali por minutos. Outras vezes, por muito mais tempo.

Quantas vezes fiquei agachado debaixo daquela água.

Chorando.

E, enquanto a água caía, alguns relances do que eu havia vivido também voltavam.

Eu não sabia como fazer aquilo parar.

Então guardava.

Guardava tudo.

Como se existisse dentro de mim um cofre com sete chaves, e eu tivesse decidido que ninguém jamais poderia encontrar a chave.

Aquilo permaneceu comigo por muito tempo.

Anos.

Eu cresci carregando perguntas que não sabia responder e sentimentos que não sabia nomear.

Só muito mais tarde, já na adolescência, comecei a compreender de verdade o que havia acontecido comigo.

E foi então que percebi uma coisa que, quando criança, eu jamais conseguiria entender:

eu passei anos tentando descobrir o que havia de errado comigo...

quando, na verdade, o errado nunca esteve em mim.

Talvez eu tenha guardado o medo por não saber onde colocá-lo.

Mas ele não desapareceu.

Ele cresceu comigo.

E, quando eu finalmente comecei a entendê-lo, percebi que não estava apenas lembrando da minha infância.

Eu estava começando a descobrir quem aquele menino tinha precisado se tornar para sobreviver.

E essa descoberta ainda estava apenas começando.

CAPÍTULO 4

Entre o Que Senti e o Que Me Tornei

Tentativas de Caber

Eu não queria ser outra pessoa.

Eu só queria descobrir como ser eu sem sentir que havia alguma coisa errada comigo. Por muito tempo, achei que o problema estava em mim.

Talvez no meu jeito.

Na maneira como eu falava.

Na maneira como eu olhava.

Na forma como eu me comportava.

Talvez eu precisasse mudar alguma coisa para que as pessoas finalmente me aceitassem.

Então comecei a tentar caber.

Caber nas amizades.

Caber nos lugares.

Caber nas expectativas dos outros.

Caber naquilo que eu imaginava que um menino deveria ser.

Eu observava.

Muito.

Observava os outros meninos, a maneira como brincavam, como falavam, como se comportavam. Tentava entender o que fazia alguém ser aceito e o que fazia alguém ser deixado de lado.

E, sempre que percebia alguma diferença em mim, tentava escondê-la.

Não porque alguém tivesse me dito diretamente que eu precisava mudar.

Às vezes, ninguém precisava dizer.

Os olhares diziam.

Os afastamentos diziam.

Os cochichos diziam.

E eu escutava tudo.

Mesmo quando fingia que não.

Talvez tenha sido assim que comecei a construir versões de mim.

Uma para a escola.

Outra para os amigos.

Outra para os adultos.

E uma que ficava escondida quando eu estava sozinho.

Eu ainda era uma criança.

Mas já estava aprendendo uma coisa que ninguém deveria precisar aprender tão cedo:

que, para ser aceito, às vezes parecia mais fácil desaparecer um pouco de si mesmo.

E eu fui desaparecendo.

Aos poucos.

Sem perceber.

Até que, em algum momento, já não sabia mais se estava tentando ser aceito pelos outros ou tentando convencer a mim mesmo de que eu pertencia a algum lugar.

Eu passei anos tentando descobrir qual versão de mim seria aceita.

Mudei comportamentos.

Escondi sentimentos.

Observei antes de falar.

Pensei antes de agir.

Aprendi a ocupar menos espaço quando achei que estava incomodando.

Tudo para caber.

Mas havia uma coisa que eu ainda não entendia.

Eu podia ensinar minha boca a ficar em silêncio.

Podia ensinar meus olhos a disfarçar.

Podia ensinar meu jeito de agir.

Podia até convencer algumas pessoas de que estava tudo bem.

Mas havia uma parte de mim que não aprendeu a mentir.

Meu corpo.

E ele ainda se lembrava.

Muito antes de eu entender o que aquelas lembranças significavam, ele já sabia que alguma coisa havia acontecido.

Eu só ainda não sabia escutá-lo.

O Corpo Não Esquece

"Quando alguém é machucado de alguma forma, seja por palavras, atitudes ou por qualquer outra coisa, aquilo não simplesmente desaparece."

Uma palavra dita não volta.

Uma pedra lançada não volta para a mão de quem a jogou.

E existem marcas que ficam.

Algumas aparecem por fora. Outras, ninguém vê.

São muitas as formas de machucar alguém. E quem é ferido, muitas vezes, se cala. Talvez por medo. Talvez por não entender que está sendo machucado. Talvez porque alguém tenha feito essa pessoa acreditar que aquilo era normal. Ou simplesmente porque, em algum momento, sua voz foi calada.

Quando alguém faz uma tatuagem, por exemplo, leva aquela marca para onde for.

Ela acompanha o corpo. Passa a fazer parte dele. Pode até mudar de significado com o tempo, mas continua ali.

Uma marca escolhida. Uma forma de dizer alguma coisa através do próprio corpo. Mas existem marcas que a gente não escolhe.

Existem marcas que são colocadas em nós sem que tenhamos idade, conhecimento ou força para compreender o que aquilo significa.

E quando mexem no seu corpo de uma maneira que você não entende, alguma coisa muda.

É como chegar a um lugar novo.

Às vezes estranho.

Às vezes apenas novo.

E você começa a se adaptar aos poucos.

Nem tudo é adaptável.

Nem tudo é aceitável.

Mas como uma criança pode compreender aquilo que nem um adulto saberia explicar?

Como uma criança pode se defender de algo que ela ainda não consegue nomear?

Quando não existe alguém para guiar, orientar, ensinar ou proteger, a criança tenta entender sozinha.

E mesmo quando existe alguém por perto, existe uma coisa que não pode ser colocada em uma balança:

a inocência de uma criança não pode competir com a esperteza de um adulto.

Eu penso nisso hoje.

Penso nas mãos.

No olhar fixo.

Naquela voz.

Naquela forma de falar baixinho.

No lugar escuro, fechado.

Às vezes à noite.

Às vezes no entardecer.

Aquele quarto frio.

Os sentimentos aflorados.

O medo.

A sensação de não pertencer.

De não querer.

E, ao mesmo tempo, a incerteza de não saber exatamente o que estava acontecendo.

Era confuso.

Eu não sabia explicar.

Mas, lá no fundo, alguma coisa em mim sabia.

Eu só não conseguia fugir.

Não conseguia correr.

E o tempo foi passando.

Eu fui crescendo.

E, conforme fui crescendo, comecei a perceber algumas das marcas que haviam ficado.

Algumas visíveis.

Outras internas.

E junto delas veio uma coisa que, durante muito tempo, carreguei comigo:

a culpa.

Aquela sensação de pensar que talvez tivesse sido minha responsabilidade.

Que talvez eu pudesse ter feito alguma coisa.

Que talvez eu devesse ter entendido.

Mas eu era uma criança.

Hoje consigo enxergar isso com uma clareza que naquela época eu não tinha.

A idade faz a maturidade, diz o ditado.

Mas nem sempre.

Às vezes, a maturidade se faz pela vivência.

Pelo que a gente precisou aprender cedo demais.

Pelo que a gente precisou suportar sem entender.

Pelo que a gente precisou guardar porque não sabia para quem contar.

Talvez seja por isso que algumas pessoas parecem adultas antes da hora.

Elas aprendem a observar.

Aprendem a perceber mudanças no tom de voz.

Aprendem a prestar atenção nos olhares.

Aprendem a identificar quando alguma coisa não está bem.

Aprendem a ficar em silêncio.

E, sem perceber, passam a viver em estado de atenção.

Hoje, já adulto, carrego essas e outras marcas que nunca saíram.

Talvez algumas nunca saiam.

Elas estão na minha mente.

Na minha memória.

Em algumas reações que nem sempre consigo explicar.

E existem lugares que parecem guardar tudo.

Sempre que passo por aquela cidadezinha do interior onde nasci, onde vivi, brinquei e passei grande parte da minha infância e adolescência, alguma coisa dentro de mim muda.

É estranho.

Porque aquele lugar também guarda coisas boas.

Guarda pessoas.

Amigos.

Família.

Brincadeiras.

Momentos que fizeram parte de quem eu fui.

Mas guarda também aquilo que eu gostaria de conseguir esquecer.

E talvez seja justamente isso que torne alguns lugares tão difíceis.

Eles não guardam apenas uma lembrança.

Guardam várias.

As boas chegam primeiro.

Depois vêm as ruins.

Às vezes misturadas.

Como se o passado não soubesse separar aquilo que me fez sorrir daquilo que me fez ter medo.

Eu posso passar anos sem pensar em determinada coisa.

Mas basta estar novamente naquele lugar.

Uma rua.

Uma casa.

Um caminho.

Um cheiro.

Uma paisagem.

E, de repente, alguma coisa desperta.

Não é como assistir a uma lembrança.

É como senti-la novamente.

E talvez seja por isso que eu tenha demorado tanto para entender que o corpo também guarda histórias.

A mente tenta organizar.

Tenta esquecer.

Tenta seguir.

Mas o corpo reage.

Ele lembra de maneiras que eu nem sempre consigo explicar.

Talvez seja por isso que algumas situações me deixam em alerta.

Talvez seja por isso que determinados lugares me façam sentir coisas que eu não consigo colocar em palavras.

Talvez seja por isso que algumas lembranças nunca tenham realmente ido embora.

Eu cresci.

Mudei.

Conheci pessoas.

Fiz amigos.

Trabalhei.

Sorri.

Amei.

Vivi tantas coisas depois daquela infância.

Mas existe uma parte de mim que ainda se lembra daquele menino.

O menino que não entendia.

Que tinha medo.

Que não sabia para onde correr.

Que guardava perguntas dentro de si.

Que, muitas vezes, não sabia se aquilo que sentia era certo ou errado.

E talvez a maior dificuldade de crescer tenha sido perceber que aquele menino não ficou no passado.

Ele veio comigo.

Eu o carreguei durante todos esses anos.

Carreguei suas dúvidas.

Seus medos.

Suas culpas.

Suas tentativas de entender.

Por muito tempo, achei que crescer significaria deixar tudo para trás.

Hoje entendo que crescer não apaga o que aconteceu.

Crescer, às vezes, é finalmente conseguir olhar para trás e entender aquilo que a criança que fomos não tinha condições de entender.

E talvez seja isso que meu corpo tenha tentado me dizer durante todos esses anos.

Que algumas coisas podem ser escondidas.

Podem ser silenciadas.

Podem até deixar de ser lembradas todos os dias.

Mas não desaparecem simplesmente porque deixamos de falar sobre elas.

Existem marcas que não estão na pele.

Estão na maneira como a gente olha.

Na maneira como a gente se protege.

Na maneira como aprende a amar.

Na maneira como desconfia.

Na maneira como se afasta.

Na maneira como tenta controlar aquilo que não consegue controlar.

E, principalmente, naquilo que sentimos sem saber exatamente de onde veio.

Hoje eu sei de onde algumas coisas vieram.

Ainda não sei explicar todas.

Ainda existem partes dessa história que eu não consigo tocar sem sentir alguma coisa dentro de mim.

Mas talvez eu não precise mais fugir delas.

Talvez escrever seja uma das primeiras vezes em que eu consigo olhar para aquele menino sem perguntar o que havia de errado com ele.

Porque não havia.

Ele só estava tentando sobreviver ao que não sabia nomear.

E o corpo dele nunca esqueceu.

Talvez tenha sido por isso que eu passei tantos anos tentando entender a mim mesmo.

Porque, enquanto eu tentava seguir em frente, uma parte de mim continuava olhando para trás.

E talvez, antes de aprender a esquecer, eu precisasse aprender a lembrar sem sentir que a culpa era minha.

CAPÍTULO 5

Afeto Não É Abrigo

"Eu nunca fui uma pessoa fácil de entender."

Às vezes falo muito.

Às vezes quase nada.

Observo muito.

Talvez até mais do que deveria.

É como se eu estivesse sempre tentando entender as pessoas antes que elas tenham a chance de me surpreender.

E, mesmo assim, existe dentro de mim um vazio que nunca consegui preencher completamente.

Não sei exatamente quando ele apareceu.

Talvez tenha estado ali desde cedo.

Talvez tenha crescido comigo.

Por muito tempo, confundi esse vazio com desprezo.

Não pela minha família.

Nunca foi isso.

Era diferente.

Talvez fosse a falta de alguma coisa que eu não sabia explicar.

A falta do meu pai.

A falta de uma presença.

De uma referência.

De alguém que estivesse ali de uma maneira que eu pudesse compreender.

E quando uma criança cresce tentando entender uma ausência, ela acaba criando respostas sozinha.

Eu criei as minhas.

Talvez por isso eu tenha crescido sendo um menino muito sério.

Às vezes aparecia um sorriso no rosto.

Mas ele não costumava durar muito.

Logo voltava aquela confusão.

A cabeça cheia.

Os pensamentos misturados.

E eu seguia.

Eu aprendi a conviver comigo mesmo de um jeito que nem sempre foi gentil.

Às vezes sou chato.

Às vezes sou grosso.

Falo coisas que não deveria.

Digo coisas no momento errado.

E, quando percebo, talvez já tenha machucado alguém.

Eu me considero uma pessoa sincera.

Sempre gostei de falar o que penso.

Mas a sinceridade também pode machucar quando não existe cuidado na maneira de dizer.

Eu aprendi isso algumas vezes da pior forma.

Mas existe uma pergunta que quase nunca fazemos:

e quando sou eu quem está sendo machucado?

Quem percebe?

Quem pergunta?

Quem fica?

Eu já fui muito afetivo.

Já cuidei.

Já fui cuidado.

Já me entreguei.

Já fiz muito por pessoas que talvez nem soubessem o tamanho daquilo que eu estava fazendo.

Talvez eu tenha feito mais pelos outros do que por mim.

Na amizade.

No trabalho.

Na vida.

Nos relacionamentos.

Eu estava sempre tentando estar presente.

Tentando ajudar.

Tentando ouvir.

Tentando resolver.

Tentando fazer o outro se sentir importante.

Talvez porque eu soubesse, de alguma maneira, o que era sentir falta.

E talvez quem conhece a falta acabe tentando oferecer aos outros aquilo que gostaria de ter recebido.

Eu não sei se foi sempre assim.

Mas, olhando para trás, percebo que muitas vezes eu cuidei para não perder.

Como se amar alguém também significasse me esforçar o suficiente para que aquela pessoa permanecesse.

E talvez aí estivesse uma das minhas maiores confusões.

Eu achava que afeto era fazer tudo.

Era estar sempre disponível.

Era compreender.

Perdoar.

Esperar.

Mudar.

Aceitar.

E, algumas vezes, me deixar em segundo plano.

Eu demorei para entender que afeto também deveria ter limite.

Que cuidar de alguém não deveria significar abandonar a si mesmo.

Que gostar de alguém não deveria exigir que eu deixasse de ser quem sou.

E que nem todo lugar onde existe afeto é um lugar seguro para permanecer.

Talvez por isso o título deste capítulo tenha demorado tanto para fazer sentido para mim.

Afeto não é abrigo.

Porque algumas pessoas podem nos abraçar e, ainda assim, não saber nos proteger.

Podem dizer que gostam de nós e, mesmo assim, não saber cuidar daquilo que entregamos.

Podem estar perto e continuar nos deixando sozinhos.

E eu precisei aprender isso vivendo.

Quando comecei a me relacionar com alguém, não foi fácil.

Eu era adolescente.

O corpo começava a despertar sentimentos novos.

Começava aquela vontade de gostar.

De ser gostado.

De ter alguém.

E quando a gente encontra uma pessoa de quem realmente gosta, parece que o universo começa a girar ao redor dela.

Tudo lembra aquela pessoa.

Uma música.

Um lugar.

Uma conversa.

Uma mensagem.

E qualquer coisa que aconteça durante o dia parece ficar melhor quando existe alguém para quem contar.

Eu queria trazer essas pessoas comigo.

Queria dividir.

Queria estar perto.

Mas me relacionar nunca foi simples para mim.

Talvez porque eu já carregasse coisas demais antes mesmo de entender o que era amar alguém.

Havia medo.

Havia insegurança.

Havia uma necessidade enorme de ser aceito.

E havia também aquela sensação de que, se alguém gostasse de mim, talvez alguma coisa dentro de mim finalmente encontrasse um lugar para descansar.

Só que ninguém consegue preencher completamente um vazio que nasceu antes daquela pessoa chegar.

E eu precisei aprender isso também.

Conheci muitas pessoas.

Algumas foram boas.

Algumas ficaram por pouco tempo.

Algumas deixaram lembranças que ainda guardo.

Outras me ensinaram, principalmente, aquilo que eu não queria mais viver.

Houve pessoas que se aproximaram por interesses próprios.

Por prazer.

Por conveniência.

E, quando aquilo terminava, não sobrava muita coisa.

Talvez eu tenha confundido algumas vezes presença com interesse.

Carinho com necessidade.

Desejo com afeto.

E proximidade com cuidado.

Mas também houve pessoas que eu gostaria que tivessem permanecido de outra maneira.

Pessoas com quem talvez eu pudesse ter feito diferente.

Porque uma palavra lançada não volta.

Uma atitude tomada não volta.

Uma escolha feita não volta.

O que podemos fazer é tentar mudar depois.

E eu tentei.

Muito.

Mudei.

Algumas vezes para melhor.

Outras, nem tanto.

Ainda hoje existem partes de mim que estou tentando mudar.

Às vezes prometo.

Às vezes não cumpro.

Às vezes começo alguma coisa acreditando que dessa vez será diferente e, em algum momento, volto a repetir um comportamento que eu mesmo disse que não repetiria.

Talvez crescer também seja perceber isso.

Que mudar não é uma linha reta.

A gente não acorda diferente de um dia para o outro.

A gente tenta.

Erra.

Reconhece.

Volta.

Tenta novamente.

E vai levando.

Vai vivendo.

Vai aprendendo.

Eu ainda estou aprendendo.

Talvez sempre esteja.

Porque, no fim, eu não quero ser lembrado apenas pelas coisas que fiz errado.

Mas também não quero fingir que elas não aconteceram.

Elas fazem parte de mim.

Assim como fazem parte de mim as pessoas que amei.

As que cuidei.

As que me cuidaram.

As que me machucaram.

As que eu machuquei.

As que ficaram.

As que foram embora.

Tudo isso deixou alguma coisa.

E talvez seja essa a parte mais difícil de admitir:

eu passei boa parte da vida tentando encontrar abrigo nas pessoas.

Mas talvez eu ainda estivesse aprendendo a construir um lugar seguro dentro de mim.

CAPÍTULO 6

O Que Nunca Soube Onde Guardar

"A minha vida sempre foi uma espécie de guerra dentro de mim mesmo."

Não uma guerra que as pessoas pudessem enxergar.

Era uma guerra silenciosa. Daquelas que acontecem enquanto a gente conversa, trabalha, sorri, conhece pessoas e continua vivendo como se estivesse tudo no lugar.

Eu sempre tentei guardar as coisas.

Os sentimentos, as relações as culpas os desejos, as lembranças. Tudo aquilo que eu vivi e que, de alguma maneira, continua vivendo dentro de mim.

O problema é que eu nunca soube exatamente onde guardar tudo isso. Às vezes eu colocava uma coisa dentro de mim e achava que estava resolvida.

Depois ela aparecia novamente.

Em uma lembrança.

Em uma conversa.

Em uma reação que eu não entendia.

Em um lugar.

Em uma pessoa.

Em alguma coisa pequena que, para os outros, talvez não significasse nada.

Mas significava para mim.

Mesmo assim, costumo dizer que tudo que é ruim acaba tendo, de alguma maneira, um lado bom.

Não porque aquilo que machuca seja bom.

Não é.

Mas porque algumas experiências acabam ensinando coisas que talvez eu demorasse muito mais para aprender.

Eu aprendi cedo.

Talvez cedo demais.

Comecei a trabalhar por volta dos meus dezesseis anos.

Não era necessariamente um trabalho formal.

Às vezes era algo meu.

Às vezes ajudando minha irmã.

Às vezes simplesmente aprendendo alguma coisa e tentando transformar aquilo em uma possibilidade.

Eu sempre fui muito curioso.

Quando chegava a algum lugar novo, queria conhecer.

Queria entender.

Queria aprender como fazia.

E, quando aprendia, já queria tentar fazer também.

Eu nunca gostei muito de ficar apenas olhando.

Talvez por isso tenha aprendido tantas coisas diferentes ao longo da vida.

Uma das primeiras foi o desenho.

O desenho me levou para um mundo que era só meu.

Um lugar imaginário onde eu podia criar aquilo que talvez não conseguisse dizer.

Cheguei a fazer alguns cursinhos na cidade.

Havia um rapaz, cujo nome hoje não consigo lembrar com certeza, que ficou conhecido pelas artes que fazia em papel, em telas e até nas paredes das casas.

Acredito que seu nome fosse Ednaldo.

E foi observando e aprendendo que comecei a desenvolver aquilo também.

Eu descobria uma coisa e logo queria descobrir outra.

Foi mais ou menos assim com o artesanato.

Minha irmã Ivone havia chegado à cidade depois de se casar, trazendo consigo meus três sobrinhos, Nicaelly, Nikael e Gabriel, ainda crianças.

Ela trouxe também conhecimentos que havia adquirido e que, com o tempo, fizeram parte da nossa rotina.

Ela acabou sendo contratada pelo município e também passou a dar aulas particulares de pintura em tecido.

Além disso, fazia biscuit de personagens, enfeites para geladeira e outros trabalhos artesanais, usando materiais como meia de seda.

Eu ficava olhando.

Aprendendo.

Tentando entender como ela fazia.

E, aos poucos, comecei a ajudar.

Primeiro nas vendas.

Depois na produção.

Quando percebi, estava fazendo junto com ela.

Talvez eu sempre tenha sido assim.

Aprendia olhando.

Tentava.

Errava.

Fazia novamente.

E seguia.

Hoje, olhando para trás, percebo que aquilo também era uma forma de construir quem eu seria.

Eu ainda era muito jovem, mas já começava a descobrir que podia fazer alguma coisa com as próprias mãos.

Que podia aprender.

Que podia criar.

Que podia trabalhar.

Que podia encontrar caminhos mesmo quando não sabia exatamente para onde estava indo.

Aos dezenove anos, lembro como se fosse hoje, fiz um aniversário na minha casa.

O tema era “assalto”.

Cada convidado levava uma bebida ou algum petisco.

Era uma daquelas coisas que, na época, pareciam simples, mas que ficaram guardadas na memória.

Naquele aniversário, eu também estava conhecendo uma pessoa.

E, no dia seguinte, tudo mudou.

A pessoa foi embora.

Minha mãe me chamou para conversar.

E aquela conversa acabou abrindo uma fase completamente diferente da minha vida.

Mas essa é uma história para outro capítulo.

Algumas histórias precisam de tempo para serem contadas.

E essa merece o seu.

Depois daquele momento, precisei arrumar um emprego.

Mesmo morando em uma cidade que não oferecia tantas oportunidades, eu precisava começar a pensar de outra maneira.

Foi aí que comecei a perceber que a vida adulta estava chegando de verdade.

Eu estava deixando algumas coisas para trás.

E começando a assumir outras.

Fui me tornando mais centrado.

Mais comprometido.

Comecei a enxergar objetivos que antes pareciam distantes.

Talvez eu ainda não soubesse exatamente quem queria ser.

Mas já sabia que precisava construir alguma coisa.

Por volta dos meus vinte e um anos, em 2014, vim morar em Maceió.

E foi aí que conheci uma outra versão da vida.

A vida longe de casa.

Longe da cidade onde cresci.

Longe dos amigos de infância.

Longe de algumas pessoas que faziam parte da minha rotina.

E, principalmente, longe da minha mãe.

Minha mãe foi e continua sendo uma das pessoas mais importantes da minha vida.

Meu bem mais precioso.

Minha inspiração.

Sair de perto dela não foi simplesmente mudar de cidade.

Foi aprender a caminhar sem aquela presença tão familiar por perto.

E eu precisei aprender.

Em Maceió, comecei a conhecer outras pessoas, outros lugares, outras possibilidades.

Também comecei a conhecer melhor a mim mesmo.

Trabalhei como jovem aprendiz.

Distribuí muitos currículos.

Fui chamado para algumas entrevistas.

Até conseguir meu primeiro trabalho de carteira assinada.

Foi na Abys Calçados.

Eu era vendedor.

Mas vender não era a única coisa que fazia parte daquele trabalho.

Cada vendedor tinha seu próprio estoque de sapatos.

O expediente começava cedo, às oito da manhã, e teoricamente terminava às sete da noite.

Mas quase nunca saíamos exatamente naquele horário.

Quando as portas fechavam, todos subíamos para o andar de cima.

A loja tinha três andares.

Em cada andar existiam diferentes seções, e cada vendedor ficava responsável por duas ou três delas.

O terceiro andar era diferente.

Era de todos.

Ali ficavam produtos mais antigos, aqueles que não tinham saído e que precisavam ser colocados em promoção.

Eu passei cerca de oito meses naquela loja.

Foi cansativo.

Foi intenso.

Mas também foi importante.

Foi ali que comecei a entender melhor o que significava ter responsabilidade sobre alguma coisa.

Ter horário.

Ter metas.

Lidar com pessoas.

Ouvir um não.

Receber um sim.

Aprender a conversar.

Aprender a vender.

Aprender a trabalhar mesmo nos dias em que eu não estava bem.

E talvez eu ainda não percebesse, mas cada trabalho estava me ensinando alguma coisa sobre quem eu estava me tornando.

Naquele mesmo período, tive também uma breve passagem pela Quadrilha Junina Luar do Sertão.

Mas essa história merece ser contada com mais calma.

Assim como tantas outras que aconteceram naquele período.

Depois vieram outros trabalhos.

Outras lojas.

Outras experiências.

Trabalhei como vendedor de planos de saúde da Hapvida e também como vendas da NET.

Trabalhei novamente com vendas de calçados.

Passei pela Marcos Calçados, inclusive em um período de final de ano em que trabalhei trinta dias praticamente sem folga.

Depois veio a Agitus.

E vieram outras experiências.

Outras pessoas.

Outros aprendizados.

Às vezes eu penso que minha vida foi sendo construída assim.

De pedaço em pedaço.

De trabalho em trabalho.

De pessoa em pessoa.

De erro em erro.

De tentativa em tentativa.

E, no meio de tudo isso, claro, existiam os relacionamentos.

Porque eu nunca vivi apenas uma coisa de cada vez.

Enquanto eu tentava descobrir como trabalhar, também tentava descobrir como amar.

Enquanto aprendia a ser independente, também aprendia a lidar com a presença e a ausência de outras pessoas.

Quando vim morar em Maceió, em 2014, eu já vim morar junto com alguém.

Mais uma história que ainda será contada.

Porque existem coisas que eu não consigo colocar todas de uma vez no papel.

Não porque queira esconder.

Mas porque algumas lembranças precisam encontrar o momento certo para sair.

Talvez seja isso que eu tenha feito durante toda a minha vida.

Guardado.

Guardado sentimentos.

Guardado histórias.

Guardado pessoas.

Guardado dores.

Guardado sonhos.

Guardado coisas que eu queria dizer e não disse.

E, mesmo quando achei que havia esquecido, alguma coisa continuava lá.

Esperando.

Eu cheguei aos trinta e três anos carregando tudo isso.

Um homem que já trabalhou em lugares diferentes.

Que conheceu pessoas diferentes.

Que amou.

Que errou.

Que acertou.

Que perdeu.

Que ganhou.

Que mudou.

Que precisou recomeçar.

Um homem que conquistou algumas coisas, mesmo diante das dificuldades.

E que ainda luta por outras.

Quando olho para a minha vida, percebo que não existe uma única história.

Existem muitas.

Algumas felizes.

Outras difíceis.

Algumas que eu conto com facilidade.

Outras que ainda preciso respirar fundo antes de começar.

Talvez por isso eu nunca tenha sabido onde guardar tudo.

Porque não cabia em um único lugar.

Não cabia em uma gaveta.

Não cabia em uma conversa.

Não cabia em uma fotografia.

Não cabia em mim.

Então fui espalhando tudo pela vida.

Um pouco no trabalho.

Um pouco nas amizades.

Um pouco nos relacionamentos.

Um pouco nas coisas que aprendi.

Um pouco nas pessoas que passaram por mim.

E talvez até este livro seja mais um desses lugares.

Um lugar onde finalmente posso colocar algumas coisas que carreguei por tempo demais.

Não para apagar o que aconteceu.

Não para transformar tudo em uma história bonita.

Mas para organizar aquilo que, durante muito tempo, ficou espalhado dentro de mim.

Hoje, quando olho para trás, percebo que aquele menino curioso que queria aprender tudo ainda existe.

Ele só cresceu.

Aprendeu a trabalhar.

Aprendeu a amar.

Aprendeu a perder.

Aprendeu a recomeçar.

E, principalmente, aprendeu que algumas coisas a gente não consegue guardar para sempre.

Uma hora elas pedem para sair.

Talvez seja por isso que eu esteja escrevendo.

Porque algumas histórias não cabem em apenas um capítulo.

E a minha também não.

Ainda há pessoas que preciso mencionar.

Lugares que preciso revisitar.

Escolhas que preciso explicar.

Amores que preciso compreender.

Erros que ainda carrego.

E partes de mim que, por muito tempo, eu não soube sequer onde colocar.

Mas agora estou tentando encontrar um lugar para cada uma delas.

Pouco a pouco.

Sem pressa.

Porque, pela primeira vez, talvez eu não esteja tentando esconder aquilo que vivi.

Estou tentando entender.

CAPÍTULO 7

Entre o Que Sou e o Que Esperam

Existem coisas que a gente não conta. Não porque esqueceu. Não porque não sejam importantes. E, muito menos, porque não doam.

A gente não conta porque, às vezes, ainda não sabe como colocar em palavras aquilo que aconteceu quando não tínhamos palavras suficientes para entender.

Eu demorei muito para perceber isso. Durante anos, carreguei dentro de mim lembranças que não sabia exatamente onde guardar.

Algumas apareciam como pensamentos soltos. Outras vinham em forma de silêncio. E algumas simplesmente estavam ali, escondidas em um lugar que eu evitava visitar.

Eu era criança. E talvez essa seja a primeira coisa que precise ser dita.

Eu era criança. Não tinha maturidade para entender certas coisas. Não tinha conhecimento para dar nome a determinadas situações. Não tinha a consciência que tenho hoje.

Tinha apenas um corpo pequeno, uma cabeça tentando descobrir o mundo e a confiança que uma criança naturalmente deposita nas pessoas.

Foi nesse lugar de inocência que aconteceu uma coisa que eu levei muitos anos para conseguir olhar de frente.

Eu fui abusado.

Escrever essa frase parece simples.

Mas não é.

Talvez seja uma das frases mais difíceis que já coloquei no papel.

Porque durante muito tempo eu nem sabia se podia chamá-la assim.

Quando a gente é criança, não entende a violência da mesma maneira que um adulto entende.

A gente sente que alguma coisa está errada.

Mas não necessariamente sabe por quê.

E foi assim comigo.

Existia uma confusão que eu não conseguia explicar.

Existia o desconforto.

Existia o silêncio.

E existia uma pergunta que, talvez, tenha demorado anos para nascer:

por que isso aconteceu comigo?

Eu não tinha resposta.

E talvez tenha passado boa parte da vida procurando uma.

Procurei em mim.

Procurei nas minhas lembranças.

Procurei na maneira como cresci.

Procurei até em coisas que não tinham relação nenhuma com aquilo.

Porque, quando alguma coisa acontece cedo demais, a gente pode passar anos tentando descobrir se existe alguma parte de culpa dentro da gente.

Hoje eu sei que não.

A culpa nunca foi minha.

Mas saber disso não significa que foi fácil viver com aquilo.

Porque existem marcas que não aparecem na pele.

Existem coisas que ninguém percebe olhando para você.

Você pode sorrir.

Pode estudar.

Pode trabalhar.

Pode sair.

Pode fazer amigos.

Pode se apaixonar.

Pode construir uma vida inteira.

E ainda assim carregar uma parte de si que permanece tentando entender uma coisa que aconteceu muitos anos atrás.

Talvez tenha sido assim que eu aprendi a esconder.

Não de propósito.

A vida simplesmente continuou.

Eu cresci.

Os dias foram passando.

Outras coisas aconteceram.

Novas pessoas chegaram.

Algumas foram embora.

Eu aprendi a trabalhar.

Aprendi a me virar.

Aprendi a cuidar de outras pessoas.

Aprendi a parecer bem.

E talvez essa tenha sido uma das minhas maiores habilidades:

parecer bem quando eu não sabia exatamente como ficar bem.

Pouquíssimas pessoas sabem disso.

E talvez algumas que estão lendo estas páginas jamais tenham imaginado.

Minha mãe não sabe.

Meu pai não sabe.

Grande parte das pessoas que conviveram comigo não sabe.

E isso diz muito sobre o tamanho do silêncio que eu carreguei.

Não estou escrevendo isso para provocar pena.

Também não quero que ninguém olhe para mim apenas como alguém que sofreu.

Eu sou muito mais do que aquilo que fizeram comigo.

Mas existe uma diferença entre viver preso ao passado e finalmente admitir que ele existiu.

Eu não quero mais apagar essa parte da minha história.

Quero apenas colocá-la no lugar certo.

Ela aconteceu.

Me atravessou.

Deixou perguntas.

Talvez tenha influenciado algumas das minhas formas de sentir, de confiar, de me proteger.

Mas ela não é tudo o que existe em mim.

E, principalmente, ela não explica quem eu sou.

Isso é importante.

Muito importante.

Porque existe outra parte da minha história que também passei muito tempo tentando compreender.

A minha sexualidade.

Durante muito tempo, eu tive medo de juntar as duas coisas.

Como se uma precisasse explicar a outra.

Como se eu precisasse encontrar uma causa.

Como se, por ter vivido aquilo quando criança, eu precisasse descobrir se aquilo tinha alguma relação com quem eu seria.

Hoje eu sei que não é assim.

O que aconteceu comigo foi uma violência.

A minha sexualidade é parte de quem eu sou.

Uma coisa não explica a outra.

Eu precisava aprender isso.

Talvez até precisava me perdoar por ter feito perguntas que não tinham respostas.

Porque quando somos jovens, tentamos encontrar lógica até naquilo que não tem lógica.

E eu passei muito tempo tentando entender quem eu era enquanto ainda carregava aquilo que não conseguia contar.

Talvez por isso algumas coisas tenham sido tão difíceis.

Talvez por isso eu tenha observado tanto.

Talvez por isso eu tenha aprendido a perceber mudanças pequenas no rosto das pessoas.

Um tom de voz.

Um silêncio.

Uma distância.

Uma aproximação.

Eu sempre fui muito observador.

Às vezes até demais.

E talvez observar tenha sido uma maneira de me proteger.

Se eu conseguisse perceber primeiro, talvez doesse menos depois.

Se eu soubesse quando alguém estava mudando, talvez eu pudesse me preparar.

Se eu entendesse o que o outro esperava de mim, talvez eu conseguisse evitar decepcionar.

E foi assim que comecei a aprender uma coisa que me acompanharia por muito tempo:

ser aquilo que esperavam de mim.

Eu não sabia exatamente quem eu deveria ser.

Mas sabia que existiam expectativas.

Menino deveria agir de determinado jeito.

Homem deveria gostar de determinadas coisas.

Homem deveria falar de determinadas maneiras.

Homem deveria amar de uma determinada forma.

E, quando você cresce tentando entender onde se encaixa, começa a perceber que nem sempre existe espaço para tudo aquilo que você sente.

Eu me adaptei.

Ou tentei.

Aprendi a guardar algumas coisas.

A desconversar outras.

A sorrir quando não queria explicar.

A mudar de assunto.

A fingir que certas perguntas não me atravessavam.

Só que existe um problema em passar muito tempo tentando caber no que os outros esperam:

em algum momento, você começa a não saber mais onde termina o personagem e começa você.

Eu já me perguntei isso muitas vezes.

Quem sou eu quando ninguém está olhando?

Quem sou eu quando não preciso agradar?

Quem sou eu quando não tenho medo de ser julgado?

Quem sou eu quando não preciso provar nada para ninguém?

Talvez este livro tenha começado muito antes de eu escrever a primeira página.

Talvez tenha começado quando eu aprendi a guardar.

Quando aprendi a calar.

Quando descobri que algumas dores não tinham espaço para sair.

E talvez escrever seja justamente o contrário disso.

É abrir espaço.

Devagar.

Sem pressa.

Sem obrigação de contar tudo de uma vez.

Hoje, eu consigo olhar para aquele menino com mais carinho.

Ele não tinha as respostas.

Não sabia o que fazer.

Não sabia a quem contar.

Não sabia sequer como explicar.

Mas ele continuou.

E eu acho que preciso reconhecer isso.

Ele continuou.

Eu continuei.

Talvez seja por isso que ainda exista tanta coisa dentro de mim querendo ser dita.

Não para mudar o passado.

Isso eu não posso.

Mas para mudar a maneira como carrego o passado.

Durante muito tempo, eu achei que precisava esconder algumas partes de mim para continuar sendo aceito.

Hoje, começo a entender que talvez o maior abandono tenha sido o abandono de mim mesmo.

Eu estava tão preocupado em ser aquilo que esperavam que esqueci de perguntar o que eu esperava de mim.

E essa pergunta ficou.

Até hoje.

Quem eu seria se não tivesse passado tanto tempo tentando ser aceito?

Talvez eu ainda esteja descobrindo.

Mas, pela primeira vez, não tenho tanta pressa de encontrar uma resposta.

Porque algumas respostas precisam de tempo.

E algumas verdades precisam primeiro deixar de assustar quem as carrega.

A minha ainda assusta.

Mas agora ela tem nome.

E, pela primeira vez, ela tem espaço.

Aqui.

Nestas páginas.

Onde ninguém pode interromper.

Onde eu não preciso disfarçar.

Onde eu posso finalmente dizer:

eu era apenas uma criança.

E aquilo nunca foi culpa minha.

CAPÍTULO 8

Falar Também Assusta

Depois de tudo aquilo, a vida não parou. Essa talvez seja uma das coisas mais estranhas sobre algumas dores.

O mundo continua.

O relógio continua andando.

As pessoas continuam conversando.

As crianças continuam brincando.

Os adultos continuam trabalhando.

O sol nasce no dia seguinte como se nada tivesse acontecido.

E você também continua.

Só que diferente.

Eu cresci.

E, enquanto crescia, fui descobrindo que algumas coisas dentro de mim não tinham desaparecido.

Elas apenas mudaram de lugar.

Eu não acordava todos os dias pensando no que tinha acontecido.

Não era assim.

A vida era maior do que aquela lembrança.

Eu tinha outras preocupações.

Outros sonhos.

Outras descobertas.

Mas existia uma parte de mim que parecia sempre estar prestando atenção.

Como se eu nunca conseguisse abandonar completamente a sensação de que precisava me proteger.

Talvez eu tenha aprendido cedo demais a desconfiar do que parecia simples.

Talvez eu tenha aprendido cedo demais que nem todo mundo enxerga o mundo da mesma maneira que você.

E isso foi ficando comigo.

Enquanto eu crescia, também comecei a descobrir outras coisas.

Descobri que gostava de determinadas pessoas.

Que algumas presenças mexiam comigo.

Que alguns olhares permaneciam na cabeça por mais tempo do que deveriam.

Que existia diferença entre admirar alguém e sentir vontade de estar perto.

Eu não sabia explicar.

E não lembro de ter tido alguém para me ensinar como entender aquilo.

Então fiz o que sempre fiz.

Observei.

Guardei.

Pensei.

E fiquei em silêncio.

Eu também me relacionei com mulheres.

E talvez seja importante dizer isso aqui.

Porque, durante muito tempo, eu mesmo usei isso como mais uma tentativa de entender quem eu era.

Eu gostei de algumas delas.

Gostei de verdade.

Não foi tudo uma mentira.

Não foi uma tentativa consciente de fingir alguma coisa.

Houve carinho.

Houve desejo.

Houve vontade de estar perto.

Houve sentimentos que, naquele momento, eram reais.

E isso também me confundia.

Porque se eu conseguia gostar de uma mulher, então por que eu também sentia aquilo por homens?

Por que alguns homens despertavam em mim sentimentos tão fortes?

Por que eu me apaixonava?

Por que eu sofria?

Por que eu continuava tentando encontrar uma resposta que parecesse definitiva?

Talvez eu quisesse que alguém me entregasse uma palavra capaz de organizar tudo aquilo.

Uma palavra que dissesse exatamente quem eu era.

Mas eu nunca encontrei.

Talvez porque eu estivesse procurando uma resposta simples para uma coisa que, dentro de mim, nunca foi simples.

Eu tive experiências com mulheres.

Tive sentimentos.

E também tive sentimentos por homens.

Não quero apagar nenhuma dessas partes para fazer a minha história parecer mais organizada do que ela realmente foi.

Minha vida não foi organizada.

Foi vivida.

E viver é muito diferente de preencher uma ficha com respostas prontas.

Até hoje, às vezes eu me pego pensando.

Será que eu conseguiria levar adiante um relacionamento com uma mulher?

Será que conseguiria construir uma vida ao lado de uma?

Às vezes penso que talvez sim.

Outras vezes, percebo que hoje meu desejo, minha preferência e aquilo que meu coração procura estão muito mais voltados para os homens.

E talvez eu não precise transformar essa dúvida ocasional em uma sentença.

Talvez eu possa simplesmente admitir que ela existe.

Porque aceitar quem sou não significa ter resposta para absolutamente tudo.

Significa não precisar mais me punir por aquilo que ainda não sei.

Hoje, eu sei que prefiro homens.

Sei que já amei.

Sei que já desejei.

Sei que já me envolvi com mulheres e que esses sentimentos também foram verdadeiros.

E sei que ainda existem pensamentos que aparecem de vez em quando.

Mas eles não me assustam como antes.

Eu já não preciso transformar cada pensamento em uma crise de identidade.

Talvez eu tenha passado tempo demais tentando descobrir uma definição para mim, quando o que eu realmente precisava era aprender a me conhecer.

Porque existe uma diferença entre perguntar:

“O que eu sou?”

e perguntar:

“O que eu sinto?”

A primeira pergunta parece exigir uma resposta.

A segunda permite que a gente seja honesto.

E durante muito tempo, tudo o que eu queria era conseguir ser honesto comigo.

Talvez o silêncio tenha sido meu primeiro confidente.

Ele nunca me julgava.

Nunca fazia perguntas.

Nunca dizia que eu estava errado.

Só permanecia comigo.

Mas também nunca me ajudou a entender nada.

Eu comecei a perceber que existiam coisas em mim que não correspondiam exatamente ao que eu imaginava que esperavam de mim.

E isso me assustava.

Não necessariamente pelo sentimento.

Mas pelo que poderia acontecer se alguém percebesse.

Eu tinha medo do olhar dos outros.

Medo de ser diferente.

Medo de ser comentado.

Medo de decepcionar.

Medo de ser colocado dentro de uma palavra antes mesmo de eu entender o que aquela palavra significava para mim.

Então fui aprendendo a esconder até sentimentos que talvez nem precisassem ser escondidos.

E talvez essa seja uma das maiores contradições de crescer:

a gente passa tanto tempo tentando descobrir quem é que, quando começa a descobrir, sente medo de ser visto.

Eu não queria ser uma mentira.

Mas também não sabia como ser inteiro.

Então fui vivendo pela metade em algumas partes.

E inteiro em outras.

Eu conseguia ser extremamente verdadeiro quando falava de determinadas coisas.

Sempre fui direto.

Às vezes até demais.

Tenho dificuldade para fingir.

Quando gosto, gosto.

Quando não gosto, às vezes meu rosto entrega antes da minha boca.

Quando algo me machuca, posso tentar esconder, mas nem sempre consigo.

E, ao mesmo tempo, havia coisas que eu escondia tão bem que talvez ninguém percebesse.

É estranho pensar nisso.

Eu podia ser sincero com os outros e ainda assim não ser completamente sincero comigo.

Talvez porque algumas verdades não dependam apenas de coragem.

Dependem de segurança.

Dependem de maturidade.

Dependem de olhar para si sem sentir que você precisa pedir desculpas por existir.

Eu ainda estava aprendendo.

E enquanto eu aprendia, a vida ia colocando pessoas no meu caminho.

Amizades.

Afetos.

Decepções.

Aquelas pequenas histórias que parecem não significar muito enquanto acontecem, mas que depois ajudam a construir quem somos.

Eu sempre tive essa tendência de me entregar muito.

Na amizade.

No amor.

Até no trabalho.

Eu dou atenção.

Dou tempo.

Dou presença.

Às vezes dou mais do que deveria.

E muitas vezes só percebo depois.

Talvez porque eu tenha aprendido a acreditar que estar disponível para alguém era uma maneira de ser importante para aquela pessoa.

Talvez porque, em algum lugar dentro de mim, ainda existisse aquele menino tentando descobrir se seria escolhido.

E quando alguém escolhe a gente, mesmo que por pouco tempo, existe uma sensação difícil de explicar.

Parece que, por alguns instantes, alguma coisa dentro da gente descansa.

Mas quando essa escolha termina, o vazio pode parecer ainda maior.

Eu não sabia disso naquela época.

Só sentia.

E talvez tenha sido assim que comecei a confundir algumas coisas.

Carinho com necessidade.

Presença com permanência.

Atenção com amor.

E ausência com rejeição.

Não porque eu fosse fraco.

Mas porque eu ainda estava aprendendo a diferença entre ser amado e precisar ser escolhido para se sentir suficiente.

Talvez essa diferença tenha levado anos para fazer sentido.

Ainda leva.

Porque algumas feridas não desaparecem quando entendemos seus nomes.

Elas apenas deixam de controlar tudo.

E eu não quero passar o resto da minha vida tentando encontrar culpados para explicar quem me tornei.

Quero entender.

Só isso.

Entender por que algumas coisas me atingem tão profundamente.

Por que às vezes eu falo demais e, em outras, quase não falo.

Por que observo tanto.

Por que consigo perceber pequenas mudanças nas pessoas.

Por que me apego.

Por que tenho medo de perder.

Por que, tantas vezes, ofereço aos outros aquilo que eu mesmo gostaria de receber.

Talvez parte disso venha de muito antes.

Talvez outra parte tenha sido construída ao longo do caminho.

E talvez algumas coisas simplesmente sejam minhas.

Sem explicação.

Sem necessidade de encontrar uma causa.

Porque eu estou começando a perceber que nem tudo em mim precisa ser explicado para ser verdadeiro.

Eu sou um homem que sente.

E sinto muito.

Às vezes mais do que gostaria.

Às vezes mais do que demonstro.

E foi somente com o tempo que comecei a entender que os sentimentos que eu tentava esconder não eram uma falha.

Eu podia me apaixonar.

Eu podia desejar.

Eu podia olhar para outro homem e sentir alguma coisa.

E isso não diminuía quem eu era.

Não apagava minha infância.

Não apagava o que fizeram comigo.

Não transformava a violência que sofri em explicação para os meus sentimentos.

Era simplesmente parte de mim.

Talvez uma das partes que eu mais demorei para aceitar.

Eu me apaixono por homens.

Hoje consigo escrever.

Consigo dizer.

Consigo olhar para essa frase sem sentir que preciso imediatamente explicar o motivo.

Mas houve um tempo em que eu precisava entender tudo antes de me permitir sentir.

E talvez essa tenha sido uma das minhas maiores prisões.

Eu queria uma resposta perfeita.

Queria saber quando começou.

Queria saber por quê.

Queria saber se alguém perceberia.

Queria saber o que aconteceria depois.

Só não percebia que, enquanto tentava encontrar respostas para todas essas perguntas, estava deixando de viver algumas coisas.

Porque a vida não espera a gente resolver todos os nossos medos.

Ela simplesmente acontece.

E eu fui acontecendo também.

Errando.

Acertando.

Amando.

Me decepcionando.

Criando vínculos.

Perdendo pessoas.

Conhecendo outras.

Descobrindo lugares.

Aprendendo coisas novas.

Trabalhando.

Tentando construir uma vida.

E, no meio de tudo isso, tentando finalmente construir a mim mesmo.

Talvez eu ainda esteja nesse processo.

Talvez ninguém termine.

Talvez ser adulto seja justamente perceber que não existe uma versão definitiva de nós.

Existe aquilo que fomos.

Aquilo que somos.

E aquilo que ainda estamos aprendendo a ser.

Eu não quero mais olhar para o menino que fui e perguntar por que ele não falou.

Hoje eu quero perguntar outra coisa:

o que ele precisou fazer para continuar?

Talvez ele tenha se calado.

Talvez tenha aprendido a observar.

Talvez tenha escondido algumas partes de si.

Talvez tenha tentado agradar.

Talvez tenha procurado amor onde pudesse encontrar.

Mas ele continuou.

E talvez eu deva isso a ele.

Por isso escrevo.

Não para mudar o que aconteceu.

Não para transformar minha dor em uma história bonita.

Algumas coisas nunca serão bonitas.

Escrevo porque, durante muito tempo, eu achei que precisava carregar tudo sozinho.

E talvez eu não precise mais.

Se alguém encontrar um pedaço de si nessas páginas, talvez o meu silêncio tenha finalmente servido para alguma coisa.

Talvez alguém que também tenha sido criança demais para entender uma dor encontre aqui uma frase que diga:

a culpa não foi sua.

Talvez alguém que passou anos tentando entender quem é encontre outra:

você não precisa ter uma explicação para existir.

E talvez alguém que tenha passado a vida tentando ser aquilo que esperavam consiga, por alguns minutos, perguntar a si mesmo:

quem eu sou quando ninguém está esperando nada de mim?

Eu ainda não sei responder completamente.

Mas hoje eu consigo ficar diante da pergunta.

E isso já é diferente.

Porque durante muito tempo eu tive medo de descobrir quem eu era.

Hoje, tenho mais medo de passar a vida inteira sem me permitir ser.

Talvez seja esse o começo.

Não de uma nova pessoa.

Mas de uma versão minha que finalmente não precisa pedir licença para existir.

CAPÍTULO 9

Quando Contei a Primeira Vez

"Naquela noite, eu comemorei mais um ano de vida. Na manhã seguinte, tive medo de perder uma das pessoas mais importantes dela."



Existem dias que permanecem guardados na nossa memória de uma maneira diferente.

Não necessariamente porque foram os mais felizes.

Nem porque foram os mais tristes.

Mas porque, sem perceber, alguma coisa dentro de nós mudou para sempre.

Eu tinha acabado de completar dezenove anos.

Uma idade em que a gente ainda está tentando entender muita coisa. Em que os sonhos parecem grandes, os medos continuam escondidos e o futuro é uma mistura de possibilidades e incertezas.

Eu ainda estava tentando entender quem era.

Ainda carregava dúvidas que não sabia explicar, sentimentos que nem sempre conseguia compreender e uma vontade enorme de simplesmente viver sem precisar justificar aquilo que sentia.

Mas naquele dia eu não queria pensar em nada disso.

Eu queria comemorar.

Queria estar perto das pessoas de quem gostava.

Queria rir, conversar, aproveitar cada momento e sentir que, pelo menos naquele dia, tudo estava bem.

E foi exatamente isso que aconteceu.

Meu aniversário foi comemorado com uma festa temática, daquelas que chamávamos de assalto. Cada convidado levava alguma coisa: um petisco, uma bebida, algo para compartilhar.

Não era preciso muito para fazer uma festa acontecer.

O importante era reunir as pessoas.

E eu sempre gostei disso.

De ver gente reunida, de conversar, de preparar as coisas, de fazer com que todos se sentissem bem.

Entre os convidados estavam amigos, familiares e também alguém que, naquele momento, começava a ocupar um espaço diferente na minha vida.

Um rapaz que eu estava conhecendo.

Ele morava em outra cidade.

Vou preservar seu nome, assim como farei com algumas outras pessoas que passaram pela minha história. Não porque elas não tenham sido importantes, mas porque existem lembranças que posso contar sem precisar expor quem fez parte delas.

Eu já havia conhecido outros rapazes antes dele.

Já tinha me envolvido emocionalmente, criado expectativas e imaginado futuros que talvez nunca chegassem a acontecer.

Eu era assim.

Quando gostava de alguém, muitas vezes já começava a imaginar como seria dividir a vida com aquela pessoa.

Talvez fosse cedo demais para pensar em tanta coisa.

Mas eu pensava.

Eu queria viver um amor.

Queria ter alguém.

Queria experimentar aquilo que tantas pessoas pareciam viver com tanta naturalidade, enquanto para mim ainda existiam perguntas, receios e a preocupação constante com o que os outros poderiam pensar.

Naquele aniversário, porém, eu estava feliz.

E não quero que essa lembrança seja apagada pelo que aconteceu depois.

Porque a festa foi maravilhosa.

Eu ri.

Comemorei.

Recebi o carinho das pessoas.

Aproveitei aquele momento.

Por algumas horas, não precisei pensar nas dúvidas que carregava.

Eu estava apenas vivendo.

E talvez essa seja uma das partes mais bonitas e, ao mesmo tempo, mais dolorosas de recordar aquele dia.

Eu não sabia o que me esperava na manhã seguinte.

A festa terminou.

Os convidados foram embora.

A casa, que horas antes estava cheia de conversas e movimento, foi ficando silenciosa.

O rapaz permaneceu.

Era a primeira vez que ele dormiria na minha casa.

Fomos para o meu quarto e passamos a noite juntos.

Não imaginávamos que aquela noite acabaria sendo o início de uma conversa que eu havia ensaiado tantas vezes dentro da minha cabeça, mas para a qual, no fundo, nunca estive preparado.

Na manhã seguinte, ele foi embora cedo.

Depois que saiu, voltei a dormir.

Era apenas mais uma manhã.

Pelo menos era o que eu imaginava.

Até ouvir alguém bater à porta do meu quarto.

Era minha mãe.

Pedi que entrasse.

Ela se aproximou e sentou na beira da minha cama.

Naquele instante, eu ainda não sabia exatamente sobre o que ela queria conversar.

Mas, conforme as primeiras perguntas foram surgindo, comecei a perceber.

Uma pergunta se ligava à outra.

Uma palavra parecia preparar a próxima.

E, aos poucos, fui entendendo onde aquela conversa chegaria.

Meu coração já não estava tão tranquilo.

Havia uma coisa que eu sempre dizia para mim mesmo: se algum dia alguém da minha família me perguntasse diretamente sobre minha sexualidade, eu não mentiria.

Eu poderia ter medo.

Poderia não saber como explicar.

Poderia não estar preparado para todas as consequências.

Mas não queria mentir.

Principalmente para minha mãe.

E então a pergunta veio.

Aquela que, durante tanto tempo, eu imaginei como seria ouvir.

Não lembro se naquele momento consegui organizar todos os pensamentos que passaram pela minha cabeça.

Mas lembro da decisão.

Eu diria a verdade.

E disse.

Talvez eu tivesse imaginado aquela conversa de tantas maneiras diferentes que nunca pensei no quanto seria difícil vivê-la de verdade.

Minha mãe começou a chorar.

E eu vi.

Vi aquela mulher, que sempre fez parte da minha vida, chorando diante de mim por algo que eu acabara de contar sobre quem eu era.

Eu também comecei a me emocionar.

Minha cabeça se encheu de perguntas.

O que eu deveria dizer?

Como poderia explicar?

Será que ela conseguiria compreender?

Será que, depois daquela conversa, continuaria me olhando da mesma maneira?

Tentei falar.

Tentei encontrar palavras que fossem capazes de tranquilizá-la.

E uma das coisas que eu mais queria que ela entendesse era tão simples para mim:

Eu continuava sendo o mesmo filho.

Nada havia mudado no meu caráter.

No carinho que sentia por ela.

Na minha história.

Nas lembranças que tínhamos construído.

Eu ainda era aquele menino que ela havia visto crescer.

Ainda era seu filho.

Mas, naquele momento, parecia que minhas palavras não conseguiam alcançar o lugar onde eu precisava que chegassem.

E eu ainda não sabia que algumas das palavras que ouviria em seguida permaneceriam comigo por muitos anos.

E permaneceram.

Minha mãe, depois de tanto chorar, começou a falar.

Lembro que suas palavras foram duras. Talvez mais duras do que eu pudesse imaginar ouvir naquele momento.

Ela dizia que na família dela não existia aquilo. Que não me aceitaria. Que, a partir daquele instante, eu não deveria mais considerá-la como minha mãe.

E que eu também já não era mais seu filho.

Eu ouvi.

Mas não sabia como reagir.

É estranho quando uma pessoa que sempre fez parte da nossa vida diz algo que, por alguns instantes, parece apagar tudo o que vivemos juntos.

Eu tinha dezenove anos.

Dezenove anos de histórias, de lembranças, de convivência, de momentos bons e ruins.

E, de repente, parecia que tudo aquilo estava sendo colocado de lado por causa de uma verdade que eu havia acabado de contar.

Eu não tinha deixado de amá-la.

Não havia deixado de ser seu filho.

Não havia me transformado em outra pessoa durante aquela noite.

Mas, pelas palavras que ouvi, parecia que alguma coisa em mim havia se tornado impossível de aceitar.

Ela continuou falando.

Disse que, daquele momento em diante, eu deveria cuidar das minhas próprias coisas.

Da minha comida.

Das minhas roupas.

Que procurasse um emprego.

Que aprendesse a me virar.

Eu tentei conversar.

Tentei explicar que continuava sendo a mesma pessoa.

Mas chegou um momento em que minhas palavras já não encontravam espaço naquela conversa.

E então ela saiu.

A porta do quarto ficou para trás.

E eu fiquei sozinho.

Talvez tenha sido naquele instante que comecei a sentir o verdadeiro peso de tudo o que havia acontecido.

Enquanto ela estava ali, eu ainda tentava explicar.

Ainda procurava alguma palavra que pudesse mudar sua reação.

Mas, quando saiu, não havia mais ninguém para quem falar.

Havia apenas eu.

E um silêncio que parecia maior do que o quarto.

Eu chorei.

Chorei porque estava com medo.

Chorei porque não sabia o que aconteceria depois.

Chorei porque não conseguia compreender como uma conversa que eu havia imaginado tantas vezes poderia terminar daquela maneira.

E, principalmente, chorei porque senti que estava perdendo minha mãe.

Não fisicamente.

Ela continuava ali.

Na mesma casa.

Mas alguma coisa havia mudado entre nós, e eu não sabia se algum dia voltaria a ser como antes.

Lembro que me abracei.

Talvez porque, naquele momento, fosse a única forma que encontrei de receber algum conforto.

Eu não queria conversar com ninguém.

Não queria sair do quarto.

Não queria encontrar pessoas.

Não queria ter que responder perguntas.

Minha cabeça estava cheia.

E quanto mais eu pensava, mais dúvidas apareciam.

O que seria de mim dali em diante?

Como seria viver naquela casa?

Será que minha mãe voltaria a falar comigo normalmente?

Será que algum dia conseguiria me aceitar?

Mas havia outro medo.

Um medo que crescia enquanto eu permanecia sozinho.

E se ela contasse para toda a família?

Eu imaginava aquela conversa saindo do meu quarto e chegando aos ouvidos de outras pessoas.

Imaginava parentes comentando.

Perguntando.

Julgando.

Talvez se afastando.

E eu tinha medo de que tudo aquilo se transformasse em uma bola de neve.

Uma pessoa contando para outra.

Uma pergunta trazendo outra.

Até que, de repente, todos soubessem de algo que eu ainda estava tentando aprender a dizer.

Eu não sabia como reagiriam.

Não sabia quem permaneceria ao meu lado.

Não sabia quem me olharia de maneira diferente.

E o que mais me assustava era imaginar que a rejeição da minha mãe pudesse ser apenas o começo.

Porque, até aquele momento, eu havia passado muitos anos tentando me aceitar.

Lutando contra meus próprios pensamentos.

Contra meus medos.

Contra julgamentos que eu mesmo fazia sobre mim.

Havia chorado escondido.

Havia procurado respostas.

Havia tentado entender meus sentimentos.

E agora, quando finalmente dizia a verdade para alguém tão importante, parecia que todos aqueles medos estavam ganhando vida diante de mim.

Eu não queria que minha família deixasse de me amar.

Não queria perder o carinho das pessoas com quem cresci.

Não queria que minha sexualidade se tornasse a única coisa que enxergassem quando olhassem para mim.

Eu só queria continuar pertencendo.

Talvez essa fosse a maior dor.

Não era apenas o medo de ser rejeitado.

Era o medo de deixar de ter um lugar.

De não ser mais recebido da mesma maneira.

De perceber que o amor que eu acreditava conhecer pudesse depender de uma parte de mim permanecer escondida.

Naquele quarto, eu me senti pequeno outra vez.

Não porque tivesse voltado a ser criança.

Mas porque, diante de tanta coisa que eu não podia controlar, não sabia como me defender daquela dor.

Eu tinha acabado de completar dezenove anos.

Na noite anterior, estava cercado de pessoas comemorando minha vida.

Naquela manhã, estava sozinho, chorando e me perguntando se algumas daquelas mesmas pessoas continuariam querendo fazer parte dela.

O aniversário havia terminado. Mas uma parte da minha vida estava apenas começando — e eu não fazia ideia de como enfrentá-la.

Depois de muito chorar, fiz uma das poucas coisas que consegui pensar naquele momento.

Procurei o rapaz com quem estava me relacionando.

Contei o que havia acontecido.

Talvez eu nem soubesse exatamente o que esperava ouvir. Não existiam palavras capazes de desfazer aquela conversa ou de fazer minha mãe voltar atrás.

Mas eu precisava falar.

Precisava que alguém soubesse.

Precisava sentir que, apesar de tudo, ainda existia alguém do outro lado.

Depois, procurei alguns amigos.

Amigos que já haviam passado por situações semelhantes, que também conheciam o medo de contar à família e não encontrar a reação que esperavam.

Ouvi-los não resolveu tudo.

Minha mãe continuava sendo minha mãe.

A conversa continuava tendo acontecido.

As palavras continuavam dentro de mim.

Mas, pela primeira vez naquela manhã, percebi que não era o único a conhecer aquele tipo de dor.

E isso, de alguma maneira, trouxe um pouco de conforto.

Até que recebi uma ligação.

Era minha irmã, Ivone.

Ela queria saber como eu estava.

E talvez eu não soubesse responder.

Como explicar tudo o que havia acontecido em tão poucas horas?

Como dizer que, na noite anterior, eu estava comemorando meu aniversário e que, naquela manhã, tinha medo de perder minha família?

Durante nossa conversa, ela me disse algo que nunca esqueci.

Ela já tinha uma ideia sobre minha sexualidade.

Mas nunca quis invadir meu espaço.

Preferiu esperar.

Esperar que, algum dia, quando eu me sentisse preparado, fosse até ela e contasse.

Eu não sei se ela tinha dimensão do quanto aquelas palavras significaram para mim.

Mas significaram.

Porque, durante muito tempo, vivi preocupado com o que as pessoas pensariam se soubessem.

E, naquele momento, descobri que alguém da minha própria família já imaginava e, ainda assim, havia escolhido respeitar meu tempo.

Ela não precisou me pressionar.

Não precisou me fazer perguntas.

Não precisou exigir explicações.

Apenas deixou que eu fosse eu, no momento em que conseguisse.

Talvez eu tenha passado tanto tempo imaginando a rejeição que não soubesse reconhecer, de imediato, a tranquilidade de ser acolhido.

Minha irmã me ofereceu algo de que eu precisava muito naquele dia.

A possibilidade de continuar sendo amado sem precisar me justificar.

E eu comecei a entender que nem todas as pessoas reagiriam da mesma maneira.

Que talvez alguns familiares não compreendessem.

Que outros precisassem de tempo.

E que alguns simplesmente continuariam ao meu lado.

Ainda assim, eu tinha medo.

O medo não desapareceu com uma ligação.

As incertezas continuavam.

Eu ainda não sabia como seria minha convivência com minha mãe.

Não sabia o que aconteceria quando encontrasse outros familiares.

Não sabia se conseguiria enfrentar as perguntas, os comentários ou os olhares que tanto temia.

Mas já não estava completamente sozinho.

Naquele dia, aprendi que contar a verdade não significa necessariamente encontrar liberdade de imediato.

Às vezes, significa enfrentar medos que antes existiam apenas dentro da nossa cabeça.

E eu ainda tinha muitos.

A vida, porém, não pararia para que eu encontrasse todas as respostas.

Os dias continuariam passando.

As responsabilidades chegariam.

Eu precisaria trabalhar, construir meus caminhos e aprender a cuidar de mim.

Talvez eu ainda não soubesse exatamente como fazer isso.

Mas havia uma coisa que começava a compreender:

Eu não podia passar o resto da vida esperando que todas as pessoas me aceitassem para, somente então, permitir que minha própria vida continuasse.

Eu tinha dezenove anos.

Ainda precisava aprender muita coisa.

Ainda choraria outras vezes.

Ainda sentiria medo.

Ainda teria dúvidas.

Mas, depois daquela manhã, alguma coisa havia mudado.

Eu havia contado uma verdade que passei anos tentando entender.

E, embora não soubesse o que aconteceria dali em diante, precisava descobrir como continuar.

Naquela manhã, tive medo de perder o meu lugar na família. Nos dias que viriam, começaria a aprender que também precisava construir um lugar para mim no mundo.

CAPÍTULO 10

Cuidar da Dor dos Outros

“Enquanto eu aprendia a cuidar de outras pessoas, havia uma parte de mim que ainda precisava de cuidado.”

A vida não espera que a gente esteja preparado. Ela simplesmente continua. Continua depois de uma noite difícil. Depois de uma conversa que machuca. Depois de uma decepção. Continua até mesmo quando tudo o que queremos é permanecer em silêncio, esperando que alguma coisa mude.

E comigo não foi diferente. Depois daquela manhã em que contei à minha mãe sobre minha sexualidade, muitas coisas permaneceram dentro de mim.

Havia dúvidas.

Incertezas.

Medos que não desapareceram de uma hora para outra.

Eu ainda não sabia exatamente como seria nossa convivência dali em diante. Não sabia se outros familiares descobririam. Não sabia como reagiriam.

Mas havia uma coisa que eu precisava compreender.

Minha vida não poderia parar.

Eu já havia começado a trabalhar cedo, por volta dos dezesseis anos.

Sempre fui muito curioso.

Gostava de aprender coisas novas, de observar as pessoas trabalhando e de descobrir como determinadas atividades eram realizadas.

Quando chegava a algum lugar e conhecia algo diferente, logo surgia aquela vontade de aprender também.

Eu queria saber fazer.

Queria experimentar.

Queria descobrir até onde conseguiria chegar.

Talvez essa curiosidade tenha sido uma das características que mais me acompanharam ao longo da vida.

Mesmo quando não sabia exatamente qual caminho seguir, havia dentro de mim uma vontade de construir alguma coisa.

De conquistar meu espaço.

De não depender completamente das circunstâncias.

Mas viver no interior também significava enfrentar dificuldades.

As oportunidades de trabalho eram limitadas.

Nem sempre bastava querer trabalhar.

Era preciso encontrar uma oportunidade, conhecer alguém que pudesse indicar uma vaga ou esperar que alguma possibilidade surgisse.

E eu precisava continuar tentando.

Foi nesse período da minha vida que surgiu uma oportunidade que guardo com carinho.

O programa Mais Educação.

Passei a trabalhar como monitor de artes, desenvolvendo atividades com crianças do segundo ao quinto ano.

Eram quatro turmas.

Crianças diferentes, cada uma com seu jeito, sua personalidade, suas dificuldades e sua maneira de aprender.

Eu gostava daquele ambiente.

Gostava da possibilidade de ensinar.

De trabalhar com desenhos.

Com criatividade.

Com atividades que permitiam transformar ideias em alguma coisa que pudesse ser vista, compartilhada e construída.

A arte sempre despertou algo em mim.

Desde cedo, gostei de desenhar, de criar e de observar detalhes.

Havia uma satisfação particular em imaginar alguma coisa e conseguir dar forma àquilo.

E, naquele trabalho, eu tinha a oportunidade de compartilhar esse interesse com outras pessoas.

Mais do que isso.

Com crianças que ainda estavam descobrindo o mundo.

Uma criança nem sempre percebe a importância de uma pequena conquista.

Às vezes, terminar um desenho, compreender uma atividade ou conseguir fazer alguma coisa pela primeira vez representa muito mais do que imaginamos.

E eu gostava de fazer parte daquele processo.

De acompanhar.

De orientar.

De incentivar.

De perceber que cada uma aprendia no seu próprio tempo.

Durante aproximadamente dois anos, trabalhei naquele projeto.

Recebia pouco mais de oitocentos e cinquenta reais por mês.

Talvez, para algumas pessoas, aquele valor não representasse tanto.

Mas, para mim, tinha um significado muito maior do que o dinheiro.

Era fruto do meu trabalho.

Da minha responsabilidade.

Daquilo que eu estava conseguindo construir.

Era a possibilidade de ter alguma independência, de assumir compromissos e de compreender que eu também era capaz de conquistar coisas por meio do meu esforço.

Eu tinha sonhos.

Queria crescer.

Queria conhecer outros lugares.

Queria encontrar oportunidades que talvez ainda não estivessem ao meu alcance.

E, mesmo sem perceber, aquele trabalho também me ensinava sobre a vida.

Porque ensinar exige paciência.

Exige atenção.

Exige compreender que nem todas as pessoas aprendem da mesma maneira.

Que algumas precisam de mais tempo.

Que outras precisam de incentivo.

Que um erro não significa incapacidade.

E hoje, enquanto escrevo sobre essa experiência, existe uma coisa que me chama a atenção.

Eu trabalhava com crianças.

Crianças que estavam aprendendo a descobrir o mundo.

Que faziam perguntas.

Que experimentavam.

Que erravam e tentavam novamente.

E, ao mesmo tempo, existia dentro de mim um menino que havia passado por situações que jamais deveria ter vivido.

Um menino que guardou sentimentos.

Que cresceu com perguntas.

Que aprendeu a esconder determinadas partes da própria história.

Não quero dizer que eu pensava nisso enquanto estava diante daquelas turmas.

Naquela época, talvez nem conseguisse estabelecer essa relação.

Mas hoje consigo olhar para trás e perceber o quanto essas duas partes da minha vida parecem se encontrar.

De um lado, eu procurava ensinar.

Do outro, ainda precisava aprender muitas coisas sobre mim.

Eu sabia que uma criança precisava de tempo para compreender uma atividade.

Mas demorei muito para aceitar que também precisava de tempo para compreender minha própria história.

Sabia que não deveria exigir de uma criança aquilo que ela ainda não havia aprendido.

Mas, durante anos, cobrei de mim respostas que talvez ainda não estivesse preparado para encontrar.

Sabia incentivar alguém diante de uma dificuldade.

Mas nem sempre conseguia oferecer a mim mesmo a mesma compreensão.

Talvez uma das coisas mais difíceis da vida seja aprender a tratar nossa própria história com o cuidado que oferecemos aos outros.

Porque somos capazes de compreender a dor de alguém.

De ouvir.

De aconselhar.

De acolher.

Mas, quando se trata de nós mesmos, muitas vezes somos mais duros.

Exigimos respostas.

Cobramos atitudes.

Questionamos decisões.

E esquecemos que também estamos aprendendo.

Aquele trabalho não resolveu meus conflitos.

Não apagou as lembranças difíceis.

Não fez desaparecer todas as inseguranças que eu carregava.

Mas me mostrou outras possibilidades.

Mostrou que eu tinha habilidades.

Que poderia aprender.

Que poderia ensinar.

Que minha vida não precisava ser definida apenas pelos acontecimentos que me machucaram.

Eu também era feito de curiosidade.

De criatividade.

De vontade.

De sonhos que ainda desejava realizar.

E, enquanto os dias passavam, começava a compreender que existia um mundo muito maior do que aquele que eu conhecia.

Havia outras cidades.

Outras oportunidades.

Outras pessoas.

Outras experiências.

Talvez eu ainda não soubesse exatamente onde queria chegar.

Mas sabia que desejava continuar.

O interior fazia parte da minha história.

Ali estavam lembranças da infância, pessoas importantes e acontecimentos que ajudaram a construir quem eu era.

Eu não poderia simplesmente apagar tudo aquilo.

Nem queria.

Mas começava a perceber que amar nossas origens não significa necessariamente permanecer para sempre no mesmo lugar.

Às vezes, crescer também exige partir.

Conhecer outros caminhos.

Descobrir do que somos capazes quando precisamos enfrentar o desconhecido.

Eu ainda não sabia como seria a próxima etapa.

Não sabia quais dificuldades encontraria.

Nem quais pessoas passariam a fazer parte da minha vida.

Mas havia dentro de mim uma vontade de descobrir.

E, aos poucos, essa vontade começou a ocupar um espaço que antes parecia pertencer somente ao medo.

Eu havia passado muito tempo tentando compreender aquilo que aconteceu comigo. Agora, começava a descobrir que também precisava viver tudo aquilo que ainda poderia acontecer.

CAPÍTULO 11

Recomeçar Também Dá Medo

"Nem toda mudança acontece porque queremos esquecer de onde viemos. Às vezes, mudamos porque precisamos descobrir até onde podemos chegar."

Em 2014, minha vida começou a tomar um novo rumo. Mudei-me para Maceió. Não era a primeira vez que eu precisava me adaptar a mudanças.

Minha história já havia passado por acontecimentos que alteraram os caminhos da minha família.

Em 2010, depois de uma enchente, fui para São Paulo com minha mãe.

Em 2011, retornamos para Alagoas.

Foram mudanças que fizeram parte da minha trajetória e que, de alguma maneira, me mostraram que nem sempre a vida permanece como planejamos.

Às vezes, precisamos sair.

Recomeçar.

Nos adaptar a lugares diferentes.

E aprender a conviver com realidades que antes não faziam parte do nosso cotidiano.

Mas a mudança para Maceió, em 2014, representava outra etapa.

Eu já não era aquela criança que simplesmente acompanhava os acontecimentos.

Estava crescendo.

Tinha desejos próprios.

Planos.

Expectativas.

Queria construir uma vida.

Queria trabalhar, conquistar independência e conhecer possibilidades que talvez não encontrasse no interior.

Mas mudar de cidade não significa apenas chegar a um lugar diferente.

Significa também deixar para trás uma rotina que conhecemos.

As ruas.

Os costumes.

As pessoas.

Os lugares onde aconteceram tantas coisas.

Mesmo quando desejamos uma mudança, existe algo de estranho em perceber que a vida continuará acontecendo no lugar de onde partimos, só que sem a nossa presença diária.

As pessoas continuarão acordando.

Trabalhando.

Conversando.

Celebrando aniversários.

Vivendo suas histórias.

E nós precisaremos construir uma nova rotina em outro lugar.

Eu estava diante dessa possibilidade.

Maceió representava um novo cenário.

Uma cidade maior, com outro ritmo, outras oportunidades e pessoas que ainda não conhecia.

E havia algo que me atraía naquela ideia.

A possibilidade de começar uma nova etapa.

Não necessariamente uma nova vida.

Porque ninguém consegue abandonar completamente aquilo que viveu.

Mas uma nova maneira de continuar.

Eu carregava comigo minhas lembranças.

Os momentos felizes.

As dificuldades.

As experiências que tive trabalhando.

As pessoas que amei.

As dúvidas que ainda existiam dentro de mim.

E também carregava aquela conversa com minha mãe.

O medo que senti.

As palavras que ouvi.

A sensação de que, em determinado momento, poderia perder o lugar que ocupava dentro da própria família.

Nada disso desapareceu simplesmente porque mudei de endereço.

Talvez seja essa uma das coisas que demoramos a compreender.

Podemos mudar de casa.

De cidade.

De trabalho.

De relacionamento.

Mas algumas partes da nossa história continuam conosco.

Não porque desejamos carregá-las para sempre.

Mas porque fazem parte da pessoa que estamos tentando compreender.

A mudança para Maceió não me transformou imediatamente em alguém mais seguro.

Eu ainda tinha dúvidas.

Ainda precisava aprender muita coisa.

Ainda não sabia quais caminhos encontraria.

Mas havia uma diferença importante.

Eu estava me permitindo conhecer outras possibilidades.

E isso, por si só, já representava um movimento.

A vida adulta foi chegando sem pedir licença.

Com ela vieram responsabilidades.

Decisões que não poderiam ser tomadas apenas com base na vontade.

Preocupações com dinheiro.

Com trabalho.

Com o futuro.

Com as relações que construímos.

Aos poucos, fui percebendo que independência não significava fazer tudo o que queria.

Significava também compreender as consequências das minhas escolhas.

Assumir compromissos.

Aprender a lidar com aquilo que não acontecia como eu esperava.

E reconhecer que crescer nem sempre é tão bonito quanto imaginamos quando somos mais novos.

Existe liberdade.

Mas também existe responsabilidade.

Existem descobertas.

Mas também existem decepções.

Existem momentos em que sentimos orgulho do que conquistamos.

E outros em que nos perguntamos se estamos seguindo o caminho certo.

Eu vivi essas contradições.

Queria conquistar meu espaço.

Mas também desejava segurança.

Queria conhecer pessoas.

Mas ainda tinha receio de não ser aceito.

Queria viver meus sentimentos.

Mas carregava experiências que haviam me ensinado a ter cuidado com aquilo que revelava.

Talvez uma parte de mim ainda estivesse acostumada a observar primeiro.

A compreender o ambiente.

A tentar descobrir como as pessoas pensavam antes de mostrar determinadas partes de quem eu era.

Não sei exatamente quando esse hábito começou.

Talvez tenha sido construído ao longo de muitos anos.

Mas sei que, em vários momentos da vida, senti necessidade de me proteger.

E viver em uma cidade diferente também significava conhecer pessoas que não sabiam tudo sobre meu passado.

Pessoas que me conheceriam pelo que eu apresentava naquele momento.

Pelas conversas.

Pelas atitudes.

Pelas escolhas.

Isso trazia uma sensação de possibilidade.

Mas também me fazia pensar em algo que, durante muito tempo, foi difícil compreender.

Quem somos quando ninguém conhece toda a nossa história?

Somos apenas aquilo que mostramos?

Somos aquilo que escondemos?

Ou somos uma mistura de todas essas partes?

Eu não tinha respostas.

Talvez ainda não tenha todas.

Mas começava a perceber que não precisava explicar minha vida inteira para cada pessoa que conhecesse.

Também não precisava fingir ser alguém diferente para merecer respeito.

Havia uma distância muito grande entre essas duas coisas.

E eu estava aprendendo a reconhecê-la.

Maceió passou a fazer parte da minha história.

Das experiências que viveria.

Das relações que construiria.

Dos trabalhos que ainda teria.

Dos lugares que conheceria.

De uma fase da vida em que precisaria tomar decisões cada vez mais importantes.

Mas, acima de tudo, representava a possibilidade de descobrir novas versões de mim.

O jovem que havia trabalhado no interior continuava existindo.

O menino que carregava lembranças difíceis também.

O filho que desejava ser aceito ainda fazia parte de mim.

Nenhum deles ficou para trás.

Todos chegaram comigo.

E talvez recomeçar seja justamente isso.

Não abandonar quem fomos.

Mas permitir que novas experiências se juntem à nossa história.

Eu não sabia tudo o que viveria naquela cidade.

Não sabia quais pessoas permaneceriam.

Quais caminhos mudariam.

Quais sonhos seriam realizados.

Mas estava ali.

Diante de uma nova etapa.

E, pela primeira vez em muito tempo, talvez a pergunta mais importante não fosse apenas sobre aquilo que eu temia perder.

Era também sobre tudo o que ainda poderia encontrar.

Eu havia aprendido que partir também dava medo. Mas estava começando a descobrir que permanecer no mesmo lugar, sem tentar viver aquilo que desejava, poderia me deixar com perguntas para o resto da vida.

CAPÍTULO 12

Entre Amores e Despedidas

"Nem todas as pessoas que amamos permanecem em nossa vida. Mas algumas continuam fazendo parte de quem nos tornamos."

Sempre fui uma pessoa que sentiu muito. Talvez nem sempre tenha demonstrado. Talvez, em determinados momentos, tenha preferido guardar.

Mas, quando gostava de alguém, havia dentro de mim uma vontade de fazer dar certo.

De estar perto.

De compartilhar momentos.

De imaginar o futuro.

Eu não queria apenas conhecer alguém.

Queria construir alguma coisa.

Queria viver uma história que tivesse significado.

E, muitas vezes, antes mesmo de saber até onde uma relação poderia chegar, já começava a imaginar como seria dividir a vida com aquela pessoa.

Hoje consigo perceber que essa maneira de amar também fazia parte de quem eu era.

Eu tinha expectativas.

Sonhos.

Desejos.

Queria experimentar aquilo que tantas vezes observei na vida de outras pessoas.

O companheirismo.

A presença.

A possibilidade de ter alguém com quem dividir as alegrias e as dificuldades.

Mas amar alguém também significa descobrir coisas sobre nós mesmos que talvez nunca perceberíamos sozinhos.

E eu ainda tinha muito a aprender.

O rapaz que esteve comigo na noite do meu aniversário de dezenove anos acabou se tornando uma pessoa importante na minha história.

Naquela época, eu não poderia imaginar todos os caminhos que ainda percorreríamos.

Não sabia quanto tempo permaneceríamos juntos.

Não sabia quais experiências viveríamos.

Nem o quanto aquele relacionamento contribuiria para meu amadurecimento.

Mas havia sentimento.

E havia vontade de viver aquela história.

Com o passar do tempo, nossa relação ganhou outros contornos.

Em Maceió, chegamos a dividir a vida sob o mesmo teto por aproximadamente quatro anos.

Quatro anos.

Quando resumo esse período em uma frase, parece pouco.

Mas existe muita vida dentro de quatro anos.

Existem manhãs comuns.

Conversas durante o dia.

Planos para o futuro.

Responsabilidades compartilhadas.

Momentos de alegria.

Dificuldades.

Diferenças que vão aparecendo conforme duas pessoas aprendem a conviver.

Porque namorar alguém é uma experiência.

Dividir a vida com essa pessoa é outra.

Quando estamos apenas conhecendo alguém, muitas vezes mostramos nossas melhores partes.

Os encontros costumam ser aguardados.

As conversas parecem mais leves.

Existe aquela expectativa de estar junto.

Mas a convivência revela também aquilo que não aparece nos primeiros encontros.

Os hábitos.

As preocupações.

As diferenças de pensamento.

A maneira como cada pessoa enfrenta um problema.

O jeito de demonstrar carinho.

E até mesmo aquilo que cada um prefere guardar em silêncio.

Eu estava aprendendo tudo isso.

Aprendendo que amar não significa concordar com tudo.

Que duas pessoas podem gostar uma da outra e, ainda assim, enfrentar dificuldades.

Que a convivência exige respeito.

Diálogo.

Paciência.

E uma disposição verdadeira para compreender que o outro também possui uma história.

Eu carregava a minha.

E havia coisas dentro de mim que ainda não estavam completamente resolvidas.

Durante muitos anos, acostumei-me a guardar sentimentos.

A pensar antes de falar.

A imaginar possíveis reações.

A tentar evitar situações que pudessem terminar em conflito ou rejeição.

Mas um relacionamento não consegue sobreviver apenas daquilo que deixamos de dizer.

Existem momentos em que precisamos conversar.

Expressar insatisfações.

Reconhecer erros.

Ouvir aquilo que talvez não desejássemos escutar.

E nem sempre sabemos fazer isso da melhor maneira.

Eu também cometi erros.

Também tive minhas dificuldades.

Também precisei aprender que gostar de alguém não significa estar preparado para todas as responsabilidades de uma relação.

Não quero contar essa história como se apenas uma pessoa tivesse acertado ou errado.

Um relacionamento é construído por duas pessoas.

E, quando chega ao fim, nem sempre existe uma explicação simples para tudo o que aconteceu.

Depois daqueles anos de convivência, nossa relação passou por um período de idas e vindas.

Aproximadamente um ano tentando encontrar caminhos que já não pareciam tão claros.

E talvez uma das coisas mais difíceis de aceitar seja perceber que o sentimento, sozinho, nem sempre consegue sustentar uma relação.

Podemos gostar.

Podemos sentir saudade.

Podemos lembrar dos momentos felizes.

E, ainda assim, não conseguir continuar da mesma maneira.

Existe uma dor particular em perceber que alguém que fez parte da nossa rotina começa a ocupar outro lugar na nossa vida.

A pessoa com quem dividíamos acontecimentos cotidianos deixa de estar presente da mesma forma.

As conversas mudam.

Os planos deixam de ser compartilhados.

Aquilo que antes parecia tão natural começa a exigir adaptação.

E precisamos aprender a conviver com uma ausência que não existia antes.

Talvez eu tenha demorado a compreender que o fim de um relacionamento não significa necessariamente que tudo o que vivemos foi um erro.

Não significa que o carinho não existiu.

Que os momentos felizes perderam o valor.

Que os planos não foram sinceros.

Significa apenas que aquela história chegou a um ponto em que já não conseguia continuar como antes.

E aceitar isso também faz parte de crescer.

Eu não queria apagar aqueles anos.

Eles fizeram parte da minha vida.

Das minhas descobertas.

Das minhas escolhas.

Da pessoa que estava me tornando.

E, por mais difícil que tenha sido atravessar determinadas mudanças, reconheço que aprendi muito com aquela relação.

Aprendi sobre convivência.

Sobre responsabilidade.

Sobre expectativas.

Sobre o quanto podemos nos dedicar a alguém.

E sobre a importância de não deixar de olhar para nós mesmos enquanto tentamos construir uma vida a dois.

Depois, outras pessoas passaram pela minha história.

Outros sentimentos surgiram.

Outras possibilidades de amar.

Porque o coração não deixa necessariamente de desejar companhia depois de uma despedida.

Às vezes, ele apenas precisa de tempo.

Tempo para compreender o que aconteceu.

Para reconhecer aquilo que deseja viver novamente.

E aquilo que não gostaria de repetir.

Mas também aprendi que nem sempre encontramos as respostas que procuramos em outra pessoa.

Durante muito tempo, desejei ser aceito.

Pela família.

Pelas pessoas que conhecia.

Por aqueles com quem me relacionava.

E, em determinados momentos, talvez tenha dado importância demais à maneira como os outros me enxergavam.

Como se o carinho de alguém pudesse confirmar meu valor.

Como se uma rejeição significasse que havia alguma coisa errada comigo.

Mas uma relação não pode ser a única medida daquilo que somos.

O fato de alguém escolher permanecer não nos torna melhores.

E o fato de alguém escolher partir não apaga nossas qualidades.

Hoje consigo compreender isso com mais clareza.

Não significa que as despedidas tenham deixado de doer.

Elas ainda podem machucar.

Ainda podem trazer dúvidas.

Ainda podem despertar lembranças de outras perdas.

Mas tenho procurado entender que não preciso transformar cada fim em uma condenação contra mim mesmo.

As pessoas mudam.

Os sentimentos se transformam.

Os caminhos nem sempre continuam na mesma direção.

E isso não torna menos verdadeira a história que existiu.

Também não quero viver acreditando que preciso encontrar alguém para me sentir completo.

Quero amar.

Quero ser amado.

Quero construir relações verdadeiras.

Mas quero, acima de tudo, aprender a estar bem comigo.

A reconhecer minhas necessidades.

A respeitar meus limites.

A compreender que uma relação saudável não deveria exigir que eu escondesse partes de quem sou para continuar sendo aceito.

Talvez eu ainda esteja aprendendo a amar.

Talvez continue cometendo erros.

Talvez ainda crie expectativas maiores do que deveria.

Mas já consigo olhar para algumas histórias com mais compreensão.

Não quero guardar apenas aquilo que doeu.

Quero lembrar também do que foi bonito.

Dos momentos em que fui feliz.

Das experiências que me fizeram crescer.

Das pessoas que, mesmo não permanecendo, tiveram importância.

Porque amar também faz parte da nossa história.

E despedir-se, por mais difícil que seja, às vezes faz parte dela também.

Eu não sou apenas os relacionamentos que vivi.

Nem as separações que enfrentei.

Sou também tudo aquilo que aprendi enquanto tentava compartilhar minha vida com alguém.

E, se existe alguma coisa que desejo levar comigo, é a compreensão de que posso continuar acreditando no amor sem precisar negar as experiências que não deram certo.

Algumas pessoas fizeram parte dos meus sonhos. Outras me ajudaram a compreender a realidade. E todas essas experiências, de alguma maneira, me ensinaram que amar alguém não deveria significar deixar de amar a mim mesmo.

CAPÍTULO 13

Entre os Que Partiram e os Que Ficaram

Existem acontecimentos que dividem a nossa vida em duas partes. Uma antes, quando tudo ainda parecia estar em seu lugar. E outra depois, quando precisamos aprender a conviver com aquilo que nunca mais será como antes.

Durante muito tempo, tentei compreender por que determinadas coisas acontecem com algumas famílias. Não porque acreditasse que a vida nos devesse explicações, mas porque, olhando para a minha própria história, percebo quantas vezes estivemos perto de perder alguém.

Por parte de mãe, éramos três filhos: Ivan, Ivone e eu. Por parte de pai, vieram Ítalo, Ingrid e, anos depois, Guilherme.

Cada um tem sua própria história. E algumas delas ficaram marcadas por acontecimentos que até hoje me fazem pensar na fragilidade da vida.

A primeira grande perda de que me recordo foi a do meu irmão Ivan.

Se minha memória não me engana, aconteceu em 2006. Eu tinha aproximadamente treze anos.

Ivan havia ido à cidade onde nasci e estava retornando para União dos Palmares, onde havia vivido com sua ex-esposa. Tinha ido a um evento de rinha de galos sem que nossa família soubesse. Na volta, estava na garupa de uma motocicleta conduzida por um rapaz que, pelo que me lembro, não conhecíamos.

Levava consigo três galos. Segundo soubemos, cada um deles valia cerca de três mil reais.

O acidente aconteceu próximo a União dos Palmares, em uma curva. Pelo que nos contaram, a motocicleta estava em alta velocidade e o condutor não

conseguiu completar a curva. A moto atravessou uma cerca de arame farpado. O rapaz que pilotava caiu para dentro do cercado e sofreu apenas alguns arranhões.

Meu irmão não teve a mesma sorte.

Ivan ficou preso entre estacas e arames farpados. A violência do impacto provocou ferimentos fatais no pescoço. Ele morreu ali.

Ainda hoje me custa pensar na violência daquele acidente. Há detalhes que conheci depois, mas não preciso descrevê-los todos para dizer o quanto aquela notícia mudou a nossa família.

Naquele período, eu estava passando as férias na casa do meu pai, em Maceió.

Lembro que comecei a perceber uma movimentação diferente entre os adultos. Meu pai, meus tios e outras pessoas conversavam baixo, afastavam-se quando eu chegava perto e pareciam evitar que eu escutasse alguma coisa.

Eu era criança, mas já sabia reconhecer quando havia algo errado.

Não me diziam o que estava acontecendo. E, justamente por isso, minha cabeça começou a imaginar o pior.

Pensei na minha mãe. Pensei na minha irmã.

Em nenhum momento imaginei que fosse Ivan.

No dia seguinte, meu pai me levou de volta para o interior. Durante toda a viagem de van, continuei com aquela sensação de que alguma coisa muito grave havia acontecido. Olhava pela janela, pensava, tentava encontrar alguma resposta.

Mas ninguém me dizia.

Quando chegamos à cidade, antes mesmo de descer da van, avistei uma multidão em frente à nossa casa.

Foi então que o medo tomou conta de mim.

Desci e corri.

Na minha cabeça, eu encontraria minha mãe dentro de um caixão.

Mas, quando entrei, encontrei meu irmão.

Ivan estava ali, deitado, e eu não conseguia compreender o que meus olhos estavam vendo.

Por alguns instantes, pareceu que a vida tinha parado.

Aproximei-me, abracei meu irmão e me desesperei. As pessoas ao redor tentavam me afastar, enquanto eu chorava sem conseguir aceitar aquilo.

Eu não estava preparado para encontrá-lo daquela maneira.

Logo depois, avistei minha mãe sentada em uma cadeira, cercada por pessoas que tentavam consolá-la. Quando me viu, chorou ainda mais.

Só depois soube de outra parte daquela história.

Quando a notícia chegou até ela, não conseguiram explicar direito o que havia acontecido. Como eu estava viajando, minha mãe pensou que o filho envolvido no acidente fosse eu.

Ela saiu pela rua desesperada, dizendo que queria seu filho de volta.

Naquele momento, ela acreditava que havia me perdido.

Mas era Ivan quem não voltaria.

Penso nisso até hoje. Na dor de uma mãe que, antes mesmo de compreender a notícia, já estava vivendo o medo de perder um filho. E que, ao descobrir a verdade, precisou enfrentar uma perda que nenhuma explicação seria capaz de diminuir.

Meu sobrinho, filho de Ivan, tinha aproximadamente três anos.

Era pequeno demais para compreender o que estava acontecendo. Enquanto todos choravam, ele ainda não tinha dimensão da ausência que passaria a fazer parte da sua vida.

Hoje, já adulto, diz que não consegue se lembrar do rosto do pai.

Essa é uma das coisas que mais me entristecem.

Porque eu me lembro.

Ivan tinha um porte alto e esguio, que lhe dava uma elegância natural. De pele clara e rosto esculpido, trazia sempre a barba feita com capricho, transmitindo uma imagem de sobriedade e ordem.

É assim que sua imagem permanece guardada na minha memória.

E, embora nossa convivência não tenha sido fácil, eu nunca deixei de amá-lo.

Quando era menor, eu o enxergava como uma referência masculina. Queria aprender com ele, estar por perto, participar da sua vida.

Houve um período em que fui morar com ele para ajudar no mercadinho. Nos fundos do estabelecimento, convivíamos com minha mãe, minha cunhada e meu sobrinho.

Eu queria que aquela aproximação fosse boa.

Mas nem sempre era.

Até hoje não sei explicar exatamente por quê, mas muitas coisas que eu fazia pareciam incomodá-lo. Algumas vezes ele me batia. Eu dizia à minha mãe que achava que meu irmão não gostava de mim.

Talvez ele tivesse suas próprias dificuldades, que eu não compreendia. Não tenho como saber.

O que sei é que, apesar de tudo, eu gostava de estar perto dele.

E sua morte deixou perguntas que nunca puderam ser respondidas.

Por muitos anos, senti sua ausência. Na verdade, sinto até hoje.

Minha mãe também.

O tempo passou, a família continuou vivendo, meu sobrinho cresceu. Mas há perdas que não deixam de existir apenas porque os anos avançaram.

• • •

Com minha irmã Ivone, a história sempre foi diferente.

Ela teve uma participação muito importante na minha criação. Quando minha mãe precisava trabalhar ou se ausentar, era Ivone quem muitas vezes cuidava de mim.

Foi ela quem me ensinou tantas coisas, quem ajudou a me educar e quem, em muitos momentos, me acolheu nos braços quando eu precisava de proteção.

Costumo dizer que minha irmã foi uma segunda mãe.

E não digo isso para diminuir o lugar da minha mãe, mas para reconhecer o espaço que Ivone ocupou na minha infância.

Nossa família enfrentou muitas dificuldades. Minha mãe precisou criar os filhos em circunstâncias que nem sempre foram favoráveis. Quando minha mãe engravidou de mim, a diferença de idade entre ela e meu pai nem sempre foi compreendida pela família paterna. Pelo que minha mãe me contou, minha chegada também foi cercada de dúvidas e questionamentos, alguns deles relacionados à própria paternidade.

Ela decidiu seguir com a gravidez e me criar. Depois do meu nascimento, meu pai quis reaproximar-se, mas minha mãe não quis retomar o relacionamento.

Em muitos momentos dessa caminhada, Ivone esteve ao lado dela.

Por isso, quando penso na minha irmã, não consigo separá-la da minha própria história.

Lembro também do período difícil depois da enchente, quando minha mãe e eu ficamos na casa dela, com seu então marido e meus dois sobrinhos, antes de seguirmos para São Paulo.

Ivone sempre esteve presente de alguma maneira.

E foi justamente ela quem, anos depois, sofreu outro acidente que mudaria profundamente a nossa família.

Era 2014, o mesmo ano em que vim morar em Maceió.

Lembro que estávamos próximos do meu aniversário, em julho. Um dia antes, recebi uma ligação da

concessionária Honda informando que havia sido contemplado com minha primeira motocicleta, uma Pop.

Fiquei muito feliz.

Era uma conquista importante para mim.

Mas, naquela mesma época, durante a madrugada, recebi outra ligação.

Dessa vez, não era uma notícia boa.

Alguém do interior me informou que minha irmã havia sofrido um grave acidente de moto e estava sendo encaminhada para o Hospital Geral do Estado, em Maceió.

Disseram que eu precisava chegar antes para fazer sua ficha e aguardar a chegada da ambulância.

Eu não sabia exatamente o que tinha acontecido.

Sabia apenas que o estado dela era grave.

Quando Ivone chegou, estava tão machucada e enfaixada que mal consegui reconhecê-la.

Ela foi levada diretamente para atendimento, e eu fiquei do lado de fora, esperando.

As horas passavam.

Eu não recebia notícias.

Depois, meu pai chegou ao hospital e conseguiu obter informações. Minha irmã havia passado por uma cirurgia, e os médicos tinham tentado preservar sua perna com a colocação de materiais de fixação.

Minha mãe veio para Maceió e permaneceu acompanhando Ivone durante a internação.

Mas, alguns dias depois, surgiram complicações.

Segundo o que nos explicaram, a evolução do quadro tornava a amputação necessária para evitar

consequências ainda mais graves, inclusive o risco de comprometer a outra perna.

Minha irmã sobreviveu.

Mas precisou enfrentar uma mudança que ninguém estava preparado para viver.

Pelo que soube, ela voltava de uma festa quando aceitou uma carona de motocicleta. Durante o trajeto, o condutor tentou desviar de um veículo que vinha na direção contrária, e a perna dela acabou atingindo o farol de um carro.

Ivone ficou caída na pista, sentindo muita dor, enquanto aguardava socorro. As pessoas se aproximavam, e ela gritava que não sentia a perna e pedia ajuda.

Imaginar minha irmã naquela situação ainda me entristece.

Mas o acidente não terminou quando ela saiu do hospital.

Vieram os dias difíceis, a recuperação e o processo de compreender uma nova realidade.

Não posso dizer que sei exatamente o que ela sentiu, porque essa experiência pertence a ela.

O que posso dizer é que acompanhei parte dessa luta e sei que não foi fácil.

Hoje, minha irmã segue vivendo sua vida. Há momentos em que parece lidar melhor com tudo o que aconteceu e outros em que as lembranças ainda pesam.

E eu continuo enxergando nela a mesma pessoa que me acolhia quando eu era pequeno.

A perda de uma perna não apagou a irmã que sempre conheci.

• • •

Anos depois, em 2024, foi a minha vez de sofrer um acidente de moto.

Naquele período, eu trabalhava durante a madrugada na funerária. Entrava às dez da noite e saía às sete da manhã.

Minha rotina de sono estava completamente desorganizada.

Passava a noite acordado, lutando contra o cansaço. Durante o dia, nem sempre conseguia dormir. Muitas vezes, o sono só chegava de verdade no período da tarde.

Eu estava acumulando um cansaço que já não conseguia controlar.

Na noite do acidente, voltava de uma boate de motocicleta. Carlos, meu ex-companheiro, estava na garupa.

Eu havia bebido uma latinha de Skol Beats, pelo que me recordo. Mas também estava extremamente cansado.

Em determinado momento, cochilei enquanto pilotava.

Não percebi o que estava acontecendo.

Segundo Carlos, a moto começou a seguir em direção ao meio-fio, quase avançando para a contramão. Ele gritou para que eu prestasse atenção.

Mas eu não ouvi.

A lembrança seguinte que tenho é de estar no chão.

Havia machucado o joelho, o braço e o antebraço direito. A pele ficou bastante ferida, e eu sangrava.

Cheguei a passar mal.

Carlos me levou à UPA, onde recebi atendimento.

Depois, passei aproximadamente quinze dias em casa, sob os cuidados da minha mãe.

Mesmo sem estar totalmente recuperado, decidi voltar ao trabalho para evitar o afastamento pelo INSS. Meu joelho ainda estava enfaixado.

Segundo o médico que me atendeu, minha rotina de sono e o cansaço acumulado precisavam de atenção.

Hoje, quando lembro daquele acidente, penso no risco que corremos.

Poderia ter acontecido algo muito mais grave.

Eu estava pilotando, havia outra pessoa comigo e, por alguns instantes, perdi a capacidade de perceber o caminho à minha frente.

Não comparo meu acidente com o que aconteceu com Ivan ou Ivone. As consequências foram muito diferentes.

Mas é impossível não pensar no fato de que nós três sofremos acidentes de moto.

E ainda houve Ítalo, meu irmão por parte de pai, que, se não me falha a memória, estava próximo de entrar na vida adulta quando sofreu um acidente envolvendo uma motocicleta.

Na ocasião, ele estava lavando a moto e pediu a um amigo que acelerasse o veículo. Foi nesse momento que sua mão acabou entrando em contato com a corrente da motocicleta, resultando na perda de parte de dois dedos.

Foi mais um acontecimento que deixou marcas na história da nossa família.

• • •

Quando reúno essas lembranças, não penso apenas nos acidentes.

Penso em Ivan, em tudo o que não pudemos conversar e no sobrinho que cresceu sem guardar a imagem do rosto do pai.

Penso em Ivone, na menina e depois na mulher que tanto cuidou de mim, e na força que precisou encontrar para continuar.

Penso em Ítalo, ainda tão jovem, enfrentando as consequências de um acidente que também passou a fazer parte da sua história.

Penso em mim, no chão daquela rua, e em como poderia não ter voltado para casa.

E penso principalmente na minha mãe.

Uma mulher que enfrentou tantas dificuldades, que perdeu um filho, acompanhou o sofrimento de uma filha e ainda precisou cuidar de mim depois do meu acidente.

Às vezes, quando olho para nossa família, tenho a sensação de que passamos a vida tentando aprender a continuar depois de alguma coisa.

Mas não quero que nossa história seja lembrada apenas pelas perdas.

Ivan foi meu irmão antes de ser uma ausência.

Ivone foi minha segunda mãe antes de ser alguém que precisou reaprender tantas coisas.

Ítalo tem uma vida inteira que não se resume ao acidente que sofreu.

E eu sou muito mais do que as marcas que carrego.

Talvez seja isso que eu esteja tentando compreender enquanto escrevo.

Existem acontecimentos que mudam nosso caminho para sempre. Alguns nos tiram pessoas. Outros transformam nossos corpos, nossa rotina e a maneira como enxergamos o mundo.

Mas, por trás de cada acontecimento, existe uma vida inteira.

E são essas vidas que eu não quero deixar desaparecer da minha história.

CAPÍTULO 14

O Tempo Também Transforma

"Algumas palavras permanecem na memória. Mas nem todas as histórias precisam permanecer presas ao momento em que foram ditas."

Durante muito tempo, quando pensava naquela manhã em que contei à minha mãe sobre minha sexualidade, uma das primeiras coisas que me vinham à cabeça eram suas palavras.

A maneira como chorou.

As coisas que disse.

O momento em que saiu do quarto.

E a sensação de ter ficado sozinho diante de um futuro que, de repente, parecia completamente incerto.

Eu tinha dezenove anos.

E, naquela idade, não sabia como compreender tudo aquilo.

Não sabia se nossa relação voltaria a ser como antes.

Não sabia se algum dia conseguiríamos conversar sobre minha vida sem que o assunto se transformasse em motivo de sofrimento.

Mas o tempo passou.

E a vida continuou acontecendo entre nós.

É curioso perceber como algumas lembranças parecem permanecer exatamente no mesmo lugar, mesmo quando as pessoas envolvidas nelas já mudaram.

Durante anos, aquela manhã continuou existindo dentro de mim.

Não como uma lembrança qualquer.

Mas como um momento em que senti medo de perder alguém que amava.

Eu não havia deixado de amar minha mãe.

Mesmo depois de ouvir palavras tão difíceis.

Mesmo sem compreender sua reação.

Mesmo com todas as dúvidas que surgiram naquele quarto.

O sentimento que eu tinha por ela continuava existindo.

Talvez por isso tenha doído tanto.

Porque as palavras que mais nos machucam nem sempre vêm de pessoas distantes.

Às vezes, vêm justamente daquelas de quem esperamos acolhimento.

E reconhecer isso não significa deixar de amar.

Significa apenas admitir que também podemos ser feridos por pessoas importantes em nossa vida.

Com o passar dos anos, porém, comecei a perceber mudanças.

Não aconteceu tudo de uma vez.

Não foi como se uma conversa pudesse apagar outra.

Nem como se, de repente, todas as dificuldades deixassem de existir.

Foi um processo.

Aos poucos, minha mãe começou a demonstrar uma postura diferente diante da minha sexualidade.

Primeiro, passou a respeitar.

E, com o tempo, esse respeito foi abrindo espaço para uma aceitação que, durante muito tempo, eu havia desejado.

Talvez uma das coisas mais importantes que aprendi nessa trajetória seja que as pessoas nem sempre conseguem compreender imediatamente aquilo que desconhecem ou que aprenderam a enxergar de determinada maneira.

Isso não significa que palavras duras deixem de machucar.

Não significa que a rejeição deva ser considerada normal.

E muito menos que alguém precise suportar qualquer coisa apenas porque existe um vínculo familiar.

Mas significa que algumas pessoas podem mudar.

Podem rever pensamentos.

Podem aprender.

Podem descobrir novas maneiras de demonstrar amor.

E foi isso que, aos poucos, comecei a perceber na minha relação com minha mãe.

Houve um momento em que ela já conseguia olhar para o rapaz com quem eu me relacionava de outra maneira.

Passou a demonstrar carinho por ele.

E isso tinha um significado que talvez nem todos consigam compreender.

Porque não se tratava apenas de aceitar a presença de uma pessoa.

Tratava-se também de reconhecer uma parte importante da minha vida.

Uma parte que, anos antes, havia provocado tanto sofrimento entre nós.

Eu já não precisava imaginar aquela mesma reação diante de tudo o que sentia.

Havia mudanças acontecendo.

E, embora o passado não pudesse ser apagado, o presente começava a mostrar que nossa história não precisava terminar naquela manhã.

Hoje, quando escrevo sobre minha mãe, não quero que o leitor conheça apenas a mulher que chorou e disse palavras difíceis ao descobrir minha sexualidade.

Quero que compreenda que existe uma história muito maior entre nós.

Uma história de mãe e filho.

De convivência.

De lembranças.

De dificuldades.

De mudanças.

De sentimentos que não cabem em um único acontecimento.

Seria injusto transformar toda a vida de uma pessoa em um único momento.

Assim como seria injusto reduzir minha própria história àquilo que sofri.

Minha mãe fez parte de diferentes fases da minha vida.

Da infância.

Da adolescência.

Das mudanças que enfrentamos.

Dos acontecimentos que nos aproximaram e daqueles que nos trouxeram dificuldades.

E, mesmo reconhecendo a dor que senti, não quero apagar todas as outras partes dessa relação.

Também não quero fingir que aquela manhã nunca aconteceu.

Porque aconteceu.

E me marcou.

Existem lembranças que não desaparecem apenas porque as circunstâncias mudaram.

Podemos compreender melhor uma situação.

Podemos encontrar maneiras de seguir.

Podemos reconstruir vínculos.

Mas isso não significa que deixaremos de lembrar.

A memória não funciona como uma folha que podemos simplesmente arrancar de um caderno.

Algumas páginas permanecem.

O que pode mudar é a maneira como passamos a lê-las.

Durante muito tempo, olhei para aquela manhã com medo.

Medo da rejeição.

De perder minha família.

De deixar de pertencer.

Hoje consigo olhar também para aquilo que aconteceu depois.

Para as pessoas que me acolheram.

Para minha irmã Ivone, que respeitou meu tempo.

Para os amigos que estiveram ao meu lado.

E para a transformação que aconteceu na relação com minha mãe.

Isso não elimina o sofrimento que vivi.

Mas me permite compreender que aquela não foi a última página da nossa história.

Talvez eu tenha passado muitos anos acreditando que precisava ser aceito para finalmente conseguir viver em paz.

Como se o amor das outras pessoas fosse a confirmação de que eu tinha o direito de ser quem era.

Mas, com o tempo, fui percebendo que existe uma diferença entre desejar ser amado e depender da aprovação de todos para reconhecer o próprio valor.

Eu continuo desejando carinho.

Continuo valorizando minha família.

Continuo querendo estar perto das pessoas que amo.

Mas não quero passar a vida inteira acreditando que preciso convencer alguém de que mereço respeito.

Eu sou quem sou.

Com minhas qualidades.

Com meus defeitos.

Com meus erros.

Com meus sentimentos.

Com uma história que não escolhi por completo, mas que faz parte de mim.

E talvez uma das maiores mudanças que aconteceram ao longo dos anos não tenha sido apenas na maneira como minha mãe passou a me enxergar.

Talvez tenha sido também na maneira como comecei a olhar para mim mesmo.

Porque, durante muito tempo, fui meu próprio julgador.

Cobrei respostas.

Questionei sentimentos.

Tentei compreender por que determinadas coisas haviam acontecido.

Tive medo de decepcionar pessoas.

De não corresponder às expectativas.

De ser visto de maneira diferente.

E, enquanto tentava encontrar aceitação do lado de fora, muitas vezes esquecia que também precisava aprender a me acolher.

Não quero dizer que esse processo esteja concluído.

Ainda tenho dúvidas.

Ainda existem momentos em que sou duro comigo.

Ainda há lembranças que despertam sentimentos difíceis.

Mas já consigo reconhecer algumas mudanças.

Consigo compreender que não sou a mesma pessoa de quando tinha dezenove anos.

Aquele jovem tinha medo de perder tudo.

Hoje, embora ainda conheça o medo, sei que a vida pode apresentar caminhos que não conseguimos imaginar quando estamos sofrendo.

Aquele jovem não sabia como seria sua relação com a mãe depois daquela conversa.

Hoje, consigo olhar para os anos que passaram e reconhecer que as relações também podem se transformar.

Aquele jovem imaginava que a rejeição poderia se espalhar por toda a família.

Hoje, sei que também existem pessoas capazes de acolher, respeitar e amar sem exigir que escondamos quem somos.

E isso faz diferença.

Não porque torne o passado menos verdadeiro.

Mas porque impede que ele seja a única referência para o futuro.

Talvez amadurecer seja também aprender que algumas histórias precisam de tempo.

Tempo para serem compreendidas.

Para serem contadas.

Para encontrarem novos significados.

Nem todas as feridas desaparecem.

Nem todas as perguntas encontram respostas.

Nem todas as relações se transformam da maneira que desejamos.

Mas algumas mudam.

E, quando isso acontece, precisamos permitir que o presente também tenha seu lugar na memória.

Hoje, quando penso em tudo o que vivi, percebo que não quero escrever apenas sobre as vezes em que chorei.

Quero escrever sobre as vezes em que sorri.

Sobre os sonhos que realizei.

Sobre os lugares que conheci.

Sobre os trabalhos que tive.

Sobre as pessoas que passaram pela minha vida.

Sobre aquilo que me faz sentir vivo.

Porque existe muito mais em mim do que as dificuldades que enfrentei.

Existe o homem que acorda cedo e se prepara para mais um dia.

Que cuida das próprias coisas.

Que trabalha.

Que faz planos.

Que gosta de criar.

Que encontra alegria na cultura junina.

Que ainda deseja conhecer lugares, viver experiências e realizar sonhos.

Existe uma vida acontecendo agora.

Enquanto escrevo.

Enquanto lembro.

Enquanto tento compreender tudo aquilo que me trouxe até aqui.

E talvez seja essa uma das partes mais bonitas de contar a própria história.

Perceber que ela não existe apenas no passado.

Que não é feita somente de acontecimentos marcantes.

Mas também de dias comuns.

De manhãs em que acordamos sem imaginar nada extraordinário.

De pequenas tarefas.

De pensamentos que surgem enquanto estamos sentados no sofá.

De momentos em que observamos nossa própria rotina e descobrimos que até mesmo um dia aparentemente simples pode guardar alguma coisa importante.

Durante muito tempo, pensei que precisava contar os grandes acontecimentos da minha vida para que alguém compreendesse quem eu era.

Hoje percebo que também existem respostas escondidas nas pequenas coisas.

Na maneira como começo meu dia.

No que observo.

No que sinto.

No que escolho fazer quando ninguém está olhando.

Talvez seja por isso que, em determinado momento, senti vontade de escrever sobre um dia comum.

Sem precisar voltar tantos anos no tempo.

Sem procurar uma lembrança dolorosa.

Sem tentar explicar uma grande mudança.

Apenas registrar a vida enquanto ela acontecia.

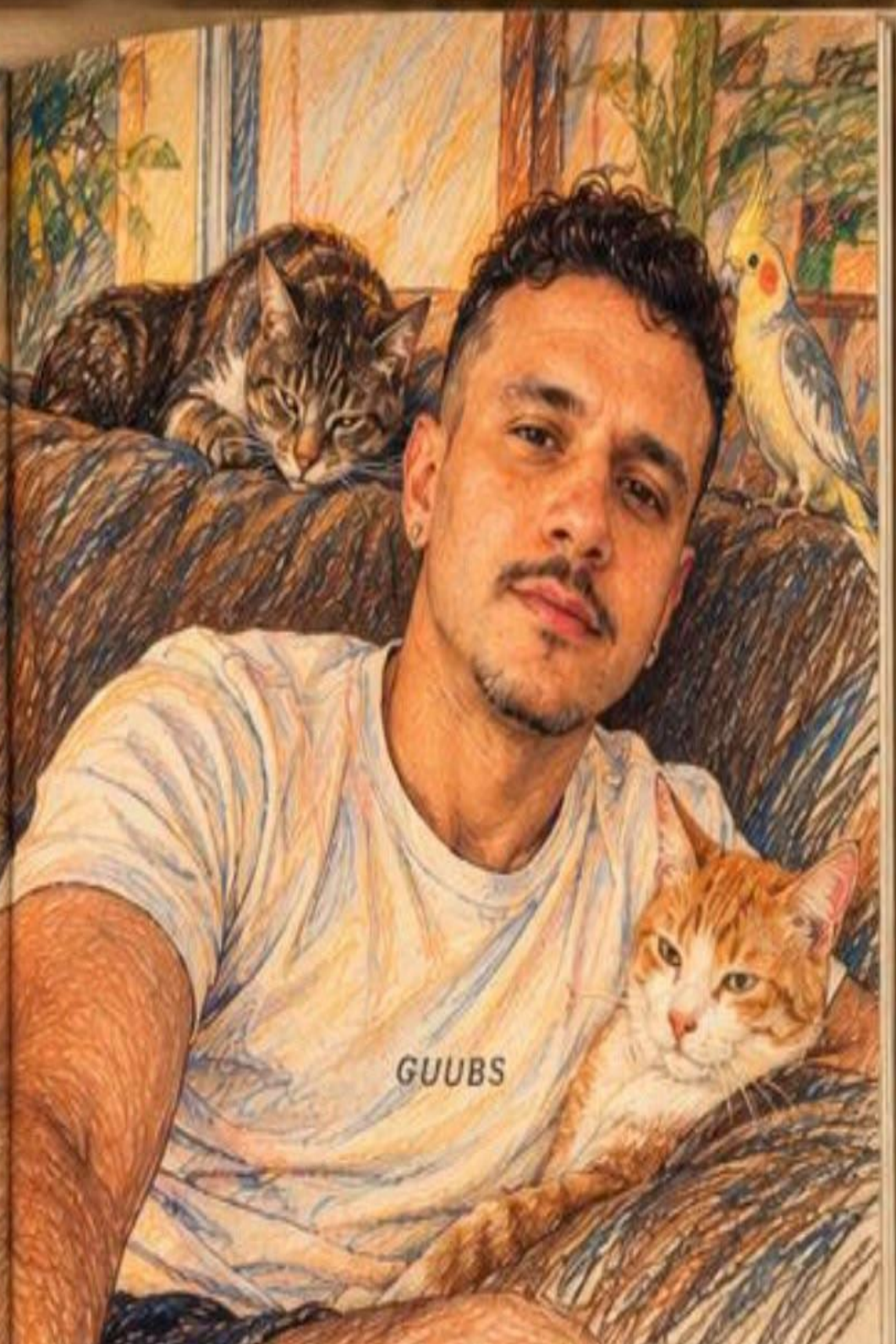
Porque, depois de tantas páginas dedicadas ao que vivi, também quero mostrar quem sou nos dias em que nada extraordinário parece acontecer.

O tempo transformou muitas coisas ao meu redor. Mas talvez uma das maiores mudanças tenha sido perceber que minha história também merece ser contada nos dias em que estou simplesmente vivendo.

CAPÍTULO 15

Um Dia de Cada Vez

"Às vezes, a vida não acontece nos grandes acontecimentos, mas naquilo que fazemos todos os dias, mesmo quando ninguém está olhando."


GUUBS

INÍCIO DE SEMANA

Segunda-feira, 14 de setembro de 2026, 8h33, Maceió – AL.

Neste momento, encontro-me sentado no sofá da sala, vestido com uma camiseta branca, uma bermuda com tons de cinza na parte de cima, uma pequena faixa preta ao meio e, logo abaixo, uma parte branca. Estou calçado com sapatos brancos e meias pretas.

Pronto para ir à academia.

O dia começou antes mesmo das oito horas.

Era por volta das 5h20 quando o alarme do celular despertou. Ainda com um pouco de sono, preferi voltar a dormir por alguns minutos. Aqueles poucos minutos acabaram se estendendo até as 6h40, quando finalmente decidi me levantar para cuidar das coisas.

Levantei-me e abri a porta dos fundos da casa.

Comecei a lavar o quintal, onde havia algumas fezes de uns gatinhos que tenho para adoção. Depois, coloquei ração e água para eles e, logo em seguida, fiz o mesmo com minha calopsita.

São coisas simples.

Coisas que faço porque precisam ser feitas.

Mas, enquanto cuidava dos animais, pensei em como a vida é construída por esses pequenos gestos que quase ninguém vê.

Depois de cuidar do quintal e dos animais, entrei em casa.

Enxuguei os pratos, preparei um achocolatado e comi dois pães de forma com requeijão e manteiga.

Em seguida, comecei a me arrumar para ir à academia.

Tudo parecia seguir normalmente.

Mas existe uma coisa sobre mim que venho percebendo com o passar dos anos: mesmo quando estou fazendo alguma atividade simples, minha cabeça dificilmente permanece em silêncio.

Estou sempre pensando.

Às vezes, em coisas que preciso resolver.

Em outras, em situações que já aconteceram.

Penso no trabalho, nas pessoas, nos planos que tenho, nas coisas que gostaria de mudar e naquelas que, por mais que eu tente, não dependem apenas de mim.

E foi assim que, às 8h33, sentei-me no sofá da sala.

Abri o WhatsApp e comecei a ler algumas mensagens que haviam chegado.

Entre uma mensagem e outra, comecei a refletir sobre a vida.

Não havia acontecido nada extraordinário naquela manhã.

Eu apenas estava ali.

Sentado no sofá.

Vestido para ir à academia.

Com algumas tarefas já realizadas e tantas outras ainda esperando por mim.

Foi quando senti vontade de escrever.

Talvez porque, nos últimos tempos, escrever tenha se tornado uma maneira de organizar aquilo que nem sempre consigo explicar em uma conversa.

Nem tudo o que penso consigo dizer.

Nem tudo o que sinto encontro coragem para compartilhar.

Às vezes, escrevo porque preciso compreender meus próprios sentimentos.

Outras vezes, porque tenho medo de esquecer aquilo que vivi.

E existe ainda uma terceira razão, talvez a mais importante: escrever me permite olhar para a minha história sem precisar fingir que tudo foi fácil.

Às 8h40, interrompi a escrita.

Precisava ir à academia.

ENTRE O CORPO E OS PENSAMENTOS

A academia passou a fazer parte da minha rotina.

Não quero dizer que todos os dias acordo cheio de disposição ou que sempre tenho vontade de treinar.

Existem manhãs em que o cansaço fala mais alto.

Outras em que a cabeça está tão ocupada que o corpo parece acompanhar aquele peso.

Mas, de alguma maneira, continuar cuidando de mim também representa uma escolha.

Durante muito tempo, vivi preocupado com tantas coisas ao meu redor que nem sempre consegui olhar para mim com a mesma atenção.

E não estou falando apenas de aparência física.

Estou falando de cuidado.

De reservar algum tempo para fazer algo por mim.

De compreender que também preciso estar presente na minha própria vida.

Mas hoje tento reconhecer que cuidar de mim não é uma recompensa que preciso merecer.

É uma necessidade.

Por volta das 10h55, finalizei meu treino e voltei para casa.

Tomei banho, me arrumei e almocei.

Às 12h30, subi na moto e segui para o trabalho.

Mais uma parte do dia estava começando.

E, junto com ela, vieram responsabilidades que exigiriam de mim uma atenção diferente daquela que havia dedicado à minha própria rotina durante a manhã.

O QUE A GENTE LEVA PARA O TRABALHO

Existe uma diferença entre sair de casa para trabalhar e conseguir deixar todos os sentimentos pessoais do lado de fora.

Nem sempre essa separação acontece.

Às vezes, chegamos ao trabalho carregando preocupações que ninguém conhece.

Em outras, encontramos situações que acabam interferindo na maneira como nos sentimos ao longo do dia.

Durante minha jornada, tive alguns estranhamentos com colegas.

Senti o ambiente um pouco pesado, com os nervos à flor da pele.

Logo comecei a me estressar por dentro.

Mas não externei.

Continuei fazendo aquilo que precisava ser feito.

Não posso dizer que sempre ajo da melhor maneira.

Tenho meus momentos de irritação.

Minhas dificuldades.

Minhas limitações.

Assim como qualquer pessoa.

Mas venho tentando compreender que nem tudo precisa se transformar em confronto.

Ao mesmo tempo, também tenho aprendido que guardar tudo pode ser cansativo.

Existe uma diferença entre escolher o silêncio por maturidade e permanecer calado enquanto algo nos machuca.

E nem sempre é fácil perceber onde termina uma coisa e começa a outra.

Naquele dia, preferi continuar trabalhando.

O plantão foi um pouco corrido.

Atendi alguns familiares e recebi três ocorrências de óbito: um homem e duas senhorinhas, que haviam falecido em suas residências.

Precisei colher todas as informações para, em seguida, encaminhá-las ao setor responsável, a fim de que fossem providenciadas as declarações de óbito.

Mas, por trás de cada informação, existe uma pessoa.

E, por trás de cada pessoa que partiu, existe uma história.

Existem familiares tentando compreender o que aconteceu.

Pessoas que, até poucas horas antes, talvez estivessem vivendo um dia comum.

E, de repente, a vida muda.

Trabalhar diariamente em contato com a morte nos coloca diante de uma realidade sobre a qual muitas pessoas preferem não pensar.

A de que não temos controle sobre tudo.

Podemos fazer planos.

Organizar compromissos.

Pensar na semana seguinte.

Imaginar como estaremos daqui a alguns anos.

Mas existe uma parte da vida que permanece fora do nosso alcance.

Talvez seja justamente por isso que, mesmo depois de tanto tempo trabalhando nessa área, algumas situações ainda me fazem refletir.

Não conheço toda a história das pessoas que chegam até nós.

Muitas vezes, conheço apenas o nome, a idade, as circunstâncias do falecimento e as informações necessárias para dar continuidade ao atendimento.

Mas sei que, para alguém, aquela pessoa representava muito mais do que os dados registrados em um documento.

Era uma mãe.

Um pai.

Um filho.

Uma avó.

Um companheiro.

Alguém cuja ausência será sentida de uma maneira que nenhum procedimento administrativo conseguirá explicar.

E, diante disso, procuro me lembrar da responsabilidade que existe no meu trabalho.

Não se trata apenas de realizar tarefas corretamente.

Trata-se também de compreender que, do outro lado do atendimento, existem pessoas vivendo momentos difíceis.

Pessoas que podem estar confusas.

Assustadas.

Cansadas.

Sem saber exatamente o que fazer.

E que, naquele instante, precisam encontrar alguém disposto a orientá-las com respeito.

Depois de alinhar as informações com os familiares e organizar as documentações, apenas uma das senhorinhas foi acompanhada por nossa equipe para o acolhimento.

Quanto à outra, permanecemos aguardando que toda a documentação estivesse em ordem para que os agentes funerários pudessem seguir até a residência.

O trabalho continuou.

Como continua todos os dias.

E, enquanto uma família tentava compreender uma despedida, outras pessoas, em outros lugares, seguiam vivendo suas rotinas.

É estranho pensar nisso.

Em como o mundo não para quando alguém morre.

O trânsito continua.

As lojas permanecem abertas.

As pessoas seguem para seus compromissos.

Os celulares continuam recebendo mensagens.

E, para uma família, o tempo parece ter sido interrompido.

Talvez seja uma das partes mais difíceis da perda.

Perceber que a vida continua acontecendo ao redor, mesmo quando algo dentro de nós parece ter parado.

Penso nisso porque também sou alguém que carrega ausências.

E sei que existem lembranças que não desaparecem simplesmente porque os dias continuam passando.

O tempo muda muitas coisas.

Mas não apaga tudo.

Algumas pessoas continuam presentes naquilo que lembramos.

Em uma música.

Em um lugar.

Em uma conversa.

Em uma data.

Às vezes, em pequenos detalhes que surgem sem avisar.

Talvez o luto seja também aprender a conviver com aquilo que permanece depois que alguém parte.

E, por mais que eu trabalhe em contato com essa realidade, sei que nenhuma experiência profissional é capaz de preparar completamente uma pessoa para todas as despedidas.

Porque cada perda tem sua própria história.

E cada pessoa encontra uma maneira diferente de continuar.

QUANDO O PLANTÃO TERMINA

Às 22h42, bati meu ponto e fui embora.

Peguei a moto e segui de volta para casa.

Depois de um dia inteiro, tudo o que eu queria era chegar, descansar e ter um pouco de tempo para mim.

Ao entrar, fiquei um pouco deitado no sofá, mexendo no celular e editando algumas fotos.

Estava com preguiça.

Cansado.

Com sono.

E, mesmo assim, ainda não queria encerrar o dia.

Talvez porque exista uma sensação estranha em passar tantas horas cumprindo compromissos e perceber que, quando tudo termina, resta pouco tempo para fazer aquilo de que gostamos.

Às vezes, sinto que a vida adulta funciona assim.

Acordamos.

Organizamos a casa.

Cuidamos das responsabilidades.

Trabalhamos.

Voltamos.

Dormimos.

E, no dia seguinte, começamos novamente.

É claro que existem momentos felizes no meio disso tudo.

Existem encontros, conversas, conquistas e pequenas alegrias.

Mas também existe uma rotina que pode fazer os dias parecerem muito semelhantes.

E é justamente por isso que venho tentando prestar mais atenção aos detalhes.

Porque não quero olhar para trás, daqui a alguns anos, e sentir que passei todo esse tempo apenas cumprindo obrigações.

Quero lembrar que vivi.

Que encontrei maneiras de fazer aquilo de que gostava.

Que cuidei de mim.

Que estive presente na vida das pessoas importantes.

Que construí alguma coisa além daquilo que era esperado de mim.

Nem sempre consigo.

Existem dias em que estou tão cansado que não tenho vontade de fazer absolutamente nada.

Mas também existem noites em que, mesmo cansado, encontro disposição para alguma atividade que me faz bem.

Naquela noite, foi assim.

Depois de descansar um pouco, tomei banho e jantei.

Em seguida, iniciei uma camisa de crochê para um amigo que havia gostado de um modelo que eu tinha confeccionado alguns dias antes.

Enquanto fazia a camisa, fiquei assistindo a uma série que venho acompanhando desde o início de setembro, "O Conto da Aia", disponível na Netflix.

O crochê é uma dessas atividades que fazem parte de mim e que, de alguma maneira, também representam minha vontade de criar.

E talvez exista uma ligação entre todas essas atividades.

O crochê, a dança, o desenho, a escrita.

São maneiras diferentes de criar.

De colocar para fora alguma coisa que começou dentro de mim.

Nem sempre preciso explicar o que estou sentindo para conseguir expressar uma parte disso.

Às vezes, basta fazer.

E, naquela noite, entre uma cena da série e outra, fui confeccionando a camisa.

O tempo passou.

O sono começou a pesar.

Por volta das duas horas da madrugada, já sem conseguir resistir ao cansaço, desliguei a televisão, interrompi a confecção da camisa e fui dormir.

O QUE FICA DE UM DIA COMUM

Naquela manhã, quando sentei no sofá às 8h33, não sabia exatamente como o restante do dia aconteceria.

Não sabia que encontraria um ambiente um pouco pesado no trabalho.

Não sabia quais famílias precisariam de atendimento.

Não sabia que chegaria em casa cansado e, mesmo assim, ainda encontraria disposição para começar uma camisa de crochê.

Eu apenas estava vivendo.

Por isso, tenho pensado cada vez mais sobre a importância de viver o presente.

Não no sentido de abandonar os planos para o futuro.

Tenho sonhos.

Tenho objetivos.

Existem muitas coisas que ainda desejo conquistar.

Mas não quero passar tanto tempo preocupado com aquilo que ainda não aconteceu a ponto de esquecer o que está acontecendo agora.

Também não quero continuar permitindo que determinadas lembranças do passado ocupem todos os espaços da minha vida.

Sei que algumas experiências deixaram marcas.

Sei que existem coisas que ainda preciso compreender.

E sei que nem sempre será possível olhar para trás sem sentir alguma coisa.

Mas estou tentando aprender que minha história não precisa ficar limitada àquilo que me machucou.

Também sou feito das coisas que consegui construir.

Das pessoas que conheci.

Das amizades que cultivei.

Das atividades que aprendi.

Dos sonhos que ainda carrego.

E até mesmo dos dias comuns, como aquela segunda-feira de setembro.

Mas hoje consigo reconhecer algo que talvez não compreendesse quando era mais novo.

Não preciso resolver toda a minha existência em um único dia.

Não preciso ter todas as respostas antes de dormir.

Não preciso transformar cada momento em uma grande conquista.

Às vezes, basta continuar.

Levantar da cama.

Cuidar daquilo que precisa de mim.

Cumprir minhas responsabilidades.

Encontrar um pequeno espaço para fazer algo de que gosto.

E permitir que o dia termine.

O que sei é que aquela segunda-feira existiu.

E, de alguma maneira, deixou de ser apenas mais um dia quando decidi escrevê-la.

Porque agora ela faz parte destas páginas.

Da minha história.

De quem eu era naquele momento.

E talvez, quando eu voltar a ler este capítulo daqui a muitos anos, não me lembre exatamente do cansaço, das mensagens no celular ou das preocupações que passaram pela minha cabeça.

Mas espero me lembrar de uma coisa.

Que, mesmo em meio à rotina, eu estava tentando encontrar uma maneira de viver melhor.

De compreender meus sentimentos.

De cuidar de mim.

De valorizar aquilo que parecia pequeno.

E de continuar construindo uma vida que fizesse sentido para mim.

Porque nem todos os dias precisam mudar nossa história. Alguns apenas nos lembram de que ainda estamos aqui, vivendo-a.

E, por enquanto, talvez isso já seja muita coisa.

CAPÍTULO 16

Enquanto Escrevo, Meu Coração Dança

"Há sonhos que não cabem apenas no coração. Eles precisam ganhar vida, vestir cores e aprender a dançar."



Foto: Estreia da Quadrilha Junina Luar do Sertão 30 de maio de 2026 — Parque da Pecuária, Maceió–AL

Quarta-feira, 16 de setembro de 2026, 19h35.

Nos últimos dias, uma ideia tem voltado muitas vezes à minha cabeça: escrever sobre aquilo que passa pela mente de um quadrilheiro.

Neste exato momento, encontro-me sentado na cadeira do trabalho, de frente para o computador. O plantão está tranquilo. Já passa das 19h40 e praticamente tudo o que preciso deixar encaminhado para a equipe da noite, que assumirá às 22h, já está feito. Não há serviços acontecendo nem atualizações pendentes. Pela primeira vez em algum tempo, existe um pequeno espaço de silêncio.

E foi justamente nesse silêncio que minha mente começou a dançar.

Por isso, escolhi o título "Enquanto Escrevo, Meu Coração Dança". Talvez porque seja exatamente isso que esteja acontecendo agora. Enquanto minhas mãos escrevem estas palavras, minha memória percorre estradas, palcos, quadras, ensaios, figurinos, músicas, amizades e noites de São João.

Volto para um menino que, ainda criança, já sentia alguma coisa diferente quando via alguém dançando. Naquela época, eu ainda não sabia o quanto a dança faria parte da minha vida.

Não imaginava quantas pessoas conheceria por causa dela, quantos lugares visitaria, quantas vezes precisaria interromper esse sonho e quantas outras encontraria forças para recomeçar.

Minha paixão pela dança começou ainda na infância, quando eu morava no interior, na pequena cidade onde nasci e cresci: Santana do Mundaú.

Nos períodos de festividades, eu costumava ir às apresentações das bandas na cidade. Mas, se alguém me perguntasse naquela época o que realmente me levava até lá, talvez eu respondesse que era a música.

A verdade, porém, é que meus olhos procuravam outra coisa.

Os bailarinos.

Eu ficava encantado. Havia algo naquelas pessoas dançando que prendia completamente minha atenção. Eu observava cada movimento, cada apresentação, cada maneira de ocupar aquele espaço.

E, lá no fundo, existia uma vontade que ainda não sabia explicar.

A vontade de estar ali também.

No Natal, aquilo ficava ainda mais bonito. As casas enfeitadas, os carros decorados passando pelas ruas, as pessoas fantasiadas de Papai Noel e Mamãe Noel, os sacos de presentes nas costas para entregar às crianças.

Eram tempos simples, mas que ficaram guardados em mim.

Também havia pequenas apresentações no clube da cidade. Os adolescentes apresentavam suas danças natalinas, e as escolinhas particulares, como a Chapeuzinho Vermelho, sempre levavam seus alunos para se apresentar.

Eu estava lá para assistir.

Dia das Crianças, Carnaval, São João...

Sempre que havia alguma apresentação, lá estava eu.

Quando a Dança Começou a Fazer Parte de Mim

Aos 14 anos, comecei a participar de um programa do governo chamado PETI. Ali, tive contato com diferentes atividades e festividades voltadas aos adolescentes. Aprendi a tocar bombo, caixa, atabaque e trompete.

Foram experiências importantes, porque, pouco a pouco, fui percebendo que aquela vontade de participar das apresentações não era apenas uma admiração passageira.

Era algo que estava começando a fazer parte de mim.

Com o passar dos anos, o PETI deixou de existir e surgiu o Projovem, voltado para adolescentes de determinada faixa etária. Foi nele que comecei a participar de um grupo de dança.

Também foi nessa época que conheci amigos que se tornariam muito importantes na minha história: Maciel e Flávio.

A partir dali, criou-se entre nós um vínculo muito forte. Era quase uma regra: se um ia, os outros dois iam também. Todas as apresentações que aconteciam na cidade contavam com a nossa presença.

Estávamos sempre juntos.

Participando. Aprendendo. Criando. E, principalmente, vivendo.

Aquele menino que antes observava os bailarinos de longe agora começava a ocupar o espaço que tanto admirava.

O Começo de Uma Paixão

Em 2008, conheci outros adolescentes e comecei a dançar quadrilha na cidade.

Antes disso, havia uma quadrilha tradicional com um nome bastante peculiar, que até hoje chama atenção quando é lembrado: Fogo na Chibada. Cheguei a assistir às apresentações durante um ou dois anos.

Até que, em 2008, nasceu uma nova história.

Fundamos a Quadrilha Junina Milho Verde, que tinha como presidente um jovem chamado de André, conhecido como Dé.

A quadrilha começava a deixar um pouco de lado o formato tradicional e caminhava em direção a um estilo mais moderno e estilizado. As coreografias eram criadas por mim, pelo Maciel e pelo Flávio, com algumas orientações e sugestões do presidente.

Ali, minha paixão pela quadrilha junina realmente começou.

Dançamos juntos em 2008, 2009 e 2010.

Em 2008, dancei como rei. Em 2009 e 2010, como noivo.

O ano de 2010 tinha tudo para ser um dos melhores anos da nossa quadrilha. Mas conseguimos realizar apenas três apresentações.

E o que aconteceu depois mudou muito mais do que uma temporada de São João.

Quando a Vida Interrompeu a Dança

Entre os dias 17 e 19 de junho de 2010, Alagoas viveu uma das maiores tragédias provocadas por enchentes de sua história recente.

As fortes chuvas fizeram os rios Mundaú e Paraíba do Meio transbordarem rapidamente, atingindo diversos municípios. Santana do Mundaú foi profundamente

atingida. Famílias perderam suas casas, seus bens e, em alguns casos, pessoas queridas.

A água e a lama levaram muito mais do que objetos materiais. Levaram sonhos, planos e tudo aquilo que muitas pessoas haviam construído durante uma vida inteira.

A cidade ficou praticamente submersa. Durante semanas, o acesso pelas estradas ficou comprometido.

Aos poucos, cidades vizinhas conseguiram abrir caminhos, e muitos moradores começaram a deixar Santana do Mundaú em busca de um lugar seguro.

Eu fui uma dessas pessoas.

Poucas semanas depois da enchente, fui embora para o estado de São Paulo junto com minha mãe.

E, de repente, a quadrilha ficou para trás.

Durante o período em que permaneci em São Paulo, não participei de grupos culturais ou quadrilhas juninas. Naquele momento, eu sequer sabia se existiam grupos como aqueles por lá.

Foi também um período muito difícil para mim. Tudo o que havia acontecido pesava.

A mudança. A perda. A distância da minha cidade.

E tantas outras coisas fizeram daquele período uma fase de muita tristeza.

Não quero transformar aquela experiência em uma simples lição de superação. Porque existem acontecimentos que nos machucam e que não precisam ser romantizados para fazer parte da nossa história.

E, naquele momento, dançar já não parecia algo tão próximo.

Por algum tempo, a dança ficou em silêncio.

Mas a paixão não morreu.

O Retorno

No final de 2011, retornei a Alagoas, já com 18 anos. Comecei a conhecer novas pessoas, fazer novas amizades e enxergar novas oportunidades.

A vida adulta começava a chegar, trazendo responsabilidades que antes não existiam. Minha mente já não estava tão concentrada nas quadrilhas.

Mas meu coração ainda estava.

Fiquei sem dançar até 2014. Foi quando vim morar em Maceió e conheci uma quadrilha que já admirava desde a época em que ainda morava no interior: a Luar do Sertão.

Entrar naquela quadrilha era um sonho para muita gente.

Inclusive para mim.

Consegui entrar e cheguei a ensaiar durante aproximadamente três ou quatro meses. Porém, naquele momento, comecei a trabalhar de carteira assinada e precisei fazer uma escolha.

Decidi priorizar o trabalho e os estudos.

E, mais uma vez, fiquei sem dançar.

Em 2015, meus amigos de adolescência, Flávio e Maciel, entraram na quadrilha Pé de Serra, que tinha sede no bairro de Bebedouro, em Maceió.

A cada ensaio, minha paixão voltava a despertar. Quanto mais junho se aproximava, maior ficava a vontade de estar novamente naquele universo.

Foi quando comecei a compreender melhor a dimensão do mundo junino.

Dancei na Pé de Serra em 2015, 2016 e 2017.

Em 2018, fui dançar na Santa Fé, uma das grandes quadrilhas juninas de Alagoas.

Foi uma experiência especial. Conheci novas pessoas, fiz novas amizades e vivi um ano que ficou marcado na minha memória.

Entre Idas, Voltas e Recomeços

Em 2019, fiquei desempregado em Maceió e retornei ao interior. Lá, voltei a dançar na quadrilha da cidade, a Flor de Laranjeira.

Dessa vez, fui noivo novamente.

Também passei a fazer parte da direção e ajudei na confecção das saias das damas.

Foi maravilhoso voltar a dançar na minha cidade.

Estar ao lado de uma nova geração de adolescentes e de alguns amigos da minha adolescência fez aquele retorno ter um significado ainda maior.

Então chegaram 2020 e 2021.

A pandemia de coronavírus mudou a vida de todos nós. As quadrilhas juninas pararam. Não houve ensaios como antes.

Não houve aquela rotina de preparação, os encontros, os figurinos, as apresentações e toda aquela movimentação que começa muito antes do mês de junho.

Algumas quadrilhas chegaram a realizar apresentações por meio de lives, com uma quantidade reduzida de componentes. Mas nada substituía completamente a experiência de estar junto.

O São João também sentiu a falta dos quadrilheiros.

E nós sentimos a falta dele.

Em 2022, voltei a dançar na capital, novamente na Pé de Serra. Naquele ano, dancei como rei.

Em 2023, permaneci na mesma quadrilha, dessa vez como destaque do cangaço.

Em 2024, fui para uma nova quadrilha da cidade, a Quadrilha Dona Zabumba.

Foi um ano muito bom. Fiz parte da direção e ajudei novamente na confecção das saias.

Em 2025, permaneci na Dona Zabumba, dessa vez como destaque-tema.

E então chegamos a 2026.

Talvez este tenha sido um dos momentos mais esperados dessa história.

O Sonho Que Esperou por Mim

Aquele sonho que existia desde 2014 finalmente se tornou realidade.

Eu entrei na Luar do Sertão.

A quadrilha que um dia sonhei em integrar finalmente passou a fazer parte da minha história.

E não foi apenas uma temporada de apresentações.

Foi um ano memorável.

A Luar do Sertão apresentou o espetáculo “A Menina dos Olhos do Rei”, em homenagem aos 80 anos da canção “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, celebrando também os 40 anos de trajetória da quadrilha.

A temporada de 2026 foi marcada por conquistas que jamais esquecerei.

Fomos campeões alagoanos do Circuito Alagoano de Quadrilhas Juninas, na categoria Grupo Especial, com

49,9 pontos, em uma final realizada em Atalaia e decidida nos critérios de desempate.

Também conquistamos o título municipal e nos consagramos campeões do Forró & Folia.

Nas duas etapas classificatórias da Região Maceió, alcançamos 50 pontos na primeira apresentação e 49,8 na segunda, acumulando 99,8 pontos.

Além dessas vitórias, conquistamos o vice-campeonato nas competições realizadas em Satuba e na Barra de Santo Antônio.

Mas uma das experiências mais marcantes daquela temporada aconteceu longe de casa, em Campina Grande, na Paraíba.

Participamos da quarta edição do Maior Festival de Quadrilhas Juninas do Mundo, realizado entre os dias 17 e 19 de julho de 2026, na Vila Sítio São João, sob a realização da Junina Moleka 100 Vergonha.

Foi ali que a Luar do Sertão conquistou a terceira colocação no festival, alcançando 478,6 pontos.

Estar entre as três primeiras colocadas de uma competição daquela dimensão foi muito mais do que receber um reconhecimento.

Era levar o nome da nossa quadrilha, a cultura de Alagoas e a dedicação de tantas pessoas para um dos palcos mais importantes da nossa trajetória.

E as emoções daquela temporada ainda não haviam terminado.

Tivemos também a oportunidade de participar do XI Campeonato Brasileiro de Quadrilhas Juninas 2026, realizado no Parque da Pecuária, em Maceió, Alagoas.

Competindo com representantes de diferentes estados do país, a Luar do Sertão conquistou o quinto lugar na classificação geral nacional.

Mas aquela participação reservava outras alegrias.

Nosso espetáculo foi reconhecido com os prêmios de Melhor Cenário/Cenografia e Melhor Repertório Musical do Brasileirão 2026.

Era emocionante perceber que todo o cuidado com os detalhes, as músicas, a construção da história e o trabalho de tantas pessoas estavam sendo reconhecidos nacionalmente.

Quando penso em tudo o que vivemos, não são apenas os troféus que me vêm à memória.

Lembro dos ensaios, do cansaço, das dificuldades, dos abraços e dos momentos em que precisamos superar nossos próprios limites.

Lembro, principalmente, da emoção de olhar ao redor e perceber que eu fazia parte de tudo aquilo.

E pensar que eu estava ali, fazendo parte de tudo aquilo!

Entre tantas quadrilhas, tantos talentos e tantas histórias, eu também estava escrevendo a minha.

Não apenas como alguém que dançava, mas como alguém que finalmente havia encontrado um lugar para viver um sonho que carregava havia tantos anos.

Porque, para mim, estar na Luar do Sertão nunca foi apenas dançar ou disputar campeonatos.

Era realizar um sonho.

Era encontrar um lugar onde eu podia ser parte de algo maior.

E, de alguma forma, cada conquista daquela família junina também se tornava uma vitória dentro de mim.

Aquele menino que um dia sonhou em vestir um figurino e entrar em um tablado jamais poderia imaginar até onde a dança o levaria.

E talvez seja justamente isso que torne essa história tão especial: perceber que alguns sonhos demoram a acontecer, mas, quando finalmente ganham vida, conseguem transformar muito mais do que imaginávamos.

As Pessoas Que a Dança Me Trouxe

Mas, em meio a tantos momentos marcantes, 2026 também me presenteou com algo que nenhum resultado de competição conseguiria representar.

Uma grande amizade.

Foi nesse ano que conheci Romério. O que começou como uma amizade dentro da quadrilha acabou se transformando em algo muito maior.

Aos poucos, ele deixou de ser apenas um colega de ensaio ou de apresentação e passou a ser considerado por mim como um verdadeiro irmão.

Romério foi uma daquelas pessoas que chegaram sem que a gente soubesse o quanto fariam diferença.

Ele alegrou meus dias de ensaio, tornou muitos momentos mais leves e esteve presente em uma fase que já era especial por si só.

Entre ensaios, apresentações, conversas, risadas e tantos momentos compartilhados, nossa amizade foi crescendo naturalmente.

A quadrilha nos colocou no mesmo caminho.

Mas foi a convivência que construiu essa amizade.

Hoje, quando penso em 2026, não consigo lembrar apenas dos títulos, das apresentações ou do espetáculo.

Lembro também das pessoas que fizeram aquele ano ser especial.

E, entre elas, Romério certamente ocupa um lugar muito importante.

É uma amizade que nasceu dentro da quadrilha, mas que ultrapassou os limites dela.

Uma amizade que pretendo levar comigo para muito além dos ensaios, das apresentações e dos meses de junho.

Aquilo Que Não Cabe em Um Troféu

E, quando penso em tudo isso, volto mentalmente para aquele menino de Santana do Mundaú.

O menino que assistia às apresentações das bandas e ficava encantado com os bailarinos.

Que observava os adolescentes dançando nas festividades da cidade.

Que queria participar.

Que queria estar do outro lado.

Não quero dizer que tudo tenha sido fácil.

Porque não foi.

Conciliar a vida pessoal, o trabalho e a quadrilha exige dedicação. Existem momentos de cansaço.

Dias em que precisamos reorganizar compromissos. Situações em que nem tudo acontece como imaginávamos.

Mas existe algo que sempre me faz querer continuar.

A sensação de pertencimento.

Durante diferentes momentos da minha vida, procurei encontrar lugares onde pudesse ser eu mesmo.

Lugares onde não precisasse esconder completamente aquilo de que gosto. Onde pudesse criar, participar, aprender e compartilhar experiências com outras pessoas.

A quadrilha, de alguma maneira, tornou-se um desses lugares.

Não porque tudo seja perfeito. Nenhum grupo formado por pessoas diferentes estará livre de dificuldades.

Mas porque ali encontrei oportunidades de expressar uma parte importante de quem sou.

E isso tem muito valor para mim.

Às vezes, penso em quantas coisas deixamos de fazer por medo.

Medo de não conseguir. De não sermos bons o suficiente. De não sermos aceitos.

De começarmos alguma coisa e precisarmos interrompê-la.

Eu mesmo precisei deixar esse sonho de lado em diferentes momentos.

Mas, olhando para trás, percebo que interromper um caminho não significa necessariamente chegar ao fim dele.

Às vezes, a vida nos obriga a esperar.

A amadurecer. A construir outras coisas. A enfrentar responsabilidades que não podem ser ignoradas.

E, quando menos esperamos, encontramos uma oportunidade de voltar.

Talvez não exatamente para o mesmo lugar.

Talvez não sendo a mesma pessoa.

Mas carregando uma vontade que permaneceu viva.

Foi assim comigo.

A dança começou na infância. Ganhou força na adolescência. Foi interrompida por acontecimentos que mudaram minha vida.

Voltou em diferentes momentos.

E continuou me acompanhando até aqui.

Enquanto Escrevo, Meu Coração Dança

Talvez o menino que observava os bailarinos em Santana do Mundaú não soubesse explicar o que sentia.

Ele apenas queria dançar.

Hoje, depois de tantos anos, ainda encontro dificuldade para colocar esse sentimento em palavras.

Mas consigo compreender melhor o que a dança representa para mim.

Não sei por quantos anos ainda continuarei dançando quadrilha.

Não sei quais grupos farão parte do meu futuro. Nem quais histórias ainda terei a oportunidade de viver.

Mas sei que tudo aquilo que vivi até aqui já ocupa um lugar que ninguém poderá retirar de mim.

Porque existem experiências que terminam no calendário, mas continuam acontecendo dentro da gente.

E talvez seja justamente essa permanência que explique por que, depois de tantos anos, continuo me emocionando quando penso na dança.

Existe uma parte daquele menino que nunca deixou de ouvir a música.

Uma parte que ainda se encanta. Que ainda sente vontade de entrar em cena. Que ainda encontra alegria quando chega o São João.

E hoje, mesmo sentado diante de um computador, em pleno expediente, posso dizer que meu coração continua dançando.

Porque algumas paixões não precisam estar diante de um palco para continuar vivas.

Elas permanecem dentro de nós, acompanhando cada passo, mesmo quando a vida nos obriga a seguir por outros caminhos.

CAPÍTULO 17

Entre a Vida e as Despedidas

"A vida é linda demais para não saber viver."

Já tive diversas experiências profissionais ao longo da minha vida. Fui professor, na função de monitor, ajudante de pedreiro, vendedor externo de planos de saúde, vendedor de calçados, recepcionista, atendente de padaria, ajudante de padeiro, repositor de supermercado, artesão e autônomo, entre tantas outras atividades que fizeram parte da minha trajetória.

Cada uma delas me ensinou alguma coisa. Algumas exigiram esforço físico; outras, paciência, responsabilidade e habilidade para lidar com pessoas. Em determinados momentos, precisei aprender funções completamente diferentes, adaptar-me a novas rotinas e recomeçar quando as coisas não aconteciam como eu esperava.

Nunca tive vergonha de trabalhar. Pelo contrário, sempre compreendi que cada oportunidade, por mais simples que parecesse, poderia me ensinar algo importante.

Mas nenhuma dessas experiências se compara ao meu trabalho atual.

Não porque as anteriores tenham sido menos importantes, mas porque trabalhar em uma funerária mudou profundamente a maneira como passei a enxergar a vida.

Costumo dizer que a vida é linda demais para não saber viver.

E, quanto mais penso nessa frase, mais percebo como passamos boa parte do nosso tempo esquecendo o verdadeiro significado dela.

Acordamos, seguimos nossas rotinas, cumprimos nossas obrigações e, muitas vezes, fazemos tudo de maneira automática.

E quase nunca paramos para fazer uma pergunta que, apesar de simples, pode mudar a maneira como enxergamos nossa existência:

E se o amanhã não existir para mim?

E se hoje for meu último dia de vida?

Não faço essas perguntas para despertar medo, mas porque aprendi que não temos controle sobre tudo o que acontece conosco.

A vida é um sopro.

Quantas vezes deixamos de fazer alguma coisa porque estamos preocupados com o que os outros vão achar? Quantas vezes questionamos se somos suficientes, se estamos fazendo as escolhas certas ou se conseguiremos corresponder às expectativas das pessoas ao nosso redor?

E, nessa tentativa de agradar, acabamos nos colocando em segundo plano.

Eu conheço bem esse sentimento.

Durante diferentes momentos da minha vida, preocupei-me com opiniões, escondi sentimentos e deixei que o medo interferisse em algumas escolhas. Hoje, olhando para minha trajetória, percebo quanto tempo podemos perder tentando encontrar nosso lugar na vida dos outros, enquanto esquecemos de cuidar da nossa própria existência.

E isso não acontece apenas conosco. Também se reflete na maneira como convivemos com as pessoas que amamos.

Quantas pessoas acordam pela manhã, organizam suas coisas e seguem para o trabalho sem sequer desejar um bom dia a alguém da própria casa?

Às vezes, estamos tão preocupados com o horário, com os compromissos e com os problemas que esquecemos de olhar para quem está ao nosso lado.

Deixamos uma conversa para depois.

Um abraço para outra ocasião.

Uma visita para o próximo fim de semana.

Uma mensagem para quando tivermos tempo.

Mas quem nos garante esse tempo?

Foi principalmente depois que comecei a trabalhar em uma funerária que essas perguntas passaram a fazer parte dos meus pensamentos.

Em outubro de 2022, iniciei uma experiência profissional que, sem que eu imaginasse, transformaria minha maneira de compreender a vida e as despedidas.

Até então, eu já havia trabalhado com atendimento ao público em diferentes setores. Sabia da importância de receber bem as pessoas, oferecer informações e procurar resolver suas necessidades.

Mas lidar com o luto é algo completamente diferente.

O atendimento funerário vai muito além de um bom dia, boa tarde ou boa noite.

Quem chega a uma funerária, na maioria das vezes, não está ali por escolha. Está porque perdeu alguém. Porque recebeu uma notícia difícil. Porque precisa tomar decisões em um momento em que talvez nem consiga organizar os próprios pensamentos.

E foi necessário compreender que, naquele ambiente, até mesmo a maneira de cumprimentar uma pessoa exige sensibilidade.

O profissional precisa observar como a família chega, como se comunica e de que maneira está enfrentando aquele momento.

Existem pessoas que chegam chorando. Outras permanecem em silêncio. Algumas tentam demonstrar firmeza, mesmo quando a tristeza está evidente em seus olhos.

Cada pessoa reage de uma maneira.

Cada família carrega uma história.

E nenhuma despedida é igual à outra.

A postura também precisa ser diferente. As vestimentas são mais discretas, a maneira de falar exige cuidado e o atendimento deve acontecer com respeito ao momento vivido por cada família.

Aprendi que nem sempre precisamos dizer muitas palavras.

Às vezes, o silêncio também é uma forma de acolhimento.

Em outras situações, a família precisa de alguém que explique os procedimentos com calma, que tenha paciência para responder às dúvidas e que compreenda a dificuldade de tomar decisões diante de uma perda.

Com o tempo, percebi que acolher não significa tentar fazer a dor desaparecer. Isso não está ao nosso alcance.

Acolher é compreender que aquela pessoa está vivendo um momento difícil e fazer o possível para que receba a orientação e o respeito de que precisa.

E existe algo que muitas pessoas talvez não imaginem: o atendimento funerário começa, frequentemente, antes mesmo da chegada da família à Central de Velórios.

Começa em uma ligação telefônica.

Em uma mensagem enviada pelo WhatsApp.

Em um pedido de orientação.

Às vezes, começa quando a família já recebeu a notícia do falecimento. Em outras ocasiões, o contato acontece enquanto alguém ainda enfrenta um estado de saúde delicado e seus familiares procuram compreender os procedimentos que poderão ser necessários.

Do outro lado do telefone, existe uma pessoa que talvez esteja tentando encontrar forças para falar.

Alguém que não sabe por onde começar.

Que precisa de informações, mas também de paciência.

E é nesse momento que compreendo a responsabilidade do meu trabalho.

Porque aquilo que, para nós, faz parte da rotina profissional, para aquela família pode representar um dos dias mais difíceis de sua vida.

São documentos, orientações, contatos e decisões que precisam ser organizados. Mas, por trás de cada procedimento, existe uma história que merece respeito.

Ao longo desses anos, passei a conviver diariamente com uma realidade que antes parecia distante.

Vejo a tristeza.

Vejo o desespero.

Vejo as lágrimas escorrendo pelo rosto dos familiares.

Vejo pessoas tentando encontrar forças para realizar aquilo que precisa ser feito, mesmo quando tudo o que talvez desejassem fosse ter mais um momento ao lado de quem partiu.

E é impossível presenciar essas situações sem refletir sobre a própria vida.

Muitas vezes, enquanto realizo meu trabalho, penso que aquela pessoa que está sendo velada também teve uma rotina.

Acordava pela manhã.

Fazia planos.

Tinha compromissos.

Gostava de determinadas coisas.

Convivia com familiares, amigos e pessoas que faziam parte de sua história.

Talvez tivesse sonhos que ainda desejava realizar.

Não conheço todas essas histórias, e sei que jamais poderia compreender completamente o significado de uma perda para cada família.

Mas reconheço que toda pessoa deixa lembranças.

E que, para quem fica, a ausência pode transformar até mesmo os momentos mais simples do cotidiano.

Uma cadeira vazia à mesa.

Uma voz que já não será ouvida.

Uma mensagem que não chegará.

Um costume que, de repente, passa a fazer falta.

É justamente quando penso nessas pequenas coisas que compreendo o quanto a vida merece ser valorizada.

Não apenas nos grandes acontecimentos.

Não somente nas conquistas profissionais, nas viagens ou nas comemorações.

Mas também nos momentos comuns, aqueles que muitas vezes passam despercebidos.

Coisas tão pequenas que, enquanto acontecem, talvez nem percebamos sua importância.

Trabalhar no setor funerário me fez agradecer mais.

E, principalmente, tentar hesitar menos diante daquilo que realmente importa.

Não significa que deixei de ter medo ou que aprendi a viver perfeitamente.

Continuo cometendo erros. Continuo tendo dúvidas, inseguranças e dias difíceis.

Também deixo coisas para depois. Também me preocupo com situações que talvez não merecessem tanta atenção.

Mas hoje consigo perceber com mais clareza o quanto o tempo é precioso.

E talvez essa seja uma das maiores lições que meu trabalho tenha me proporcionado.

Durante muito tempo, podemos acreditar que a felicidade está sempre um pouco mais adiante.

Mas a verdade é que nem sempre tudo estará no lugar.

A vida é feita de acontecimentos que não conseguimos prever. De mudanças, dificuldades, conquistas, encontros e despedidas.

E, enquanto esperamos pelo momento perfeito, o presente continua passando.

Penso nisso quando lembro do menino que fui.

De tudo o que guardei em silêncio.

Das vezes em que tentei me adaptar para ser aceito.

Dos caminhos que percorri até chegar aqui.

E percebo que ainda estou aprendendo a viver de maneira mais verdadeira.

Talvez nunca deixemos completamente de ter dúvidas sobre nós mesmos.

Talvez sempre exista alguma coisa a compreender, algum medo a enfrentar ou alguma escolha difícil a fazer.

Mas hoje sei que não quero passar minha vida inteira apenas esperando ter coragem.

Quero continuar aprendendo a me permitir.

E há outro aspecto dessa profissão que considero importante.

Quem trabalha com o luto também sente.

Às vezes, as pessoas podem imaginar que, depois de tantos atendimentos, nos acostumamos com a morte a ponto de não sermos mais afetados por ela.

Mas aprender a exercer uma profissão não significa deixar de ser humano.

Com o tempo, desenvolvemos uma postura mais serena, aprendemos os procedimentos e compreendemos melhor nossas responsabilidades.

Ainda assim, continuamos sendo pessoas que possuem famílias, sentimentos, lembranças e receios.

Também sabemos o que significa amar alguém.

Também conhecemos a saudade.

Também temos medo de perder pessoas importantes.

Por isso, acredito que trabalhar nesse setor exige não apenas preparo profissional, mas equilíbrio emocional.

É preciso acolher a dor de uma família sem esquecer que também precisamos cuidar de nós mesmos.

E talvez seja justamente essa consciência que torne o atendimento mais humano.

Saber que, diante de nós, não existe apenas uma solicitação a ser resolvida.

Existe uma pessoa vivendo uma despedida.

Hoje, quando penso em todas as profissões que exerci, compreendo que cada uma contribuiu para minha formação. Mas foi no setor funerário que passei a refletir, com mais profundidade, sobre a brevidade da vida.

Antes, eu já sabia que a morte existia.

Todos nós sabemos.

Mas existe uma diferença entre saber que algo faz parte da existência e conviver diariamente com suas consequências.

Meu trabalho não me ensinou a deixar de temer as despedidas.

Ensinou-me a olhar com mais atenção para as presenças.

Talvez você, que está lendo estas palavras, também tenha alguma coisa que vem adiando.

Talvez seja a decisão de olhar para si com mais respeito.

Não sei qual é a sua história.

Não sei quais perdas já enfrentou, quais dificuldades carrega ou quais sentimentos guarda em silêncio.

Mas gostaria que, por um instante, você pensasse sobre o tempo.

Mas sobre o que estamos fazendo com o tempo que temos agora.

Eu não tenho todas as respostas.

Continuo aprendendo.

Continuo tentando compreender a vida, as pessoas e a mim mesmo.

E talvez seja justamente por isso que este capítulo exista.

Porque, depois de tantas experiências, descobri que trabalhar tão perto das despedidas também pode nos ensinar sobre a importância dos encontros.

Não podemos impedir que a vida siga seu curso.

Não podemos controlar todas as perdas.

Nem garantir que amanhã será como imaginamos.

Mas, enquanto estivermos aqui, ainda podemos demonstrar amor, cuidar das nossas relações, fazer escolhas e procurar viver com mais verdade.

Hoje, quando encerro mais um atendimento e sigo com minha rotina, levo comigo essa consciência. A de que cada pessoa possui uma história. E a de que a minha ainda está sendo escrita.

A vida é um sopro.

E, enquanto houver tempo, eu quero continuar vivendo — não apenas existindo.

CAPÍTULO 18

O Que Ainda Preciso Dizer

Neste livro, escrevi sobre um menino que precisou enfrentar a vida cedo demais.

Um menino que se calou durante muitos anos, que passou por momentos bons e ruins, que aprendeu muitas coisas sozinho e que, em meio à solidão, encontrou no silêncio uma maneira de continuar.

Escrevi sobre uma infância que deixou marcas, sobre os medos que me acompanharam enquanto crescia, sobre as pessoas que fizeram parte da minha caminhada e sobre tantas situações que, de alguma maneira, contribuíram para que eu me tornasse quem sou hoje.

Mas, acima de tudo, escrevi sobre mim.

Sobre aquilo que fui, aquilo que vivi e aquilo que, durante muito tempo, não consegui dizer.

Não escrevo simplesmente por escrever.

Escrevo porque trago verdades que permaneceram guardadas por muitos anos. Verdades que nem sempre foram fáceis de compreender e que, agora, encontram espaço nestas páginas.

Sei que, depois deste livro, talvez minha vida não seja mais a mesma.

Ao lerem estas palavras, meus familiares, amigos e pessoas que fazem parte da minha vida conhecerão histórias que, até então, permanecem em silêncio.

Algumas talvez se surpreendam.

Outras poderão compreender melhor determinadas atitudes, comportamentos e sentimentos que nunca consegui explicar.

E haverá também aqueles leitores que não me conhecem, mas que, de alguma maneira, poderão reconhecer partes de suas próprias histórias na minha.

Não sei como cada pessoa receberá aquilo que escrevi.

Essa é uma das coisas que mais me fazem pensar.

Durante tanto tempo, tive medo da maneira como as pessoas poderiam me enxergar. Preocupei-me com opiniões, julgamentos e com a possibilidade de não ser compreendido.

E agora estou prestes a permitir que conheçam uma parte de mim que, durante anos, mantive protegida pelo silêncio.

Não posso negar que isso exige coragem.

Também não posso afirmar que deixei de sentir medo.

Talvez algumas pessoas me abracem depois de ler este livro.

Talvez outras se afastem.

Talvez existam perguntas que eu ainda não saiba responder.

E talvez algumas pessoas simplesmente não compreendam.

Não tenho como prever essas reações.

Mas existe uma diferença entre o menino que começou esta história e o homem que agora escreve suas últimas páginas.

Aquele menino não sabia como falar.

Muitas vezes, nem sequer compreendia aquilo que estava sentindo.

Eu cresci, vivi outras experiências, conheci pessoas, trabalhei, amei, enfrentei perdas, realizei sonhos e continuei tentando encontrar meu lugar no mundo.

E, mesmo depois de tudo isso, ainda havia palavras que eu não conseguia pronunciar.

Foi então que comecei a escrever.

Capítulo por capítulo.

Lembrança por lembrança.

Sentimento por sentimento.

Nem sempre foi fácil encontrar as palavras certas. Houve momentos em que precisei pensar muito antes de continuar. Outros em que percebi que determinadas lembranças ainda despertavam sentimentos que eu acreditava ter deixado para trás.

Mas continuei.

Não porque tivesse todas as respostas.

Continuei porque compreendi que minha história também merecia ser contada.

Durante muito tempo, preocupei-me em ser compreendido pelos outros. Hoje começo a perceber que também precisava aprender a me compreender.

E escrever este livro fez parte desse processo.

Não posso mudar aquilo que aconteceu.

Não posso voltar à infância e evitar determinadas situações que vivi.

Também não posso recuperar o tempo que passei em silêncio.

Mas posso escolher o que fazer com as palavras que ainda tenho.

Posso contar.

Posso reconhecer.

Posso permitir que aquela criança, que durante tanto tempo não soube como pedir ajuda, finalmente tenha sua história ouvida.

Não espero que este livro faça todas as pessoas concordarem comigo.

Também não quero que minha vida seja resumida apenas aos momentos difíceis que vivi.

Porque, entre tantas dores, também existiram alegrias.

Existiram pessoas importantes.

Amizades.

Descobertas.

Conquistas.

Sonhos realizados e outros que ainda desejo realizar.

Minha história não é feita somente daquilo que me machucou.

Ela também é feita de tudo aquilo que me ajudou a continuar.

E talvez seja isso que eu mais queira que o leitor compreenda.

Antes de qualquer julgamento, existe uma pessoa.

Alguém que teve medo, que errou, que tentou acertar, que amou, que sofreu e que, assim como tantas outras pessoas, ainda está aprendendo a viver.

Não sou perfeito.

Nunca fui.

Também não quero que estas páginas me transformem em alguém que não sou.

Quero apenas que aquilo que escrevi seja recebido como parte verdadeira da minha caminhada.

Sei que publicar este livro poderá trazer mudanças.

Algumas talvez sejam boas.

Outras poderão ser difíceis.

Mas já não quero passar o restante da minha vida imaginando o que aconteceria se um dia eu tivesse coragem de falar.

Hoje, depois de escrever tudo isso, consigo olhar para minha trajetória de uma maneira diferente.

Não porque todas as feridas tenham desaparecido.

Não porque todas as dúvidas tenham encontrado respostas.

Mas porque, pela primeira vez, tantas coisas que permaneceram dentro de mim encontraram um lugar fora do silêncio.

E isso, para mim, tem um significado que talvez eu nunca consiga explicar completamente.

Quando comecei a escrever, não sabia exatamente até onde conseguiria chegar.

Agora, diante destas últimas páginas, percebo que contei muito mais do que imaginava.

Ainda assim, sei que minha vida não termina aqui.

Existem outros caminhos para percorrer.

Outras pessoas para conhecer.

Outros sonhos para realizar.

Outras histórias que ainda serão vividas.

Talvez, daqui a alguns anos, eu volte a estas páginas e encontre um homem diferente daquele que as escreveu.

Espero que sim.

Espero continuar aprendendo, amadurecendo e encontrando novas maneiras de viver com mais liberdade e verdade.

Por enquanto, quero apenas reconhecer a importância deste momento.

Escrevi aquilo que durante muito tempo não consegui dizer.

Permiti que partes da minha história, antes conhecidas apenas por mim, encontrassem palavras.

E, mesmo sabendo que não posso controlar o que os outros pensarão depois da leitura, existe algo que hoje consigo afirmar:

Eu estou em paz.

Não uma paz que significa ausência de problemas, medos ou lembranças difíceis.

Mas a paz de saber que não preciso continuar escondendo toda a minha história para ser aceito.

Talvez algumas pessoas compreendam.

Talvez outras não.

E eu precisarei aprender a conviver também com isso.

Porque a vida continua.

E eu também.

No início deste livro, escrevi sobre o silêncio.

Sobre tudo aquilo que guardei enquanto tentava compreender quem era e encontrar meu lugar.

Agora, ao chegar às últimas palavras, percebo que não preciso encerrar minha história com todas as respostas.

Preciso apenas reconhecer que tive coragem de começar a contá-la.

Pois...

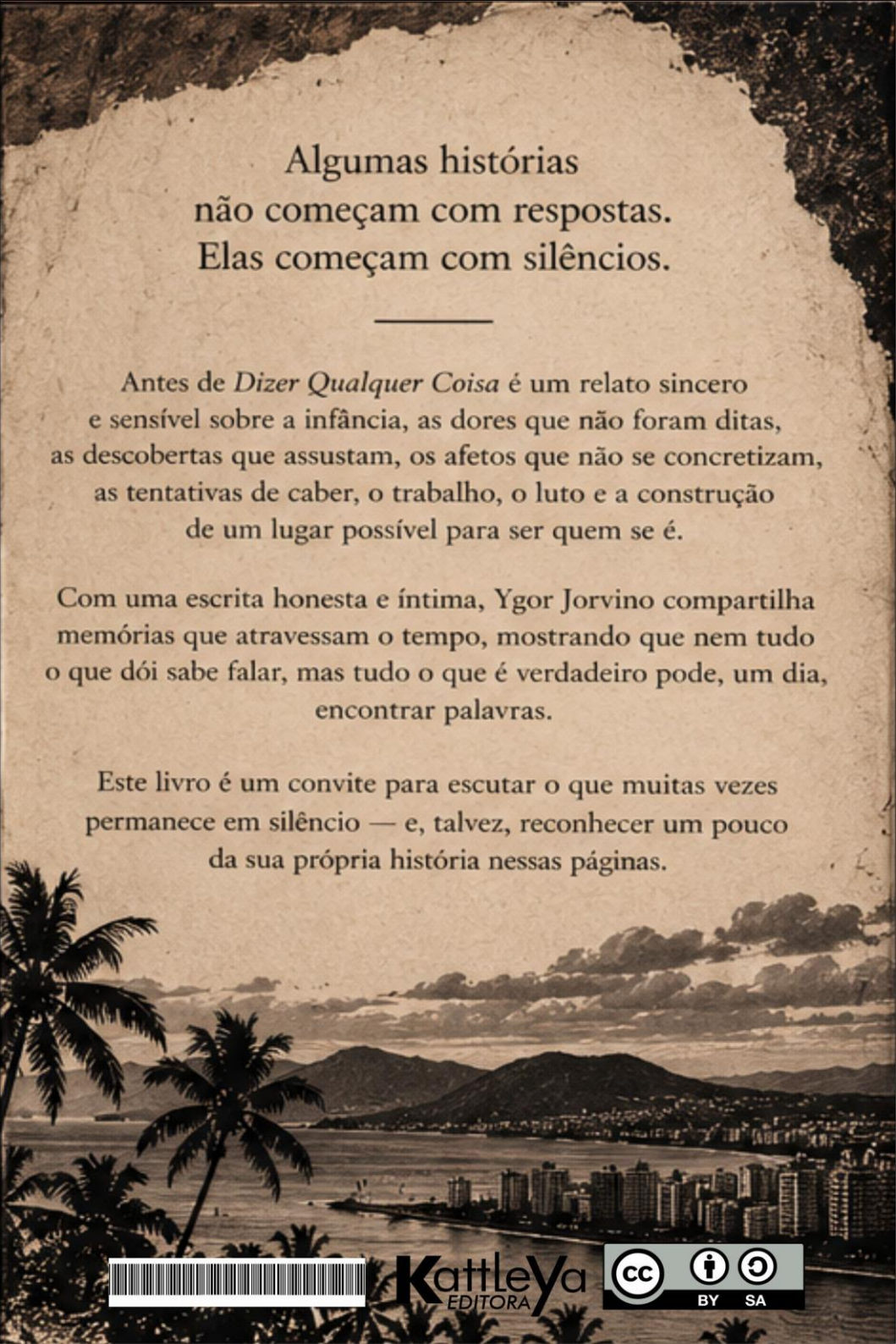
“Aprendi cedo a ficar em silêncio. Hoje, depois de tantos anos, ainda existem coisas que não sei dizer. Mas já não quero que o silêncio conte toda a minha história.”

Algumas histórias
não começam com respostas.
Elas começam com silêncios.

Antes de *Dizer Qualquer Coisa* é um relato sincero
e sensível sobre a infância, as dores que não foram ditas,
as descobertas que assustam, os afetos que não se concretizam,
as tentativas de caber, o trabalho, o luto e a construção
de um lugar possível para ser quem se é.

Com uma escrita honesta e íntima, Ygor Jorvino compartilha
memórias que atravessam o tempo, mostrando que nem tudo
o que dói sabe falar, mas tudo o que é verdadeiro pode, um dia,
encontrar palavras.

Este livro é um convite para escutar o que muitas vezes
permanece em silêncio — e, talvez, reconhecer um pouco
da sua própria história nessas páginas.



KattleYa EDITORA

CC BY SA